REVISTA DA SEMANA

Nº 38 ★ 23-9-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: O DIA DA PÁTRIA - CEM VÊZES ELA SALTOU DE PARAQUEDAS - AINDA EXISTE A CASA DOS EXPOSTOS?

Cecile Aubry

A ESTRÊLA DO MOMENTO

é uma das dezenas de artistas que figuram no

ALBUM DE A CENA DE 1950!

Que contém: muitas fotografias em tamanho grande, a côres e em prêto-e-branco, dos mais famosos astros do

CINEMA
-- RÁDIO --
-- TEATRO --
-- MÚSICA --

- Biografias e curiosidades.
- Fichário completo e pormenorizado dos artistas.
- Artigos especiais, assinados por destacados cronistas cinematográficos e radiofônicos.

NUMA EDIÇÃO PRIMOROSAMENTE DE LUXO

Preço: 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio, à CIA. EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

À VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS DO RIO E DOS ESTADOS

CHUVA DE CANDIDATOS

Esta crônica foi escrita e publicada em 1906, quando o Brasil também atravessava uma intensa fáse de campanha eleitoral. Como se pode vêr, o fenômeno se repete e João do Rio está em plena atualidade, nesta sua página que êle voltaria a redigir nestes dias de tanta expectativa. O panorama é o mesmo, apenas mais amplo. Na essência, porém, tudo obedece ao mesmo «leit-motiv».

CANDIDATOS! Candidatos! Chuva de candidatos! E' o grande momento, a hora tremenda. Duzentos e tantos cidadãos percebem de súbito o inconveniente de não serem vitalícias as eleições; o quádruplo dêsse batalhão tem o coração a bater com a esperança de uma cadeira. E' a época das estranhas vegetações parasitárias, é o tempo em que à flor da terra surgem Calino a querer mandar, Prudhomme a ter idéias, e o velho parasita Gnato escancarando a bôca para morder e devorar. Dinheiro e eleição; é esta a senha. Aquêle o Santo... que mais faz milagres.

Instituiu-se na cidade a Feira periódica de Salvação. Há por tôda a parte manifestos, apelos, apresentações de programas, "interviews".

— Enfim, que pensa v. excia. sôbre as indústrias?

— Hum!

— Com o surdo protesto do comércio e as marcas de fábrica...

— Bhun...

— De resto, as suas opiniões estão em franca oposição.

— Hum!

— Mas o govêrno do dr. Afonso Pena...

— Hum...

— Está claro, é uma questão de equilíbrio financeiro, apesar dos "deficits".

— Hon, hon...

— Sim, os automóveis, franca entrada...

E mais adiante:

— Eu sou positivo, gosto de situações claras, confesso-me pùblicamente à imprensa. Ainda há pouco fiz o programa político que sustentarei na Câmara.

Candidatos! Chuva de candidatos! Surgem de todos os lados, multiplicam-se a cada momento, caem-nos em cima, dos lampiões de gás ou dos sobrados, saltam do nosso copo de aperitivo, estão dentro da nossa algibeira, na nossa cama. Que fizeram êsses cavalheiros nos três anos em que eram deputados? Foram arrastados pelo inevitável moinho da vaidade, que desnorteia os mais calmos. Um, para fazer bonito e ser aplaudido pelos gatos-pingados da galeria foi de encontro às determinações dos mandões do Estado; outro, à última hora, vendo a cisão achar o edifício do seu partido, hesitou em aderir na impossibilidade de adivinhar qual o pedaço que dominaria; outros perderam o faro das correntes dominantes, outras para fingir de patriótico levaram a gritar todo o dia as sandices habituais... Que fizeram êsses cavalheiros? Foram exatamente os fracos homens que são, com a máscara da alma verdadeira, a filáucia, a presunção, a voracidade subsidiária do Tesouro. Os jornais ingênuos afirmam, há vários lustros, que êles foram papagaios. Pobres jornais. Como se a Câmara não fôsse a mais completa "menagerie" cerebral, acolhendo no seu velho bôjo desde os papagaios inconscientes atacados daquele mal que Leibnitz chamava o psitacismo, até às velhas focas assustadas, aos pavões garbosos e às gralhas tartamudeantes!

De repente, porém, para êsses duzentos e tantos homens, um dobre funéreo repercutiu, anunciando o fim do mandato, desdobrando diante de cada pilar do país a desagradável visão de um futuro descadeirado. E, como nas mágicas, de súbito, surgiram os candidatos.

Os Candidatos! Dizeis que são os mesmos homens, com as mesmíssimas qualidades e as mesmas opiniões? Engano lêdo e cego! O candidato é um ser a parte, uma entidade misteriosa que desabrocha de três em três anos nas personalidades elegíveis. Não é preciso viver aqui, ler as gazetas, estar a par do movimento político para perceber a nevrose dêsse "record" de três meses. Robinson Crusoé, em pessoa, se deixasse a ilha deserta e aqui aportasse, escreveria no seu diário: "Dezembro. Aportei a uma cidade de insolentes, onde uma pequena minoria, excessivamente delicada é seguida de uma tropa de sujeitos ansiosos."

Sim! Porque nesta cidade grosseira, o candidato é uma personalidade verdadeiramente delicada. Uma reviravolta intestina, o grande conselho do estômago, dá-lhe ao braço têso o recurvado amável e áulico; o chapéu que nunca lhe saía da cabeça, sai-lhe a todo o instante ondulando-lhe os cabelos como a bôlsa de um caçador de borboletas adeja nas florestas; os olás secos, pronunciados brevemente, entre dentes, desdobram-se em exclamações carinhosas no diapasão expressivo; e o pobre diabo que ainda em agôsto não era cumprimentado tem a recebê-lo em dezembro esta frase íntima:

— Então como vai o grande fujão que ninguém mais vê?

A amabilidade é um corolário de necessidade, o engrossamento nasceu do desejo de trepar, de dominar, de ser engrossado. Todos os que foram deputados, todos os que querem ser, têm esperanças e receios. Os incluídos nas chapas oficiais dizem: — "Eu cá estou tranquilo". Mas quem pode estar tranquilo desde que se inventou as revoluções? Nem o imperador Tibério, nem mesmo o conselheiro Rodrigues Alves! Os outros, os extra-chapas, os repelidos, hiperestisados, escrevendo cartas e matutando a salvação, ficam como um sujeito que, tendo trepado a uma árvore cheia de frutos para os repartir com os que esperam embaixo, sente três anos depois estalar os ramos, e vê com a lenta queda da árvore,

(Cont. na pág. 50)

JOÃO DO RIO



NESTA CASA GENEROSA TÔDAS AS CRIANÇAS ENCONTRAM O AMPARO E O CARINHO QUE LHES FALTOU NOS PRÓPRIOS LARES

PROTEGENDO A CRIANÇA

DESDE 1910 a séde da antiga Casa dos Expostos foi instalada no casarão da Rua Marquês de Abrantes, cuja fachada vemos acima, e que sofreu reformas, sendo aos poucos ampliado para conter o grande número de asilados. Há 212 anos presta inestimáveis serviços à sociedade a instituição pioneira no Brasil do amparo às crianças.

NA CASA DE ROMÃO DUARTE

O PAI DOS SEM PAIS

UMA DAS FREIRAS DE S. VICENTE DE PAULA, A IRMÃ FILOMENA, COMEMOROU 60 ANOS DE VOCAÇÃO RELIGIOSA E DE SERVIÇOS NA ANTIGA CASA DOS EXPOSTOS — A "RODA" FOI ABOLIDA, MAS AS CRIANÇAS CONTINUAM CHEGANDO E OS INFANTICÍDIOS AUMENTARAM — DESDE 1738, QUANDO FOI FUNDADA, A CASA ABRIGOU PERTO DE 60 MIL CRIANÇAS — O QUE CONTA A HISTÓRIA

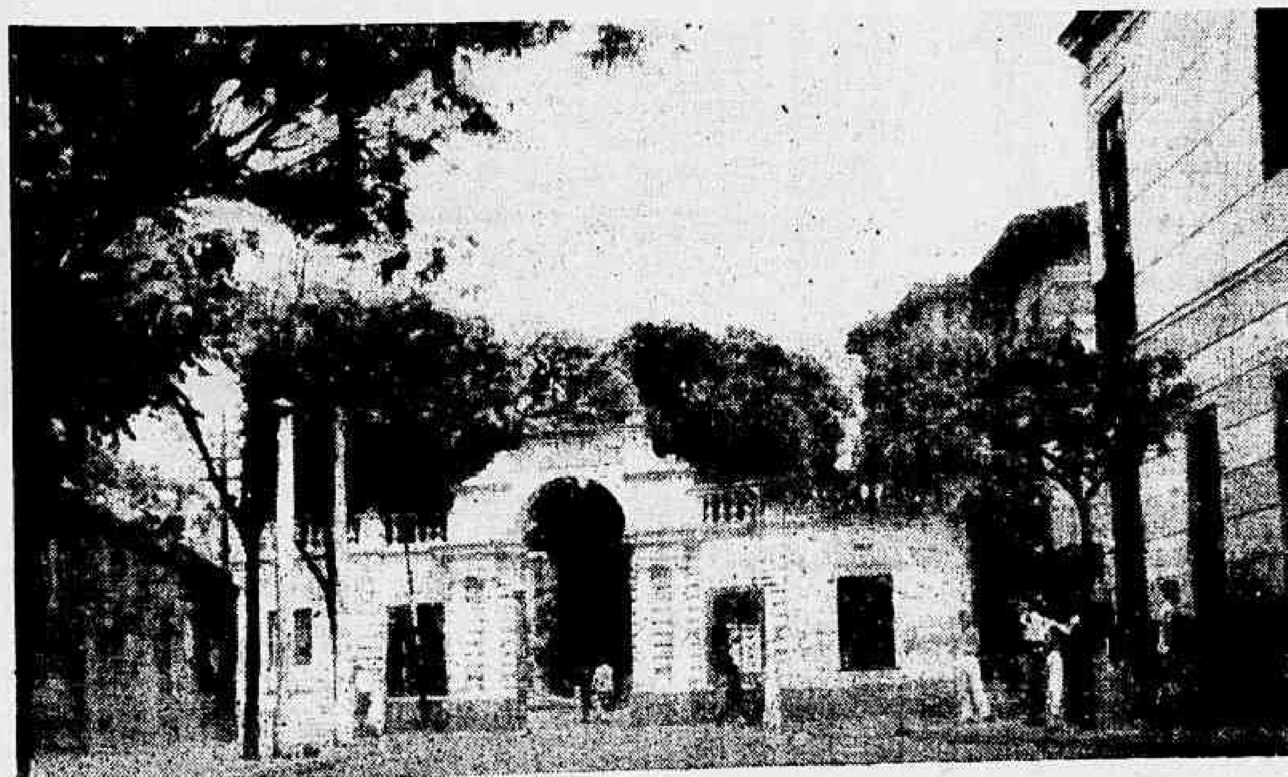
Texto e fotos de SABINO CANALINI

A 8 do corrente, na Fundação Romão de Matos Duarte, foram comemoradas as bodas de diamante da Irmã Filomena. Nada de festas, fôsse em atenção ao estado de saúde da superiora, Irmã Voisin, ou para obedecer aos desejos da modesta aniversariante. Bodas de diamante, isto é, 60 anos desde que se consagrou plenamente ao serviço de Deus, pois que a 8 de setembro de 1890, recebia o hábito de irmã da Ordem de São Vicente de Paula, entrando no mesmo dia para o serviço ativo na antiga Casa dos Expostos, cuja sede então era na rua Evaristo da Veiga. Fomos encontrar a veneranda irmãzinha sentada num velho sofá de palhinha, num canto de corredor, no tôpo da escadaria da casa principal da Fundação. Rodeada por pessoas amigas, senhoras da elite que a visitavam em regozijo pela data, e que a conheciam há muito, tendo acompanhado sua carreira de trabalhos e sacrifícios em defesa das milhares de criancinhas que passaram pelas suas mãos. Recebeu-nos amàvelmente, tentando apoiar-se no auxílio bondoso das amigas, a quem confidencialmente perguntou: — "O que vou dizer ao repórter?".

Para que a nossa presença não a constrangesse, fizemos logo perguntas a que Irmã Filomena respondeu com presteza, enquanto as amigas ampliavam os detalhes das informações em que sobressaía a abnegação da santa velhinha. Soubemos, assim, que Irmã Filomena Guimarães nasceu em Viçosa, Minas, a 11 de abril de 1866. Para a comunidade das Vicentinas entrou em 1886, na cidade de Mariana, onde fêz o postulado. Veio depois para o Rio, em 31 de agôsto de 1888, e aqui cursou o seminário, após o que, vestiu o hábito de irmã. Sua passagem pela Casa dos Expostos foi dedicada exclusivamente ao tratamento das criancinhas enjeitadas e depositadas na "roda".

— Havia dias — conta-nos — em que apareciam duas crianças de cada vez na "roda". Isso era possível porque ela é dividida em duas partes, uma sôbre a outra.

E ficamos a imaginar o desvêlo da pequena irmã a cuidar do minúsculo ente a reclamar atenções maternais em ruidoso chôro. Isso passava-se quase sempre à noite, quando a escuridão melhor agasalhava a vergonha de pobres criaturas que não tinham coragem bastante para criar



PASSANDO pela rua Marquês de Abrantes, quantas pessoas já não prestaram atenção a esse portão antigo e quasi suntuoso? Pois essa é a entrada do mundo dos desvalidos. Quão numerosos são eles!



DURANTE cerca de quarenta anos esse foi o caminho percorrido pelas infelizes para se livrarem de seus incômodos fardos. Os bebês eram depositados na «roda», indicada pela sêta, lá no fundo do bêco.



COM DOIS PALMOS DE LARGURA POR TRÊS DE ALTURA, abre-se uma janelinha num canto do bêco Visconde Cruzeiros. E' a «roda». Parada agora. Por cálculo deduz-se que quasi 10 mil crianças passaram por aí!

o fruto de seus amôres pecaminosos, ou não contavam com haveres suficientes para sustentar mais um filho.

— Chegamos a ter mais de quatrocentas criaturinhas — continua Irmã Filomena — quase tôdas recém-nascidas, que provocavam, especialmente de manhã, uma confusão trabalhosa e ao mesmo tempo enternecedora.

Nem só os humildes, nem só os pretos, nem só os analfabetos recorriam à secular "roda" salvadora. Os nobres e os bafejados pela fortuna também pertencem à humanidade pecadora. Assim, a "roda" tanto acolhia o pretinho inconsciente de sua pobre nudez, como o mal-visto rebento de uma união ilicita entre representantes de uma outra "alta-roda".

— Tratávamos a todos igualmente, e em tantos anos, muitos fatos curiosos se deram — lembra saudosamente a octogenária. — Certa vez, alertada pela estridente campainha, fui encontrar um garôto já desenvolvido, tendo certamente uns cinco anos e que pulou sòzinho ao chão dizendo: "Minha irmã vem amanhã".

E' a "roda" um cilindro de madeira, ôco, dividido em dois, que gira em volta de seu eixo, com uma abertura em todo o seu comprimento, dando para uma janelinha de dois palmos de largura por três de altura, acessível a quantos dela se aproximem, do lado externo do muro da Fundação, na rua Visconde Cruzeiros, mais um beco à moda colonial, meia escondida agora entre dois postes no cotovelo do beco. O pêso da criança ligava uma campainha que servia para avisar as freiras da presença de alguém na "roda", enquanto a pessoa que havia trazido o fardo; girava o cilindro de modo a que a abertura ficasse para o lado interno da casa. O primeiro cuidado da irmã era verificar e anotar tudo o que dizia respeito à criancinha, côr, sexo, e mais os sinais que pudessem servir para identificá-la, uma medalhinha, uma fita, um alfinête, um escrito, às vêzes uma pequena quantia em dinheiro. Se não havia nome, procedia-se logo ao batismo e a criança subia para o último andar da Casa, para a creche, onde ficava em isolamento até se verificar que não era portadora de nenhuma doença infecto-contagiosa.

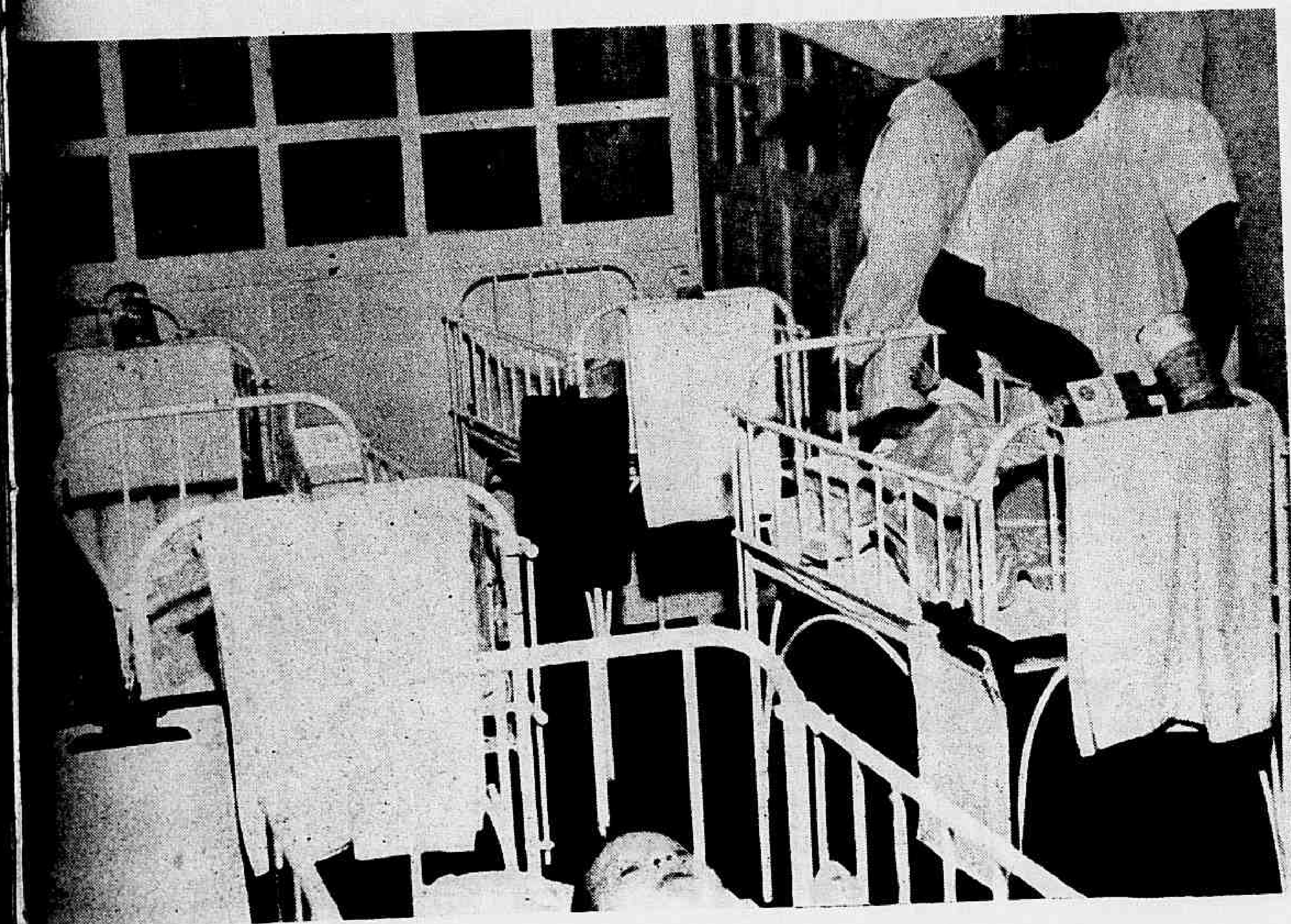
— Antes a "roda" funcionava de dia e de noite. Depois sòmente à noite e há dois anos deixou de funcionar, apesar de existir ainda — explica-nos Irmã Filomena. — Mas as



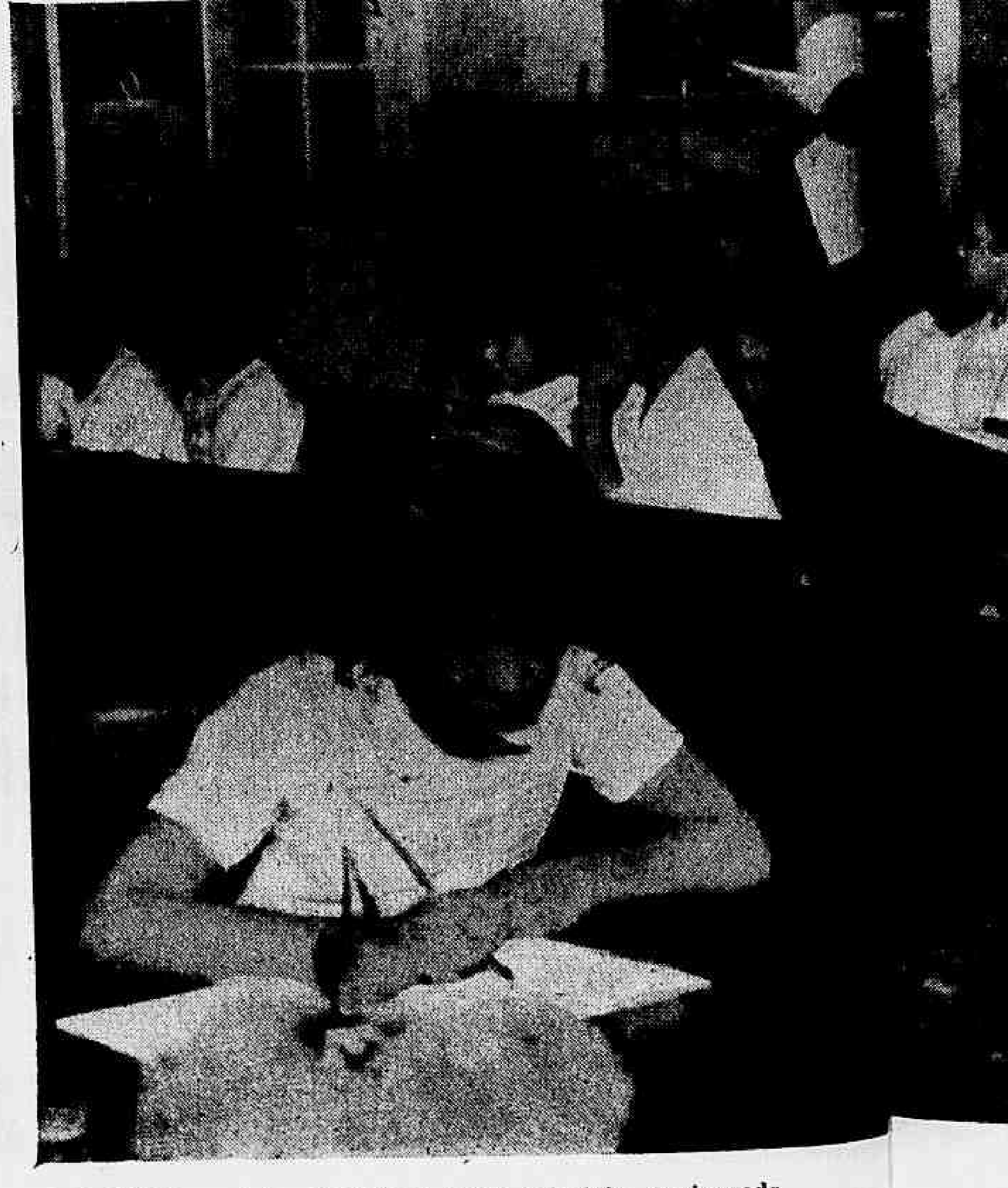
HELIOTERAPIA é um dos tratamentos proporcionados à criançada, sem distinção alguma, nos vastos terraços que circundam a «créche». Quando alí aparecemos, fomos imediatamente rodeados pelos pimpôlhos aos gritos de «Visita, visita!». A vida se abre para êles.



«MOCINHO», José Manoel, o mais antigo hóspede da Fundação, com 50 anos de idade, empregado na cozinha. Pelos



«BOXES» DE ISOLAMENTO NA CRÉCHE, administrada segundo os mais modernos preceitos de pediatria, obedecendo a rigorosas normas de higiene, dietética, observação e profilaxia, afim de evitar que se transmitam a outras seções, possíveis táras físicas dos recém-chegados.



O ENSINO consiste em todo o curso primário, equiparado ao dos colégios oficiais, côrte, costura, bordados, arte

crianças não param de chegar, entrando diretamente pela porta da frente, por intermédio do Juiz de Menores.

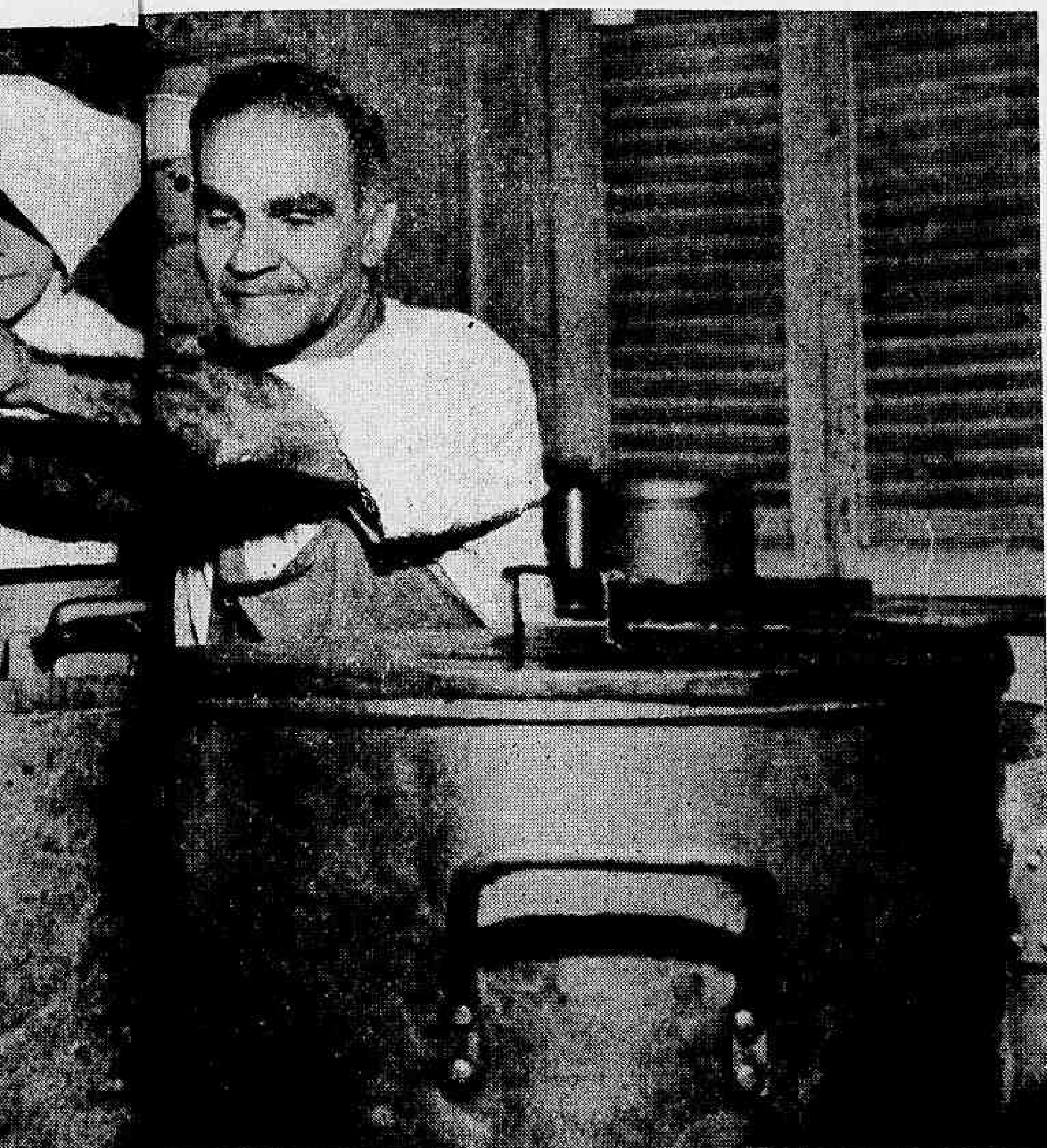
— De vez em quando aparece um, abandonado mesmo na grama do jardim; as autoridades fecharam a "roda", mas não impedem que nasçam novas crianças ilegítimas, de modo que o resultado está no grande aumento de infanticídios — concluiu uma das senhoras presentes.

Com quase oitenta e cinco anos de vida, sessenta dos quais dedicados ao amparo dos delicados sêres privados do ambiente familiar, a "vovó" Filomena ainda conserva sua lucidez perfeita e a quem lhe pergunta sôbre seu estado físico, responde:

— Agora, que me tiraram o trabalho, começam a aparecer as doenças; já estive com gripe, e já estou ficando boa de uma queda em que quase quebrei a clavícula. Antes não tinha nada disso. O trabalho distraía.

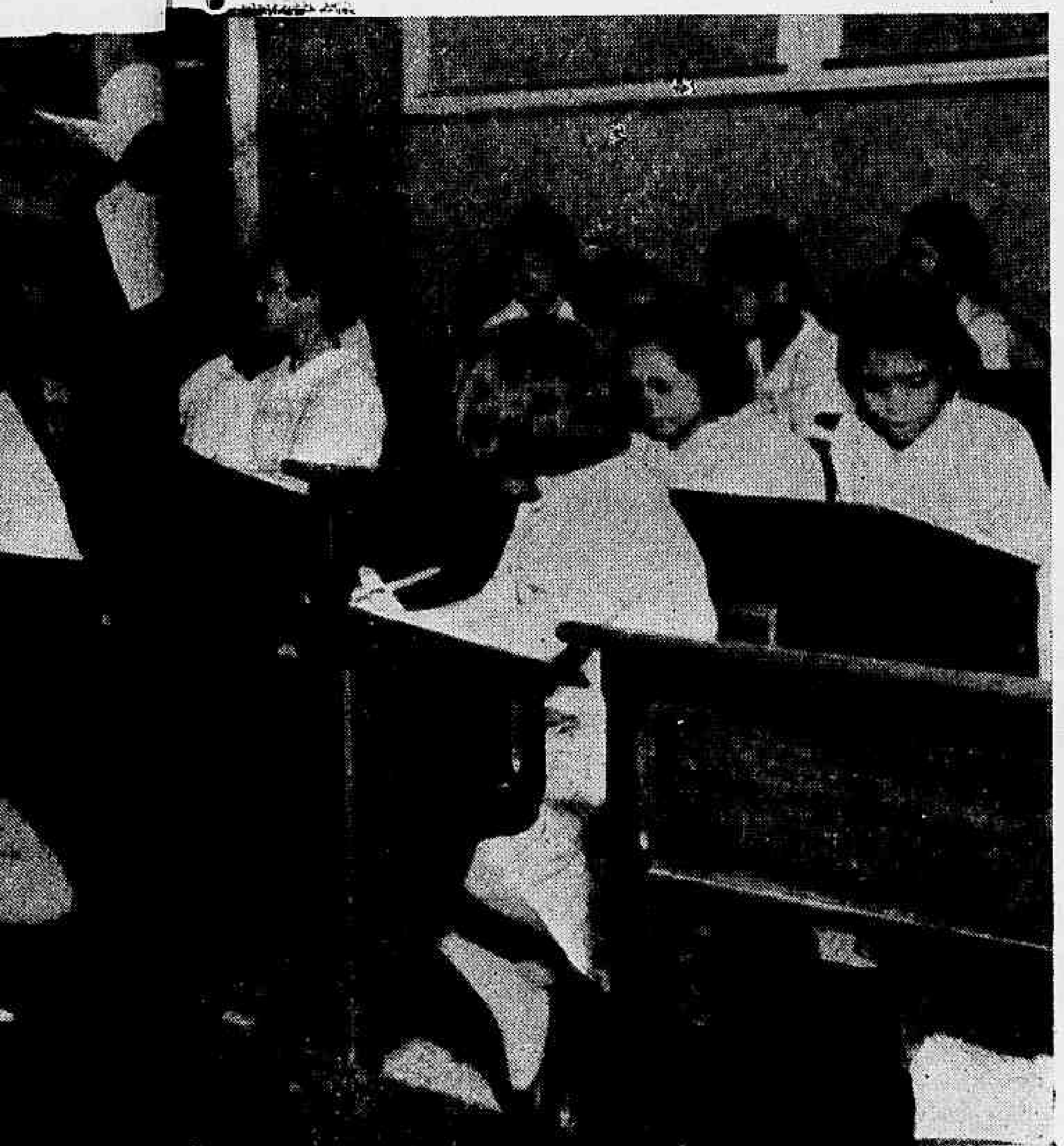
E conta dos muitos "filhos" que criou e que vivem agora pelo Brasil, honrando o que aprenderam na casa e recompensando as muitas dores de cabeça que deram à querida "mãezinha", formados alguns dêles, em advocacia, em

(Cont. na pg. 50)



un-
elos

panelões passa a comida para cerca de mil pessoas: 800 asilados e 200 empregados, dos recém-nascidos aos idosos.



parado
, arte

culinária, datilografia, e instrução profissional na oficina gráfica, sapataria, encardenação, alfaiataria e padaria.



EM NOME DA CRUZ, dedicou a Irmã Filomena toda a sua vida ao resgate dos inocentes, substituindo as mães faltosas e os pais irresponsáveis, alegrando-se com os progressos dos pequeninos hóspedes compartilhando suas dôres, levantando-lhes a moral para o futuro.



IRMÃ FILOMENA, de 85 anos de idade e 60 de trabalhos na Casa, ao lado de um dos moços que ela criou desde os nove dias de idade. Representa êle milhares de outros jovens que gozam agora de suas vidas normais graças à ação redentora e educadora da Vicentina.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 38 ★ 23-9-50

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street. New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9108, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

MIL PARA 50...

ENCERROU-SE o prazo para registro de nomes de candidatos à Câmara Municipal ou ao Legislativo da União. Agora é cada um tratar de fazer fôrça e conseguir a simpatia e adesão de suas paróquias, do contrário... A título de curiosidade vamos oferecer aqui alguns dados interessantes acêrca do número de pretendentes a lugares na vereança municipal do Rio de Janeiro, em face das cadeiras disponíveis na próxima temporada legislativa. Compõe-se o legislativo carioca de 50 lugares; mas, nas eleições de 3 de outubro estarão na luta cerca de mil (é mil mesmo, leitor) mil candidatos a disputar o direito de sacrificar-se pelos altos interesses do Distrito Federal. Nas últimas eleições de 1947, registraram-se e lutaram por uma cadeira do Palacete da Praça Floriano, apenas 346 candidatos, o que deu motivo a comentários gerais. Nas de 3 de outubro já os pretendentes sobem a quase mil (precisamente 933) sem estarem ainda elevados os vencimentos de 12 para 24 mil cruzeiros. Imagine-se o que não será, quando um vereador receber 50 mil cruzeiros mensais! E' curioso ainda relembrar-se de uma particularidade: nas eleições passadas não houve um intelectual, escritor, jornalista ou editor dentre os candidatos, que lograsse vitória nas urnas. Romancista de valor como Gastão Cruls, por exemplo, teve apenas 10 votos, e cronista vigoroso, correspondente de guerra na Itália, como Joel Silveira, recebeu 19. No pleito de agora são muitos os escritores e jornalistas militantes que se apresentam; mudará a sorte das letras?



MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA

O nome dessa intelectual e rainha da declamação, é conhecido e festejado por todo o país. Não há quem não admire o talento de Margarida Lopes de Almeida, não apenas pelos seus méritos pessoais, como porque reflete aquele outro nome ilustre e consagrado de Júlia Lopes de Almeida, grande escritora e poetisa, de quem Margarida recebeu as inspirações para a Arte e o Belo. Ao sair este tópico, terá esta semana registrado um acontecimento invulgar em nossos meios intelectuais. Margarida Lopes de Almeida numa noitada de Arte a 13 do corrente, completou o seu milésimo recital no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Mil vezes auditórios seletos se deixaram prender pela arte de dizer da consagrada declamadora. E' acontecimento que não pode ser registrado com facilidade, uma vez que o nosso país não oferece oportunidades semelhantes, se bem o elevado número de declamações já realizadas por Margarida Lopes de Almeida não seja todo êle levado a efeito sòmente no Brasil coube ao nosso país a maioria, o que, evidentemente vem mostrar o elevado gráu de nossa cultura. Esta página da REVISTA DA SEMANA, onde comentamos acontecimentos de vários aspectos, desde a política às tragédias que ocorrem por êsse mundo a fora, se sente feliz agora pelo fáto de poder fugir um pouco dos comentários comuns e registrar a festa espiritual da noite de 13, com o milésimo recital de Margarida Lopes de Almeida.



QUEM DESCOBRIU A AMÉRICA?

DIZEM os historiadores que o descobridor do Novo Mundo foi Cristovão Colombo, a 12 de Outubro de 1942. Já ninguém põe mais em dúvida e é isso que ensinam os professores de história e de geografia a criança de todas as idades. Mas, de quando em quando surgem cronistas e professores que contestam essas afirmações e trazem a lume outras versões. Há mesmo quem jure que a América foi descoberta por um rei viquinge (vicking), de nome Erik, nos meados do século XIV, aí pelo ano de 1340 e tantos. Chegam a provar o ocorrido em citações de velhíssimos pergaminhos desempoeirados nos arquivos de bibliotéca do Velho Mundo, bem como diante de vestigios de literatura daquela época em que se descobrem roteiros da viagem de Erik às plagas da América. Apesar de todas estas referências, continua Cristovão Colombo a manter-se em seu pedestal de glórias e a ser considerado como o descobridor da América. Mas a humanidade é incansável e continua a pesquisar. Agora é o prof. A. Davies, de Londres, quem procura derrubar Colombo das páginas da história e colocar em seu posto o português Dualmo, como o verdadeiro descobridor deste hemisfério. Segundo Davies, o lusitano Dualmo recebeu permissão régia para explorar o Ocidente em 1487 e o estudo dos mapas que estiveram sob o exame do professor de geografia, mostra que Dualmo descobriu mesmo estas terras desconhecidas dos europeus, embora, segundo outros professores, já fossem conhecidas dos fenicios...

Enfim, é bom que fique mesmo Colombo no seu pedestal.



A MAIS BELA DO MUNDO

ACABA de ser proclamada em Rimini, na Itália, a mais bela senhorita deste mundo: — Hanni Schall. Tem ela 23 primaveras, é de Viena e já empunhava o cetro de «miss» Europa 1950. Ganhou a glória com que sonharam tantas candidatas, apenas com um ponto a mais do que a lindíssima Giovanna Paola, italiana de Bolonha, de 18 anos de idade, classificada em segundo lugar, por um ponto. Mas, embora o juri tenha sido justo na sua apreciação de tantas belezas femininas, e a maioria do povo aceitado o «veredictum» final, há uma circunstância curiosa que veio em desfavor da italianinha: sua pouca idade. Por êsse motivo os juizes não lhe deram o primeiro lugar no Concurso Mundial de Beleza Feminina. Alegaram os sisudos senhores que Paola é ainda uma criança muito inocente não sendo possivel sujeitá-la ao progirama de excursões através da Itália, visitando cabarés, etc. Mas, francamente, se Paola era mesmo mais bela do que a austriaca Schall e teve que perder o pleito em virtude de certos números do programa de festas a que estavam subordinadas as candidatas se vitoriosas, então por que motivo não se modificou êsse programa adaptando-o à eleita menor de 18 anos? Em lugar de cabarés, por que não levá-la a visitar os sítios em que viveram os grandes pintores, os imortais escultores, os artistas de maior fama da Itália, da Alemanha, da Grécia? E' a primeira vez que vemos a Beleza e a virtude serem vencidas pelo vício e a devassidão. E isso se deu na Itália, numa côrte de juizes...



A PERSONAGEM DA SEMANA

ESTÃO-SE repetindo de maneira impressionante os desastres de aviação, tanto em aparelhos da área do DAC, como da nossa gloriosa FAB. Quis a fatalidade que, num só dia, o fatídico 13 de setembro, perdesse a Aeronáutica vinte e três dos seus mais esperançosos elementos, em dois acidentes de aviação, um em Niterói e outro no Ceará. Dois bombardeiros da FAB cáem e explodem, levando para o túmulo oficiais de nossa fôrça aérea e passageiros. Por outro lado, incendeia-se na Bahia um avião particular que levava a bordo o sr. Lauro Farani, candidato do PSD à sucessão governamental daquele Estado. Dias antes, quando procurava decolar da cidade de Caratinga um avião a serviço da UDN, no qual viajava também em propaganda política, o sr. Gabriel Passos, candidato ao Govêrno do Estado de Minas Gerais, sucedeu que o mesmo avião se desgovernou e arrebentou uma asa, danificando-se mais ou menos sèriamente. Não houve vítimas, por milagre. Segundo informações que nos chegam de Salvador, o avião em que encontrou a morte o sr. Lauro Farani de Freitas, pilotado pelo seu proprietário, sr. Guilherme de Castro, que também morreu no desastre, havia sido condenado pelo Aero Clube da Bahia, por encontrar-se em péssimo estado. Todos êstes fatos dolorosos são uma advertência às nossas autoridades aeronáuticas, que devem redobrar de vigilância no que diz respeito a licenças de vôos de todos os pequenos aparelhos tipo "teco-teco", obrigando os seus proprietários a obedecer irrecusàvelmente as ordens da Aeronáutica Civil, do contrário outras catástrofes virão, justamente numa época em que o país tanto precisa de seus filhos e de seus soldados para o robustecimento de sua estrutura política e militar, na defesa da democracia e de sua condição de nação soberana. O sr. ministro Armando TrompowsKi, na grande consternação em que se encontra, não deixará de tomar providências para deter a marcha dessa deplorável safra de catástrofes que está enlutando o Brasil.



ARMANDO TROMPOWSKY



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 O COMÉRCIO DE ESCRAVOS NEGROS COMEÇOU:
— Antes do descobrimento do Brasil?
— Com o descobrimento?
— Ou um século depois?

2 EM QUE ANO CHEGOU NAPOLEÃO A MOSCOU:
— 1810?
— 1812?
— 1808?

3 COMO SE PRATICA O HARA-KIRI, NO JAPÃO:
— Cortando os punhos?
— Seccionando a carótida?
— Rasgando o ventre a espada?

4 QUE QUER DIZER H2O:
— Água?
— Mercúrio?
— Vinho?

5 QUAL E' O LIVRO DE DOUTRINA E TRADIÇÕES DOS JUDEUS:
— Al Korão?
— Zend-Avesta?
— Talmud?

6 ANTES DE PERTENCER AO E. DO RIO, A QUE OUTRO ESTADO PERTENCIA A HOJE CIDADE DE CAMPOS:
— A São Paulo?
— Ao E. do Espírito Santo?
— Ao Estado da Bahia?

7 QUEM AFIRMOU QUE: "O ESTILO E' O HOMEM":
— Voltaire?
— Victor Hugo?
— Buffon?

8 QUAL O CHEFE DE ESTADO DO BRASIL QUE ABRIU MÃO DE 25% DE SEUS HONORÁRIOS PARA ALIVIAR AS DESPESAS DO TESOURO:
— Floriano Peixoto?
— D. Pedro II?
— D. Pedro I?

9 QUANTOS SÃO OS SACRAMENTOS DA IGREJA CATÓLICA:
— Oito?
— Cinco?
— Sete?

10 ANTES DO 7 DE SETEMBRO DE 1822, QUAL O MAIS FAMOSO 7 DE SETEMBRO DE NOSSA HISTORIA:
— Chegada de Américo Vespúcio a Lisboa?
— Batalha dos Guararapes?
— Tomada do Quilombo dos Palmares?

11 EM QUE ANO FOI INAUGURADA A ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA:
— 1877?
— 1860?
— 1900?

12 QUE NOME TINHA O PRIMEIRO JORNAL DE S. PAULO:
— Estado de S. Paulo?
— O Campinense?
— Farol Paulistano?

13 ONDE FOI FUNDADA A PRIMEIRA SOCIEDADE LITERÁRIA DO BRASIL:
— No Rio?
— Na Bahia?
— Em São Paulo?

14 DE ONDE PROVÉM A PALAVRA *SEMANA*:
— De Septem Mane?
— De Sem Mãos?
— De Sesmarias?

15 QUANTOS SÃO OS GÊNEROS DE POEMAS:
— Cinco?
— Quatro?
— Sete?

16 COM QUE IDADE EDGARD POE PUBLICOU O SEU PRIMEIRO LIVRO, "TAMERLANE":
— 25 anos?
— 17 " ?
— 31 " ?

17 QUAL O PAIS DA EUROPA QUE TEVE COMO PRESIDENTE UM MAESTRO-PIANISTA:
— Áustria?
— França?
— Polônia?

18 A QUEM SE DEVE A CONSTRUÇÃO DA SORBONNE DE PARIS:
— Ao Cardeal Richelieu?
— Ao Vaticano?
— A Napoleão?

19 QUEM FOI O MESTRE DE ARISTÓTELES, GERALMENTE CONSIDERADO COMO O MAIOR GÊNIO DA ANTIGUIDADE:
— Platão?
— Anaximandro?
— Sêneca?

20 QUE PROFISSÃO TINHA NOSTRADAMUS:
— A de ourives?
— Advogado?
— Médico?

(*Respostas na página 58*)

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favoravel ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, deceito, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jógos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitada pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

BELEM

BRIGADEIRO! BRIGADEIRO! BRIGADEIRO!

EM prosseguimento à sua vitoriosa campanha de propaganda eleitoral, o brigadeiro Eduardo Gomes visitou recentemente o norte do País, onde foi calorosamente recebido pelas populações do Amazonas, Pará e Maranhão, alcançando outros tantos triunfos dos que vêm assinalando a sua peregrinação democrática através dos mais afastados recantos da terra brasileira. Ao contacto direto com o povo, estudando "in-loco" os seus problemas mais prementes, sugerindo e propondo as soluções que o seu patriotismo e a sua experiência indicam, vai o Brigadeiro plasmando uma plataforma de govêrno de conteúdo nìtidamente realista, baseada na observação pessoal e na investigação das nossas necessidades e, particularmente, das questões próprias de cada região.

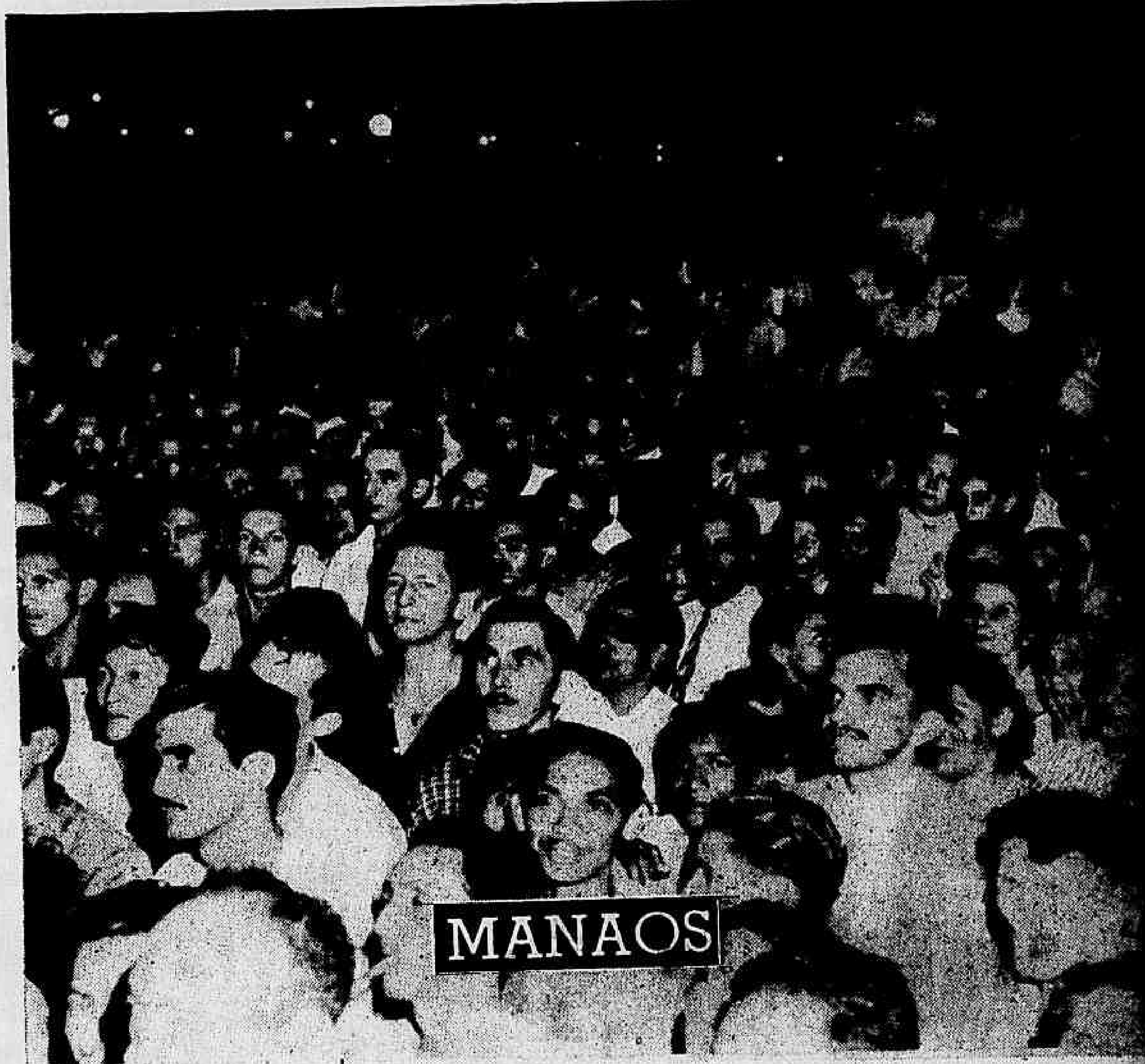
Acolhido aqui e ali com o sempre crescente entusiasmo que vem marcando o desenvolvimento da sua memorável excursão política, Eduardo Gomes avulta a cada passo no conceito do eleitorado livre e consciente do Brasil, pela firmeza das suas convicções democráticas e pelo superior exemplo de amor e devotamento à causa pública, que são o seu escudo e a sua lança. Nestas duas páginas pode-se ver como o povo livre do norte do Brasil, irmanando-se ao do centro e do sul, reuniu-se em massas compactas para ouvir e aclamar o grande candidato nacional. Assim tem acontecido em tôda parte. Êsse mesmo espetáculo que emociona e arrebata, empolga as multidões por onde passa o Brigadeiro, símbolo, ontem como hoje, das nossas mais ardentes aspirações de progresso, paz e bem estar social. Êsse espetáculo é uma "avant-première" da vitória, da consagração eleitoral com que, a 3 de outubro, o povo elevará Eduardo Gomes à suprema curul presidencial do Brasil. O entusiasmo popular é o prenúncio da Vitória. Esta virá, por que o povo quer o Brigadeiro e o Brasil dele precisa mais do que nunca. De Norte a Sul, de Leste a Oeste, ecôa o grito empolgante: Brigadeiro! Brigadeiro! Brigadeiro!

MANAOS

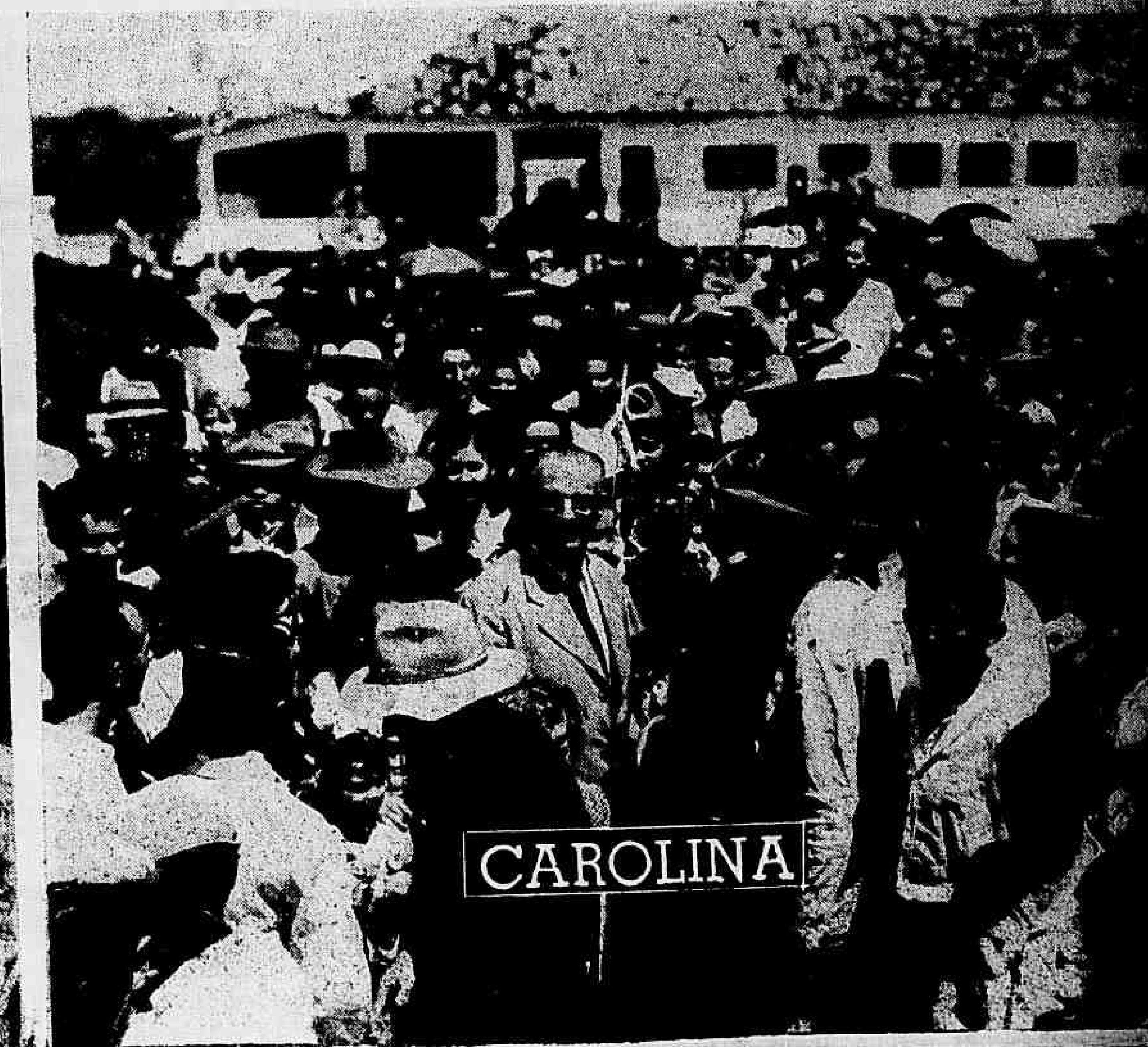

BELEM

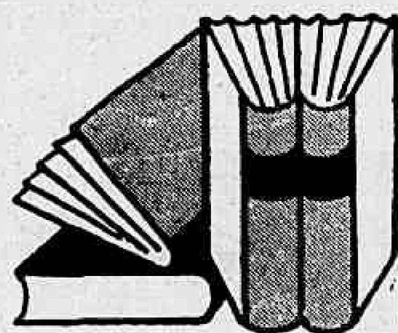

SÃO LUIZ


SANTAREM

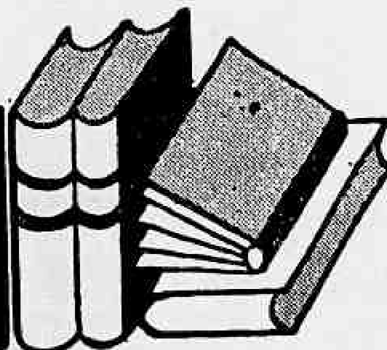

MANAOS


SÃO LUIZ


CAROLINA



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



JOHN LEHMANN, escritor, poeta e editor, além de crítico literário, é por certo um dos grandes nomes das letras inglêsas atuais. Irmão da escritora Rosemond Lehmann e da atriz Beatrix Lehmann, contribuirá de muito para a permanência do apelido da família na história contemporânea. Nascido em 1907, tem já copiosa e significativa obra, de prosador, de crítico e de poeta, além de muito representar para a literatura suas atividades de editor. Entre seus livros de versos, podemos citar «The Sphere of Glass» e de suas obras de ficção, o romance «Evil was Abroad». Seu último livro é de crítica: «The Year's Work in Literature».

EDMUNDO LYS

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS

HOJE vamos passar uma bréve revista nos suplementos de domingo, 10 de Setembro, comentando por alto apenas três deles.

Começando pelo de «A Manhã» que nos pareceu o melhor de todos. De fato, logo na primeira página há a tradução de um estudo de T.S. Eliot sôbre o romance inglês contemporâneo. Entre outras coisas, Eliot assinala a importância da preocupação moral para os que sabem pensar e sentir. À parte as conclusões do autor, o artigo é muito informativo e póde ser aconselhável aos leitores que desejem uma visão sintética e panorâmica do romance inglês atual, em comparação com o antigo.

E como o suplemento de «A Manhã» desta vez estava para os romances, lá adiante encontramos um artigo do português José Osório de Oliveira sobre «A Última Feição do Romance Brasileiro». E' de assinalar-se, nesse artigo, lúcidos conceitos sôbre o romancista Cornélio Pena — «talvez o mais estranho dos romancistas do Brasil».

Milton Carneiro recorda uma velha conversa com o romancista Oswald de Andrade, recapitulando os tempos da «Antropofagia»: muito interessante, como acontece com tudo que diz respeito a Oswald de Andrade. Bom noticiário, de que nesta página damos alguns recortes, e muito obrigado. Edmundo Costa contribui com uma excelente tradução de «A Hora Propicia», de Verlaine.

★

O suplemento do «Diário de Notícias» traz, entre outras coisas, um artigo sôbre Maupassant: «Situação de Maupassant», assinado por Bernardo Gersen. Assinála que atualmente a situação do escritor não é muito boa. Conclui, com uma frase de Gide, que ele foi «um notável e impecável operário das letras». Desse suplemento é o poema de Geir Campos, publicado no livro «Rosa dos Rumos» e que figura nesta página.

★

MONTANHAS DE OURO PRETO

Desdobram-se as montanhas de Ouro Preto
Na perfurada luz, em plano austero.
Montanhas contemplativas, circunscritas
Entre cinza e castanho, o olhar domado

Recolhe vosso espectro permanente.
Por igual apascentais a luz difusa
Que se reajusta ao corpo das igrejas
E volve o pensamento à descoberta

De uma luta antiquíssima com o cáos
De uma reinvenção dos elementos
Pela fôrça de um culto ora perdido.

Reliquias de dureza e de doutrina.
Rude apetite dessa coisa eterna
Que Ouro Preto retém na sua estrutura.

E aí fica a viagem de hoje através dos suplementos.

CINEMA E LITERATURA



NO número passado, demos aqui um registro sobre o interesse do cinema pelas obras de maior merecimento literário. Hoje, figura nesta página o retrato da formosa atriz mexicana, Maria Felix, que, depois de passar por películas de menor importância, em sua pátria, encontra-se agora na Europa, estrelando filmes adaptados de obras sérias. Depois de posar, na Espanhia, para um celulóide inspirado em um original de Benavente, encontra-se ela em Paris, para estrelar uma fita cujo argumento é extraido de um conto de Jean Cocteau: — «La Couronne Noire».

★

O VELHO GIDE



Curioso flagrante de André Gide, feito em Paris, por ocasião da estréia, ali, do filme «Louisiana Story»

Lançado em tiragem limitada de cem exemplares, pelo poeta João Cabral de Melo, em sua prensa manual de Barcelona, o «Acontecimento do Soneto», de Lêdo Ivo circulou apenas entre amigos dos dois poetas.

Agora, vai ser publicada uma edição comum dessa coletânea de versos, hoje transformada, como aconteceu com outras edições de «O Livro Inconsutil», como «Mafuá do Malungo», de Manuel Bandeira e o «Psicologia da Composição», de Cabral de Melo Neto, numa raridade biográfica. Essa próxima edição será aumentada do poema «Ode à Noite».

★

«Cão sem Plumas» é o novo livro de poesia de João Cabral de Melo.

★

Ciro dos Anjos já tem adiantado o seu novo romance, em que, segundo já declarou em entrevista à imprensa, usará de técnica inteiramente diversa da adotada nos romances anteriores, em forma de diário e solilóquio. O novo livro de Ciro dos Anjos, traduzirá a experiencia politica do escritor, que ultimamente se terá, de certo, aguçado, na atual campanha.

★

André Suarès acaba de ser inhumado, em Baux, na Provença. Aos dezesseis anos escrevia êle a um amigo: «Não há verdadeiro repouso senão nos pequenos cemitérios de aldeia que ninguém jámais visita».

Como se vê, realizou seu sonho.

NOTICIÁRIO

«Club de Poesia de São Paulo promoverá, brevemente, em cidade a ser escolhida na hinterlândia bandeirante, a «I Convenção de Poetas de São Paulo», conclave destinado a auscultar os problemas de ordem estética e material dos poetas paulistas, principalmente dos do interior. Entre os temas a serem debatidos sobresai, por sua importância, o relacionado com a critica de poesia, cada dia mais ausente em nosso meio. Para estruturar as bases da Convenção, o Presidente do «Clube de Poesia de São Paulo» nomeou uma comissão, a cuja frente se encontra o poeta Domingos Carvalho da Silva.

★

Já se acham abertas, na séde da Associação Brasileira de Escritores de São Paulo, à rua João Bricola, n. 46, 10º andar, sala 1022, as inscrições para o Prêmio «Fábio Prado» (Poesia e Ensaios, versando estes sobre assuntos brasileiros) referentes ao ano de 1950. Os originais deverão ser encaminhados ao sr. Sérgio Buarque de Holanda, presidente da Associação Brasileira de Escritores de São Paulo, acompanhados de carta do interessado com indicação de que deseja inscrever-se no concurso, e de seu nome completo, nacionalidade, profissão, endereço e titulo do trabalho com que concorre.

Os prêmios em dinheiro, indivisiveis, serão no valor de Cr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) para cada um dos dois gêneros indicados. O prazo de inscrição encerra-se a 15 de janeiro de 1951.

★

Do boletim de Albin Michel, editor de Pierre Benoit, extraimos alguns dados relativos às tiragens dos livros dêste último: «L'Oiseau des Ruines», 100 mil: «Le Désert de Gobi», 100 mil: «Betsabée», 125 mil: «Le Roi Lépreux», 155 mil: «Le Soleil de Minuit», 170 mil: «Erromango», 160 mil: «Le Puits de Jacob», 195 mil: «Le Lac Salé», 235 mil: «Axelle», 260 mil: «Koenigsmark», 330 mil: «L'Atlantide», 620 mil — isto contando-se apenas as edições em francês. O que bem mostra a vantagem de um autor francês, mesmo medíocre como Benoit, sôbre os escritores de outra lingua.

★

A editôra cearense Clã acaba de lançar mais um volume de autor cearense — «Vidas Marginais», de Moreira Campos, que mereceu os elogios de Rachel de Queiroz.

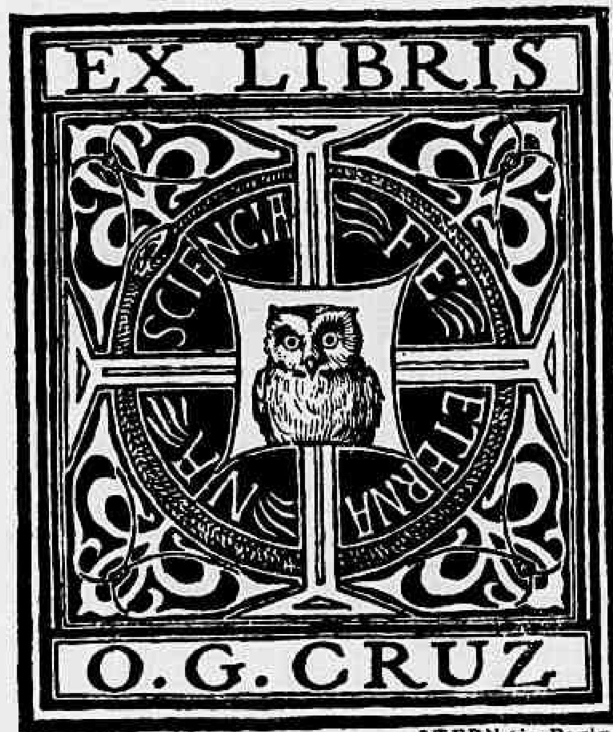
★

Watson Macedo, diretor do filme nacional «A Sombra da Outra», baseado num livro de Gastão Cruls, em suas férias, em Friburgo, estudará a possibilidade de extrair novo argumento do livro «Novos Mundos em Vila Teresa», da autoria de Dirceu Quintanilha — autor premiado recentemente pela Academia Brasileira de Letras.

A ARTE DO "EX-LIBRIS"

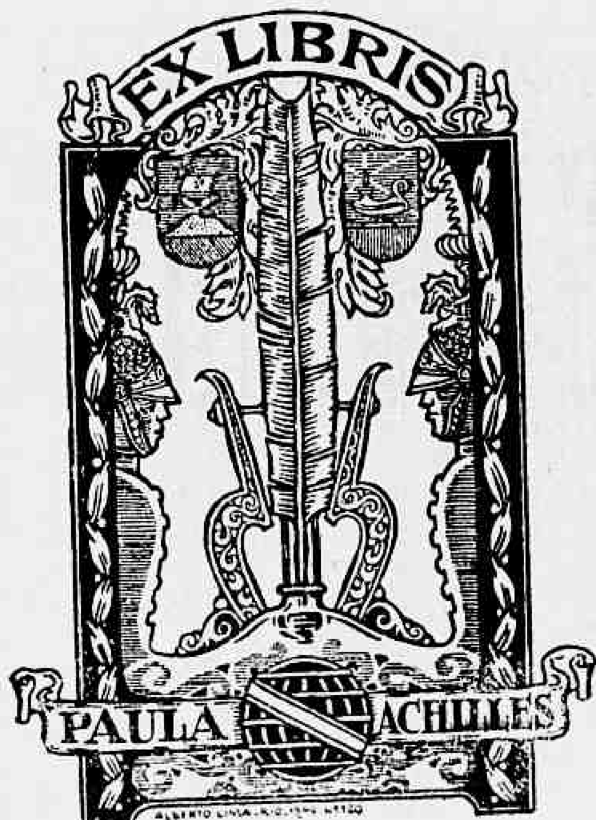


A arte do «Ex-Libris», que teve a sua grande vóga, parece atualmente em estado de crise. Mas, ainda há muita gente que por ela se interessa e, mesmo entre nós, encontramos os seus cultores, entre os quais cumpre-nos destacar o professor Alberto Lima. Ainda no ano passado, realizou-se, no salão do Assírio, nossa primeira exposição de «Ex-Libris», realmente muito interessante,



STERN Gr. Paris

promovida pelo Club Internacional do «Ex-Libris». Neste clichê, reunimos alguns trabalhos antigos e modernos que bem exprimem nossas atividades nesse setor: «Ex-Libris», de Joaquim Nabuco, da coleção do Dr. Paulo Braga de Menezes; de Oswaldo Cruz, da coleção José Esteves; e de Paula Achilles, um trabalho de Alberto Lima.



FORA DO PRELO

POESIA

ELEGIA A UM POETA MORTO e O PRIMEIRO DIA — Reinaldo Bairão — São Paulo

Um poeta como Reinaldo Bairão, que conta já com os louvores da melhor crítica e de grandes nomes da nossa poesia, dispensa as palavras de um mero registro de livros novos, como êste que aqui fazemos semanalmente. Entretanto, é sempre grato ao bibliógrafo constatar, através das obras que lhe chegam às mãos, valores que marcam por qualidades sólidas e definidas, como é o caso de Reinaldo Bairão, de quem acabamos de receber "Elegia a um poeta morto" e "O Primeiro Dia", aquêle de versos e o segundo de poemas em prosa. E, com isso, a alegria dêste encontro com um poeta que traz uma voz nova e acentos impressionantes à poesia, assinalando o seu lugar, na nova geração, como uma das mais singulares personalidades que já apareceram em nossas letras.

Reinaldo Bairão é um elegíaco. Não apenas porque êsse é o assunto e o tom de seu emocionante livro de versos, mas, também, porque êsse mundo da morte é o seu mundo, o mundo de sua poesia de inflexões tão dramáticas e lancinantes. Êsse poeta alanceado de inquietações, cheio de perguntas e de dúvidas sôbre o fenômeno do perecimento da vida — e, entretanto, sereno, nas suas indagações, por isso harmonioso e próximo — poderia repetir aquelas palavras do prosador cético, afligido pelo mesmo problema: "Malgré moi, l'Au-Delà me tourmante".

E' êsse o tormento de Reinaldo Bairão e, também, malgrado seu. Êle possúi os meios da poesia para aproximar-se dessa fôrça onipotente da Morte, um dos dois grandes fenômenos da vida, sua última etapa, seu grande e impenetrável problema. A poesia, como a filosofia, a fisiologia, a religião leva-nos até aos seus portais que não são outros que os do "Palácio Encantado" onde Quental lançou o seu brado de desespêro, só encontrando, para além deles — "silêncio, escuridão e nada mais!"

Êsse caminho trágico é o que segue êste poeta. Mas, êle vê a morte sem a angústia de "Santo Antero". Encontra, além do silêncio e das trevas, luzes que brilham, vozes e harmonias, tenuíssimos liames que prolongam, além, nas trevas e no silêncio, a vida que vivemos, por certo sob outras formas, outras ressonâncias, mas evidente, na face da poesia, também uma face do grande mistério. Sua poesia não apenas canta a morte — mas procura vencê-la, pelos seus milagres de comunicação, por suas fôrças criadoras, opostas à destruição. E, nisso, é que ela é viva e vigorosa e potente e bela, como essência. Não só por isso, entretanto: ela é também uma orquestração de inéditas e envolventes harmonias, nos seus cânticos profundos, na sua forma alta e solene — contudo leve, gótica, de lineamentos e de números.

Os poemas em prosa de "O Primeiro Dia" têm, também, êsse movimento e essa estrutura de poesia. Seus períodos possuem a cadência e a música do verso. Serão versos mais longos, de ritmos inumeráveis, nunca simples poemas em prosa, como os queria Baudelaire, com o **parti-pris** da precisão vocabular e do traço justo. São poemas em prosa que buscam a poesia fora do verso, na essência poética. Fixam o poético com elementos da prosa, mas essa prosa possúi tôdas as condições da poesia, inclusive o mistério profundo. São realmente poemas em prosa, não prosa poética ou pequenos quadros, em prosa, como os de Wilde e Baudelaire, marcando instantes de poesia na prosa cotidiana: poemas em prosa, desde sua projeção, seus temas, seus acentos, sua técnica, até seu sentido e sua repercussão no mundo exterior.

BIOGRAFIA

CHOPIN, ENFERMIDADE E ARTE — Dr. F. de Paula Pinto Hartung — Emprêsa "O Papel" Ltda. — São Paulo

Só agora, por gentileza do autor, tivemos conhecimento dêste estudo sôbre Chopin, publicado ao ensejo das comemorações do centenário do grande músico. O livro do doutor Hartung não se limita apenas ao estudo da doença de Chopin. À espécie do que fêz Peregrino Júnior com Machado de Assis, o médico paulista, lente da Universidade de São Paulo, nos apresenta um quadro biográfico do imortal compositor polonês, situando o homem e o artista no seu meio e na sua época, mostrando-nos tôdas as circunstâncias que influíram na sua constituição e na sua moléstia, bem como expondo os fatos, inclusive aquêles originados pelo seu gênio — a música de Chopin — que foram determinados pelo seu caso clínico.

Já o eminente Aloísio de Castro, em um belíssimo estudo, "A expressão sentimental na Música de Chopin", nos dera um esbôço das relações íntimas entre a arte e a doença de Chopin. E' êsse aspecto da biografia musical do físico polonês que o doutor Hartung nos apresenta aqui, em quadro mais amplo, mais minucioso exame, tanto crítico como clínico.

Trata-se de uma valiosa contribuição brasileira à comemoração do centenário do mestre dos "Prelúdios", daquele "querido cadáver" como ternamente o chamava George Sand. Rico de documentação, feito com carinho e a confessada admiração pela música de Chopin, o livro nos traz, mesmo aos maiores devotos de seu gênio, revelações e descobertas do maior valor, versando uma numerosa bibliografia do caso Chopin, o caso musical e o caso médico, em estilo agradável, singelo e sedutor, sem o vocabulário técnico que, em livros assim, afasta o leitor leigo, com boas e elucidativas ilustrações, entre elas as mais importantes do ponto de vista da tisiologia, como sejam a tela de Delacroix — uma tela de espanto, pois nela se marcam os indícios exteriores da tuberculose, no seu tipo clássico — e a máscara mortuária de Clessinger, pela qual os tisiólogos podem, ainda hoje, formular o atestado de óbito do músico sublime.

Um livro de valor incomum, êste, com que o doutor Francisco de Paula Pinto Hartung acaba de enriquecer a literatura chopiniana brasileira.



ROMANCE

O ROTEIRO DO INFERNO — Maria Eichemberger — Instituto Progresso Editorial — São Paulo

Mais um romance feminino nos oferece a IPE, de São Paulo, com êste "O Roteiro do Inferno", de Maria Eichemberger.

Quando empregamos o adjetivo "feminino", queremos precisamente dizer que se trata de uma autora e de uma história cujas características estão sob aquela especificação. A romancista conta-nos com abundância de detalhes um dêsses dramas de vida familiar, tomando como ponto de partida justamente êsse mundo particular da mulher — o lar, a família.

Em tôrno dessa ilha de paz e de monotonia, ruge o mar alto das paixões. E êsse mar alto acaba, às vêzes, por invadir, violentar e submergir a ilhota tranquila, com suas paisagens calmas e seus habitantes desprevenidos.

Não há como as mulheres para tratar dêsses assuntos de ambiente doméstico, para nos dar êsses quadros de vida íntima, êsses personagens em chinelas, a espôsa resignada e sofredora que dramatiza tudo, o marido meio enjoado da vida doméstica e perdendo-se em aventuras sórdidas, os filhos com seus conflitos de temperamento, pairando por sôbre tudo o ar das misérias insignificantes mas pungentes, a cinzenta mesmice cotidiana e intragável — e os dramas dolorosos dessa existência.

"O Roteiro do Inferno" é um livro assim. Uma história de certo interêsse que às vêzes, atinge a apreciáveis altitudes, com momentos reais e figuras de segura estruturação humana. Há, por certo, no livro, algumas deficiências técnicas, e "parti-pris" da recapitulação, do "flash back", menor poder de seleção de acontecimentos e de estudo de caracteres, certa transigente auto-crítica e um ritmo demasiado lento de fabulação, o que nos mergulha a espaços, em enfado e torpor. Mas, "O Roteiro do Inferno" vale por muitos traços fortes e humanos de seus personagens e de seus dramas.

A EVOLUÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA — Mário Martins — Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil" — Rio

Compreendendo dois volumes: **Notas Biográficas** e **Estudos**, apareceu, há já algum tempo, a **Evolução da Literatura Brasileira**, de Mário R. Martins.

O autor tem uma ampla bibliografia, onde se vê sua vocação para as obras de história , para êsse duro trabalho de pesquisa dos arquivos e para a reconstituição documentária.

Êstes dois volumes representam, nesse sentido, uma obra de grande merecimento, em que a palavra autorizada do historiador acompanha a lição dos mestres ilustres de nova história literária, acrescentando, à biografia das letras nacionais, numerosas e relevantes indicações. Para que as descobertas de Mário P. Martins não tenham podido receber melhor tratamento, dado o caráter sintético de seu livro. Entretanto, as simples fichas que êle nos proporciona são já suficientes para indicar os rumos para uma ampliação de informações, por parte dos interessados. E' um índice, um roteiro que, diante da escassez de livros dêste gênero, entre nós, sobretudo no que se refere à fase contemporânea, constitúi obra indispensável a quantos se interessam por êsse departamento de nossa cultura.

O método seguido pelo autor grupando os notas biográficas segundo os gêneros literários, é muito prática e agradável, pela facilidade das consultas. E seus estudos de vinte e dois vultos eminentes de nossas letras são bastantes ricos de informações e de aspectos curiosos, vasados em estilo ameno e em boa prosa.

Não queremos concluir êste registro sem oferecer uma errata ao autor, na nota que diz respeito ao comentarista de "Fora do Prelo"": não podemos ser incluídos na seção de escritores de teatro, por isso que nossa atividade nesse gênero é a de simples tradutor, inclusive da obra que êle nos atribúi — "Especialista em Suicídios"; nosso nome só poderá ser incorporado entre os prosadores ("Sheherasade", livro de histórias, 1936, edição Pongetti). Aí fica.



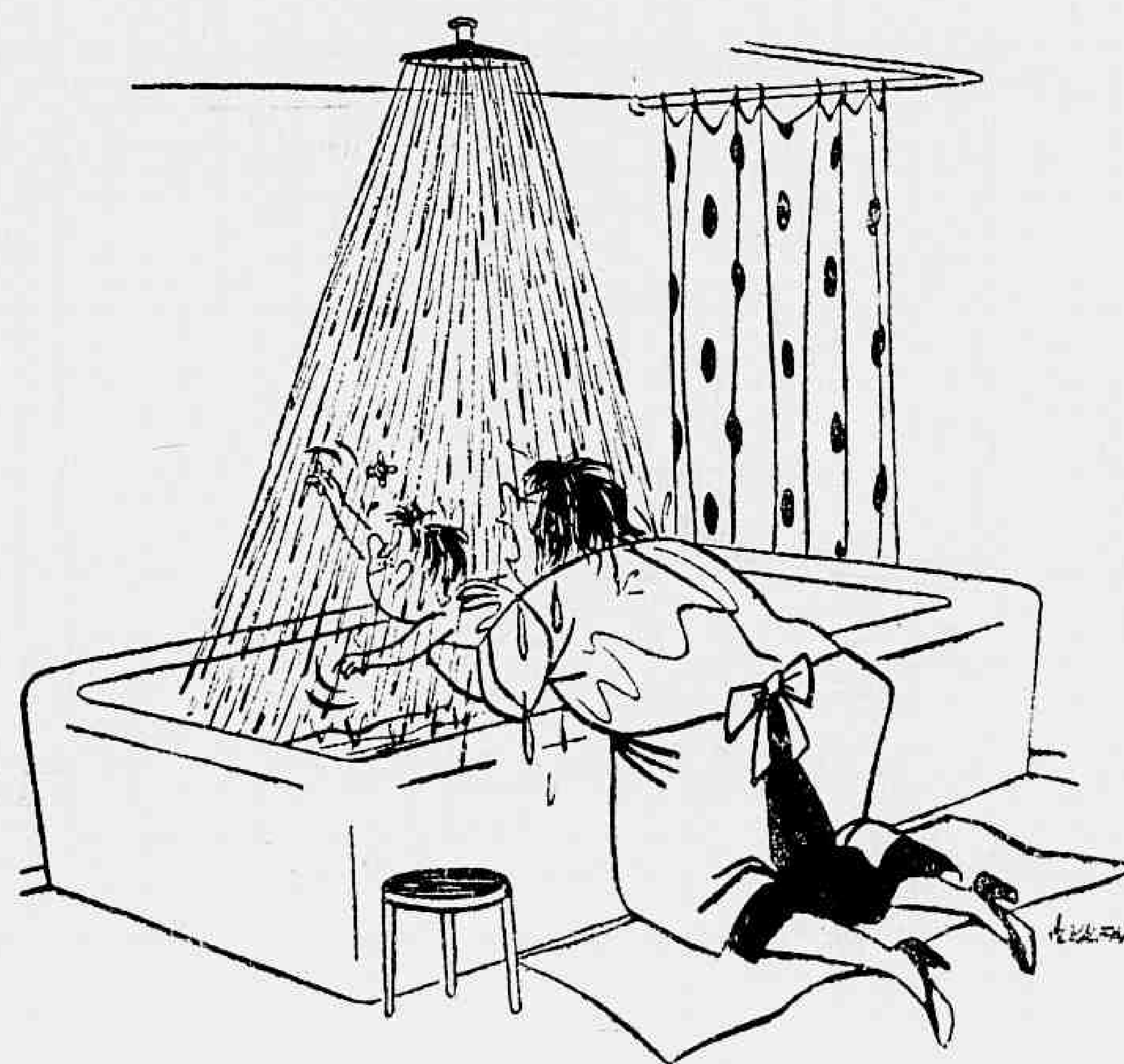
— Uma ótima notícia, querida, vamos almoçar na mesa do comandante!...

BOM HUMOR











ADA PILOTA seu Brasileirinho num vôo de reconhecimento. Como pano de fundo, em primeiro plano, o edifício mourisco do aeroporto de Manguinhos, e, uma bela paisagem bem carioca

CEM VÊZES ELA SALTOU DE PÁRA-QUEDAS

DESCRIÇÃO DO CENTÉSIMO SALTO DE PARA-QUEDAS EFETUADO PELA AVIADORA BRASILEIRA ADA ROGATO ★ DESEJA UM PILÔTO PARA ESPOSO ★ GOSTA DE CINEMA E LEITURA, PINTA-SE E SEGUE A MODA ★ A PRIMEIRA MULHER BRASILEIRA A POSSUIR A ÓRDEM DO MÉRITO AERONÁUTICO.

Texto de **CARLOS TENORIO**

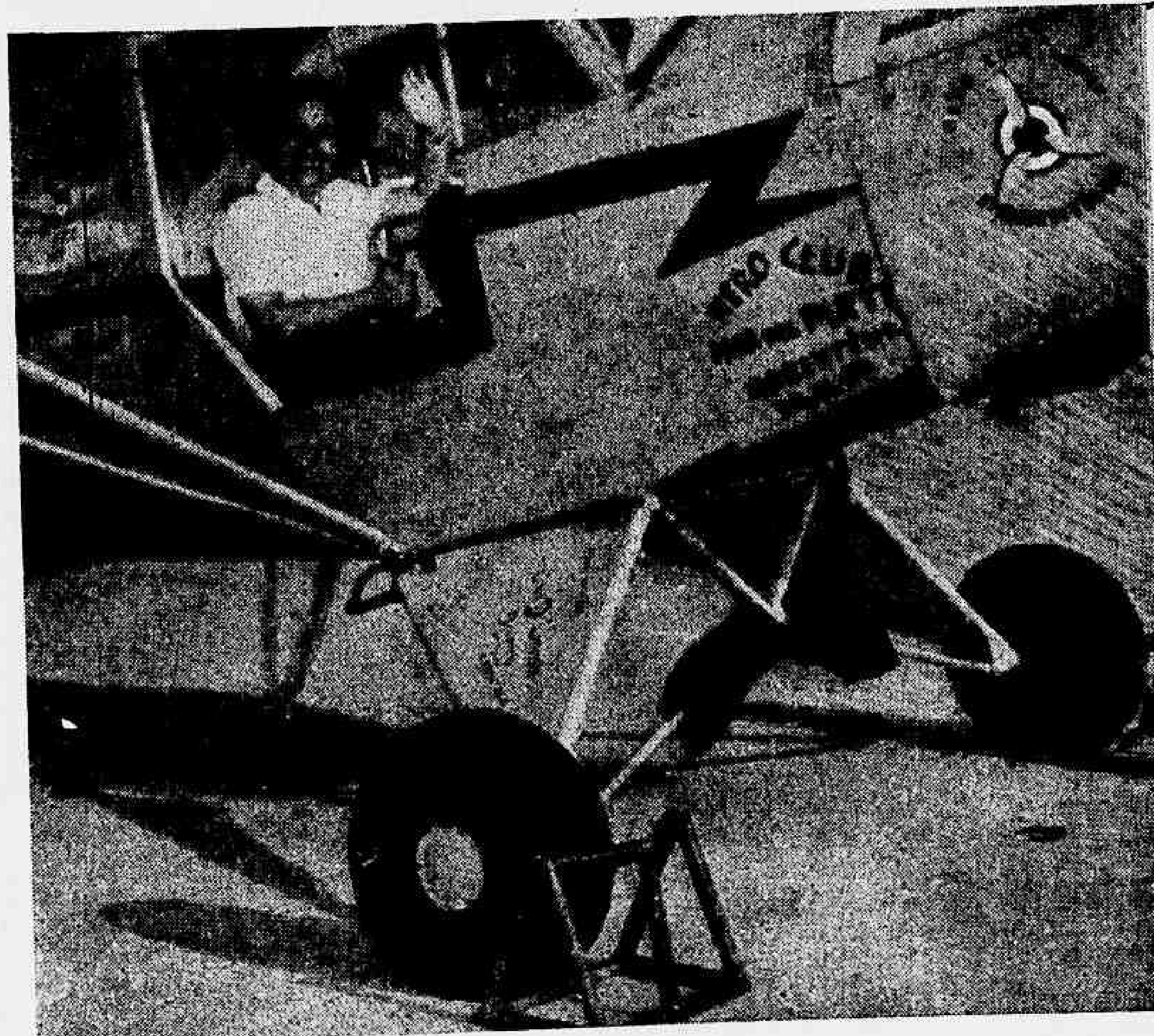
SOB o olhar paternal de um velho edifício mourisco, estende-se à margem da Avenida Brasil, o aeroporto de Manguinhos. Quem não o conhece de passagens anteriores pela majestosa via de luz fluorescente, fica um pouco indeciso pela sucessão de campos que ali se encontram.

Nós, certamente, que não acharíamos grande dificuldade em encontrar Manguinhos. Lembramo-nos agora das vêzes inúmeras que por lá perambulamos, quando criança, pegando siri em Amorim (é um charco perto do campo) e nadando no pôrto lodoso dos hidros.

Seriam provàvelmente três horas da tarde e o pessoal da pilotagem e reportagem já nos esperava impaciente. Não era um dia ideal onde o sol se apresentasse em tôda sua intensidade luminosa. Um dia antipático e infiel. Um campo pedregoso, a espaços de grama falhada — careca, é a terminologia adequada — vai tornar-se o palco, sob um teto de céu que Ada vai ganhar, e dêle soltar-se pela centésima vez.

— "Isso não é vantagem. Ela quer é cartaz" — dizia-nos um abusado ao ouvido.

(*Cont. na pág.* 49)



INSCRIÇÕES de todos os lugares por onde passou, vêem-se rabiscadas em seu teco-teco PP-DBL.



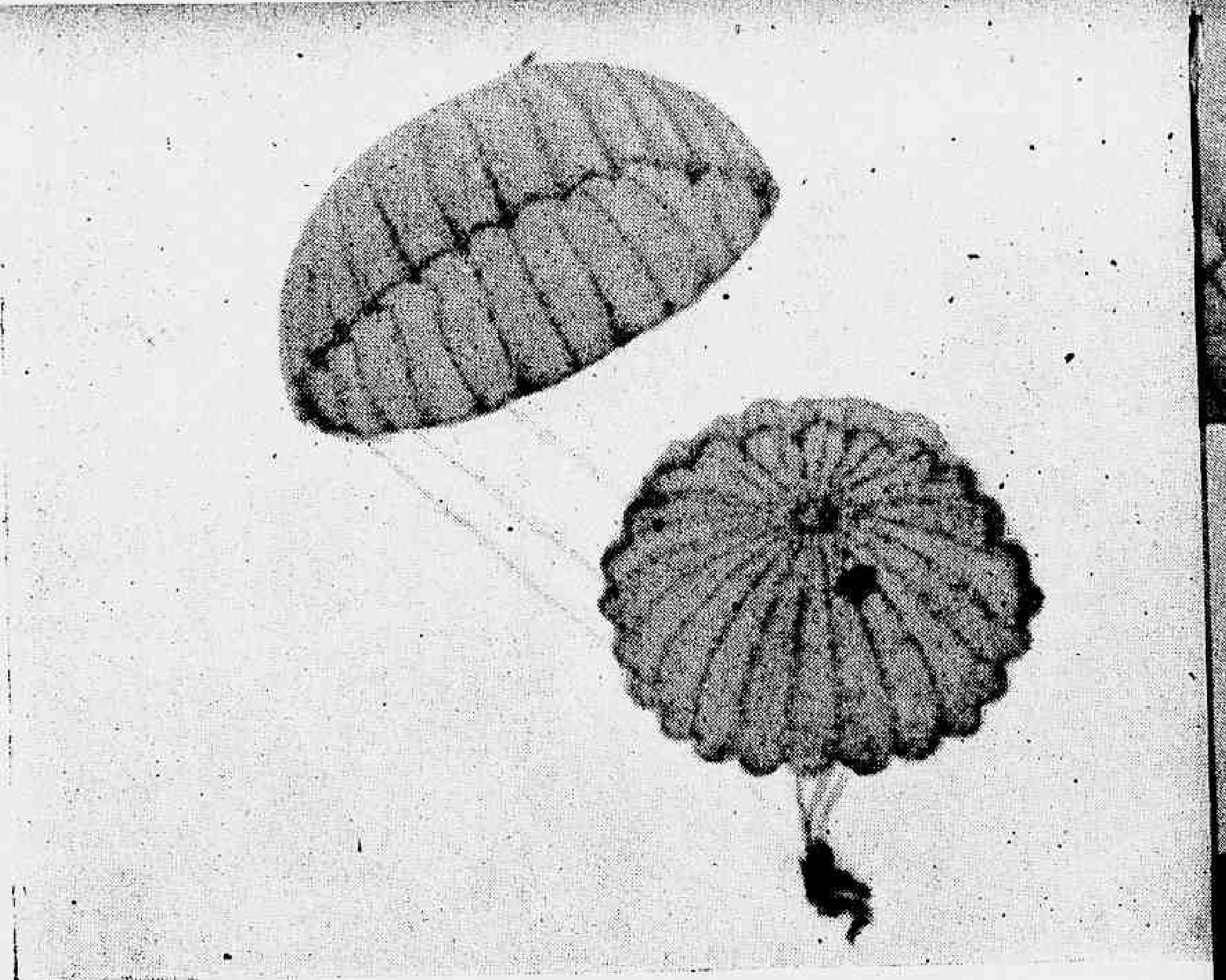
A VAIDADE FEMININA também se encontra na paraquedista brasileira. Limpa-se após empurrar o aparelho.



1 Esta, poder-se-ia dizer, é a base inicial para um salto de paraquedas. O carregamento do mesmo em duas bolsas.



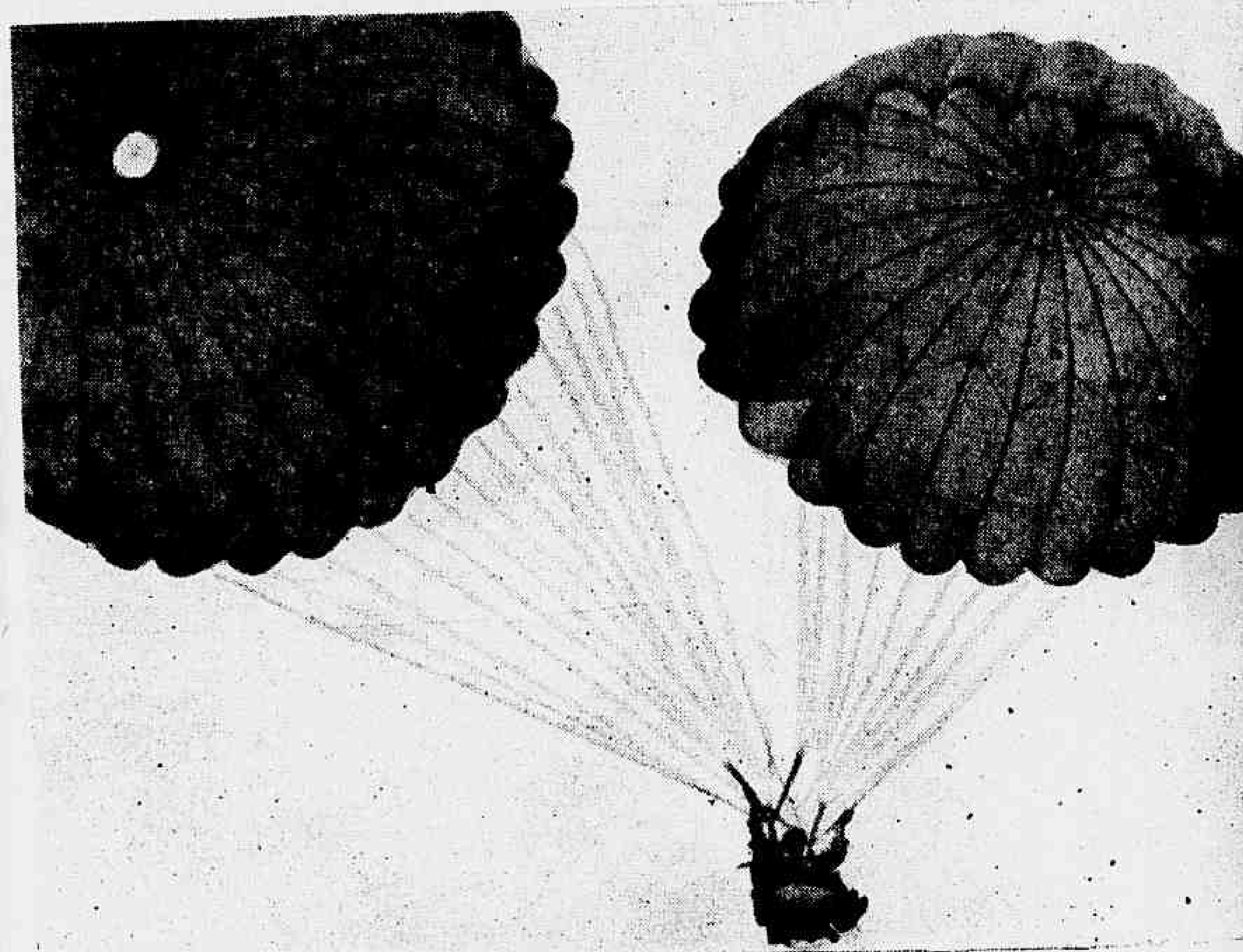
2 Ada Rogato veste, ajudada por dois colegas, o aparelho de salto que usará, afim de completar o centésimo pulo.



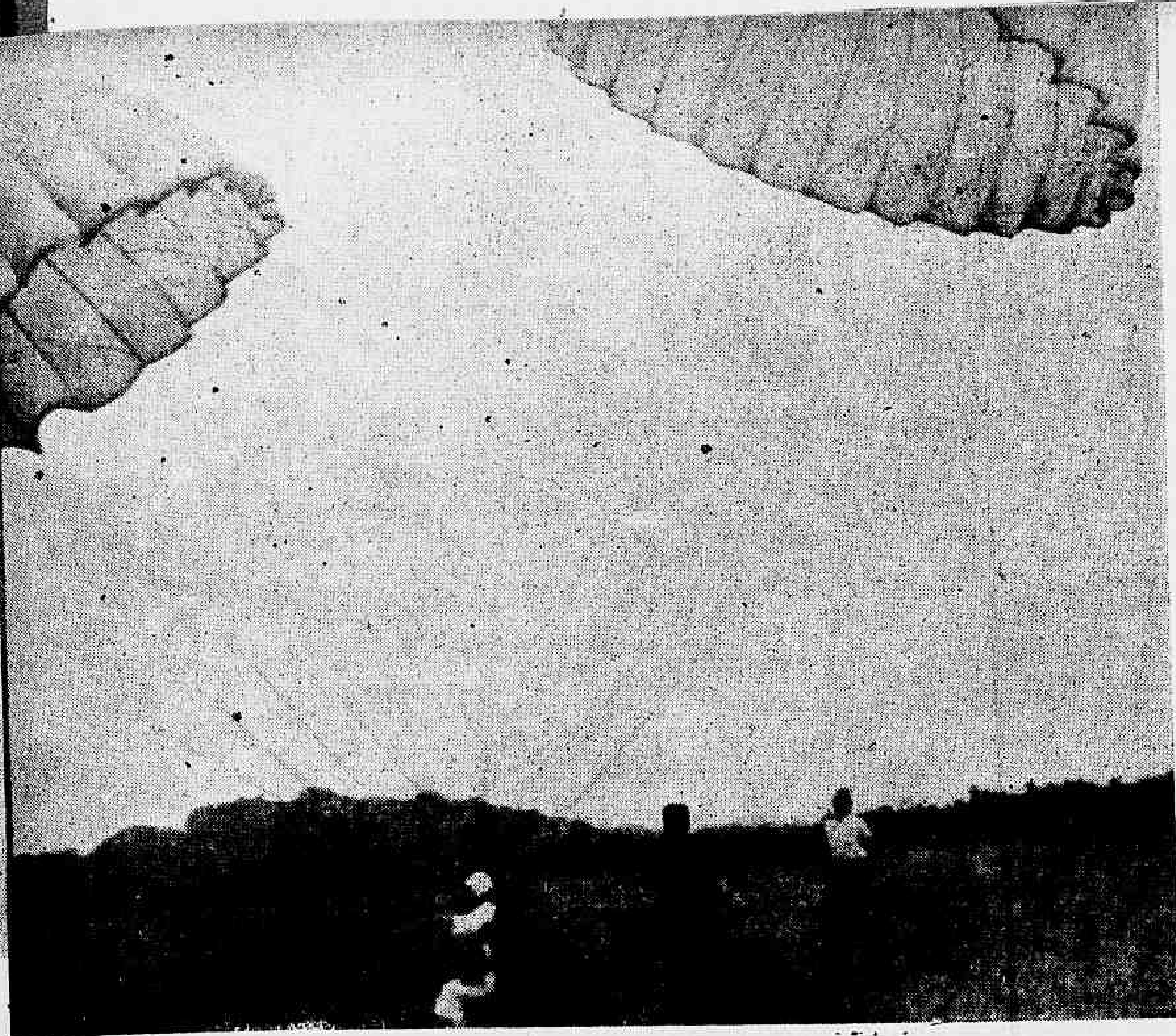
3 Largando-se do avião, ela abre primeiramente um paraquedas. Faltando 200 metros para tocar o solo, o segundo.



4 Mais próximo do sólo faz «glissadas» no desejo de que o aparelho lhe obedeça e caia no lugar previsto.



5 «Saiam debaixo» — gritava-nos. Já bem perto do chão os paraquedas seguem-lhe o desejo como se fossem duas asas.



6 Completado assim no Brasil o centésimo pulo de paraquedas, efetuado por Ada Rogato, realizado com nota 100.



7 O sorriso da vitória, pode-se dizer. Cheio de vento Ada segura-o, valentemente. «Loca mujer», disse num dia semelhante, alguém



8 Penúltima fáse. Já no chão, como cansado do esfôrço dispendido, acha-se o heróico paraquedas do centtésimo pulo



9 APÓS SEU CENTÉSIMO SALTO ADA CARREGA VALENTEMENTE SEU PARA-QUEDAS

VIDAS DE MULHERES CELEBRES

A VIDA DE GEORGE ELIOT

1819 — 1880

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

TODOS que lhe perscrutavam o semblante recebiam extraordinária impressão. "Seus olhos eram verde-acinzentados. Olhavam como se estivessem recém-lavados". A parte superior do seu rôsto era mais grave e máscula do que a da maioria dos homens, e a inferior mais sensível do que a da maior parte das mulheres. Quando era dominada pela tristeza, parecia "tão humilde como um cavalo". Quando ria, porém, era uma criatura celestial.'

Seus sorrisos, entretanto, eram raros. "Ela carecia de certo aroma de esperança, de certa ventura de virtude". Tinha uma expressão semelhante à de Prosérpina ao passar seis meses como hóspede aterrada no mundo solar. Todos sentiam o efeito da solitude dela, "uma solitude de quem vive tristemente, sublimemente à parte".

Mary Anne Evans nascera no dia de Santa Cecília, à beira da Floresta de Arden. Seu pai era um agricultor do interior do país, um, "velho Tory honesto" que pronunciava a palavra "govêrno" de uma maneira que infundia a seus filhos pavor religioso. Êle avaliava propriedades para a nobreza, vendia qualquer coisa por comissão, e sabia que o Duque de Welligton "poria as coisas nos seus lugares" castigando todos os radicais como castigara a Napoleão. Era firme como uma arca, e tão cheio de fé como a Sagrada Escritura. Não havia nada a respeito de sua vida e de sua espôsa que fizesse pensar numa irregularidade. Alí estava, porém, sua filha Mary Anne, que navegava contra o vento. Tinha têmpera decidida e imaginação, e um código de justiça todo particular. Para ela uma vaca não era uma vaca. Nem uma boneca uma boneca. Quando se zangava com a humanidade — por causa de alguma coisa que papai fazia — cravava as unhas na cabeça da boneca. Depois, como uma verdadeira deusa, arrependia-se e aplicava emplastros. Aos cinco anos era "uma curiosa menina com feições fortemente caracterizadas e grande seriedade de expressão, a quem as companheiras mais velhas mimavam chamando-a de mamãezinha". Aos oito anos viu na religião uma fôrça ativa. Antes dos doze ensinou numa aula de catecismo domingueira para filhos e filhas dos agricultores de Nuneaton. Aos treze resolveu que a ortodoxia em religião não era necessária para a nobreza do caráter. Leu Wordsworth. As pessoas mais velhas ficavam espantadas de ver, no meio da placidez normal da fazenda Evans, dois olhos cintilantes que sobressaíam como estrêlas num inexpressivo ambiente de noite. Chamavam-na *Clemátide*, que na linguagem das flores significa *beleza moral*.

Entretanto, a nobre amiguinha do estudo sentia uma selvagem dentro dela. Vagava pelos campos e pouco se importava se os espinhos faziam-lhe sangue nos pés. Brigava com seu irmão até ficar com os cabelos empastados de barro. Gostava de se atirar e descansar em lugares mal cuidados, e de espremer uma amora como se fôsse uma coisa viva. E quando ia à igreja tôda endomingada, sentia-se deslocada como um moleque num palácio.

Afinal, porém, o inevitável decurso dos anos tirou-lhe a rudeza. Tornou-se alta, elegante mesmo, e dona de si. Refugou quase todos os seus "brinquedos" infantis. Ficou com os livros de Goldsmith e Scott, os ensaios de Lamb, a fábula de Bunyan. O que lhe interessava era agora deliberadamente cultivado, e não simplesmente recebido de presente da natureza. Leu os *Pensamentos* de Pascal, e ouviu as missas de Bach e os oratórios de Handel. Deixou por algum tempo de ir à igreja. Ficou dominando muitas línguas e desprezando muitas convenções. Enquanto as outras mulheres punham cosméticos e se faziam garridas para atrair um homem, ela punha óculos para atrair a musa do saber; e ostentava ares professorais para manter à distância todos os homens, afastando-os de um procedimento romântico. Ainda era uma cigana; não mais como criança, está visto, mas como uma filósofa. Ela nunca "se fixaria" e estabeleceria para se aquecer junto à moralidade lareira da sua geração. Percorreria um itinerário de princípios morais e desventuras e revelações todo seu. Escandalizaria os pais e maridos inglêses. Quem é que ouvia falar de uma mulher respeitável na Inglaterra vitoriana que aprendesse a vida por experiência própria, sujeita à provação e ao êrro? Uma espôsa e uma mãe tinham de passar por muitas *experiências* e *provações*, sem dúvida, diziam os homens. Mas não deviam estar sujeitas a *êrros*, e certamente que não deviam *aprender*.

Mary Anne Evans, porém, era aos vinte e um anos mais do que um inglêz.

II

Surgiu em Londres e foi nomeada sub-diretora da *Westminster Review*. Confundiu os sabidos com sua sapiência. Interessou-se pela nova ciência da frenologia — o estudo do caráter de uma pessoa pela conformação do seu crânio — e ela mesma raspou o couro cabeludo a fim de que a sociedade de frenologia pudesse fazer experiência com um modêlo de gêsso da sua própria cabeça. Durante semanas usou um chapéu nos salões de baile e nos teatros, até que seu cabelo tornasse a crescer, e se distraiu nos seus momentos de solidão traduzindo a *Vida de Jesus* do pesado alemão de David Strauss. Terminado êsse trabalho, aproveitou as noites traduzindo a *Ética* de Spinoza do latim, depois das suas quinze horas de atividade por dia como redatora da *Westminster Review*. Não havia entre os críticos literários um tubarão mais canibal e tremendo do que aquela senhorinha. Seus comentários sôbre as novelas modernas eram sem rodeios e aterradores. Mantinha charlas com Carlyle, Huxley, Mill, Tyndall e outros principais mercadores de pensamento. Sentava-se nos restaurantes com ilustres emigrados, refugiados políticos do continente, aspirantes a escritores. Discutia a doutrina do socialismo com Louis Blanc, e a arte da insurreição com Mazzini.

A essa altura da sua vida conheceu o arcanjo da arte de teorizar, Herbert Spencer, então conhecido como autor de *Social Staties*. Com êle foi aos teatros e fêz passeios pelo Tâmisa. Seus amigos começaram a murmurar ansiosamente que os dois navegantes mentais tinham descoberto entre o seu equipamento espiritual uma emoção clandestina que podia tomar conta do barco e lhe dirigir a rota. Depois de fazer a Mary Anne uma côrte honrosa e analítica, Herbert Spencer esperava declarar-se. Admitiu públicamente, e também no seu íntimo, que nunca encontrara antes uma mulher cujas fôrças e fraquezas fôssem em todos os pontos tão semelhantes às suas próprias. E Mary Anne encontrou no ousado arquiteto de teorias a personificação do marido ideal. Spencer considerava a evolução das coisas e julgara que o seu estado final devia ser... o de solteiro.

Não tardou que os dois não mais fôssem vistos juntos. Mary Anne retirou-se descretamente para o seu gabinete e deixou que seus amargos ressaibos sentimentais desaparecessem no trabalho. A vida apanhara-a afinal e a desprendera de sua atitude de superioridade frente à existência; fizera-a lembrar-se de que era uma mulher e que podia ser ferida. Aos trinta ela se julgara velha, demais para ser atingida pelo tempo; agora tinha bem mais do que trinta. Entretanto, na sua súbita velhice sentiu-se novamente jovem, bastante para ser *corrigida* pelo tempo. Certa vez, essa Minerva da sabedoria — isso aconteceu antes que ela descobrisse ter um calcanhar de Aquiles — dissera com verdade e beleza:

— Para os velhos, sofrimento é sofrimento; para os moços, é desespêro.

Havia tempos ela *dissera* isso; agora *sabia* isso, conhecia tôda a profundidade da agonizante gradação que vai do sofrimento ao desespêro.

Já não falava de si em têrmos intelectuais. "Nos meus momentos de tristeza sinto uma impressão assim como de uma procissão que desfilou cantando e cujos sons musicais se perderam ao longe, deixando-me só em companhia dos campos e dos céus".

Passado algum tempo, porém, observou com sarcástica dignidade: "A atmosfera e eu estamos melhor; lamentamos as nossas nuvens e as sumimos tôdas, e eu contemplei mais seis meses de vida".

III

Vivia em Londres um erudito saído das Mil e uma noites, George Henry Lewes, crítico, filósofo e ator extraordinário. Era tão feio que as crianças fugiam dele. Dizia-se zombeteiramente que o chimpanzé do Jardim Zoológico londrino morrera ralado pelos ciúmes de que George Henry Lewes lhe usurpasse o lugar. E Mr. Lewes era tão douto quanto feio. Diàriamente "almoçava um capítulo de Kant e jantava um poema de Goethe".

Mary Anne Evans conheceu-o na sociedade. Admirou-se da boa peça que a natureza pregara àquele homem dando-lhe um corpo extremamente repulsivo e um espírito excessivamente grande para o mundo. A história de sua vida não era menos espantosa do que seu aspécto. Quando jovem mostrara talento para escrever, e fôra colocado num cartório a lavrar instrumentos de contratos. Seu salário era pago em "agradecimentos". Escriturou livros de um comerciante russo, foi atraído para a medicina e depois para a filosofia, e passou a ir de noite a um clube Spinoza. Partiu impulsivamente para a Alemanha e penetrou no campo da ciência; mas, "incapaz de fazer alguma coisa com constância", tornou-se ator de uma companhia organizada por Charles Dickens, e conquistou grande sucesso no papel de Shylock. Deixou depois o teatro, escreveu peças, deu aulas de uma dúzia de línguas, publicou uma novela sôbre a Revolução Francêsa e uma história da filosofia, casou-se com a linda filha dum membro do Parlamento, e fundou uma revista com um sócio, o qual terminou o negócio fugindo com a mulher dele. Depois disso escreveu ensaios críticos, maravilhou a sociedade com suas brilhantes e audaciosas manifestações, e noite após noite, ao voltar para casa, sentia-se em seus aposentos o mais solitário e amargurado homem da Inglaterra. Até que uma noite conheceu a mais solitária e amargurada *mulher* da Inglaterra, a redatora da *Westminster Review*.

Aconteceu então a mais chocante, e contudo a mais lógica das coisas. Mary Anne Evans ligou-se com George Henry Lewes. Devido à lei e às suas magras finanças, Lewes não conseguira obter divórcio da sua espôsa. Não importava: Mary Anne Evans era uma lei para si mesma. Quando estourou a notícia de que a mais despretensiosa mulher de Londres "unira-se ìmpiamente" com o mais despretensioso homem da Inglaterra, o casal já estava fora do alcance da crítica insular. Tinham zarpado para o continente, a fim de começar sua vida juntos em ambiente estrangeiro.

Sua lua de mel foi um perfeito entendimento espiritual. Foram para Weimar, onde Lewes, que trabalhava numa *Vida de Goethe*, colhia reflexos do espírito do mestre. Ouviram *Ernani* sob a batuta de Liszt. Conversaram com o ruivo Berlioz na mesa de um hotel de Bruxelas e viram um pouco da fantástica sinfonia dos seus olhos. Gritaram às gargalhadas para dois caranguejos que lutavam numa praia de mar. Encontraram uma garotinha adormecida no campo e puseram-lhe uma moeda na mão. Quando, porém, voltaram a residir na Inglaterra, não acharam em parte alguma um sorriso para êles. O pai, as irmãs e o irmão de Mary Anne recusaram-se a ter qualquer contacto com ela. Corajosamente assinou no registro do hotel "Mrs. George Henry Lewes". Mas tôda a Inglaterra evitava aproximar-se dela.

Lewes tomara a seu cargo o sustento da sua primeira mulher, que ficara desamparada; e mandou seus filhos para um dispendioso internato. O casal verificou a dificuldade de se manter financeiramente, já que não eram "nem filantropos nem caloteiros". Atiraram-se furiosamente ao trabalho para alimentar sete bôcas com os escassos proventos de seus artigos e colaborações em revistas. Por falta de espaço, trabalhavam num quarto durante o dia. Mas à noite, como que màgicamente, o quarto adquiria as dimensões dum universo enquanto êles liam juntos a *Ilíada* no original grêgo.

Ela o chamava "Papaizinho", e êle a ela de "Madonna" ou simplesmente "Polly". Foram isolados cruelmente. Durante dias não viam ninguém, não recebiam visitas. Para conhecer a alta iniciação do amor, uma mulher deve a miúdo pisar onde é penoso pisar, e sentir o ar frio, e caminhar através das trevas".

Era uma vida de "alegre desolação". Lewes, observando cuidadosamente sua "Madonna", percebeu que ela devia de qualquer maneira livrar-se daquela existência num quarto, que devia suavizar a intensidade do seu sofrimento, do contrário a tristeza mataria o que de melhor havia nela. Êle lera alguns esboços de ficção que ela escrevera à toa.

— Você deve escrever uma história, Polly. Estou convencido de que se tornará uma grande romancista.

A idéia era tentadora. Mas sôbre o que escreveria ela? Um belo dia as palavras de Sir Philip Sidney lampejaram-lhe no cérebro e o fizeram arder. "Examine seu coração e escreva!"



GEORGE ELIOT

(Continua no próximo número)

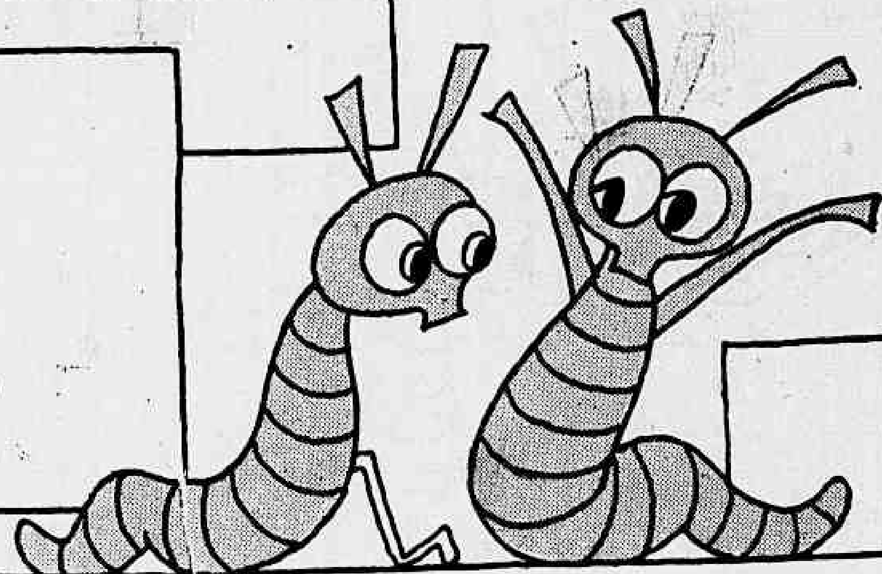
VESPERA de ELEIÇÕES



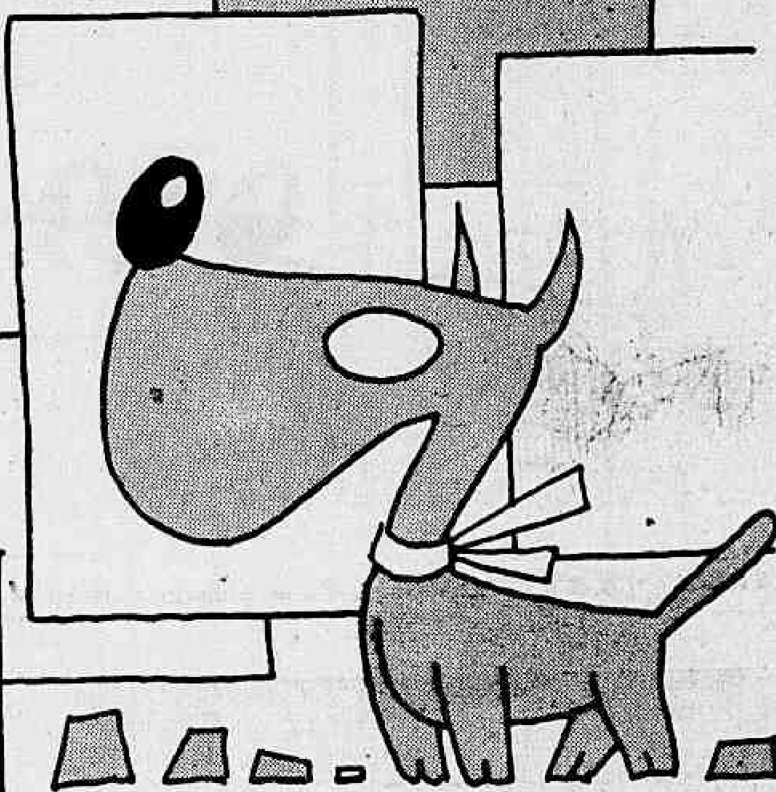
— Já ganhei !
— Ganhou, antes do pleito ? !
— Ganhei, sim. Sou fabricante de cartazes !..

— Acho muito suja essa propaganda por meio de cartazes e volantes.
— Também acho. Prefiro a de auto-falantes ! Eu sou surdo...





Uma traça — Comi um cartaz de senador. Que cousa indigesta !
A outra — Experimente um de vereador. São quasi todos **brotinhos**...





— A senhorita é candidata ao cargo de datilógrafa ?
— Ora bolas! Pensei que o senhor estivesse à procura de uma candidata a vereador!



— Não sei se o senhor sabe. Sua filha é a minha eleita...
— Eleita?! Como candidata ainda pode ser, mas se ela fôr eleita, você perde a noiva, rapaz!

FESTAS DE ALEGRIA OS FUNERAIS NA CHINA

ESTAMOS AINDA POR VÊR UM RITUAL TÃO TÍPICO E CURIOSO, QUE OS EUROPEUS NÃO ESTARIAM À ALTURA DE COMPREENDÊ-LO... ★ UM AUTÊNTICO BANQUETE DURANTE A MARCHA DOLENTE E CONSTANTE ★ PARA OS CHINESES A MORTE É UMA DAS COISAS MAIS FELIZES E OPORTUNAS QUE POSSAM ACONTECER.

Texto de **M. AZA** — (Exclusividade IPA — REVISTA DA SEMANA)

OS filósofos chineses devem ter tomado parte há alguns séculos atrás em uma discussão muito interessante sôbre as comemorações que se juntavam aos funerais, que nunca vinham sem uma boa dose de pensamento e apreciação psicológica.

Todos conhecem por demais a tristeza e a atmosfera de pesar que via de regra envolve os funerais europeus. O nosso ente querido, segundo nos é dado acreditar, passa para uma vida melhor, passa para um outro mundo, melhor e diferente do nosso, onde reina a paz e o silêncio num desfraldar contínuo de felicidade. Por que será, então, que os nossos amigos e parentes, tão distantes que se encontram de nós e se unem na tristeza deste acontecimento.

Os chineses, particularmente, acreditam piamente numa outra vida, após a morte. A morte é um presente divinal, que nos leva duma vez desta vida tão cheia de distúrbios! E' uma fáse muitíssimo mais importante do que a própria vida, e de algum modo, a parte mais importante de nossa «existência»

Nós estamos ainda por vêr um funeral tão típico e tão interessante. Suponho que para os europeus mesmo, esta espécie de funeral seria tão estranha que não estariam eles à altura de compreendê-lo. A procissão, no entanto, é nada mais do que um aglomerado de côres, mais ou menos idêntica à parada que se segue à «Bataille des Fleurs» nas celebrações francesas.

Há também um outro requisito interessante que deve ser ajuntado às comemorações do funeral na China: o chamado, «afastamento dos espíritos do mal», que geralmente rodeiam as comemorações da jornada funeralística! Segundo a crença geral, esses espíritos furtam a alegria que as cercam no fim das mesmas. Por esse motivo é que a procissão sempre procura escolher o caminho mais tortuoso possível, de modo a fazer com que os espíritos não saibam para onde se dirigem! Tudo o que fazem, de um modo geral tem o mesmo objetivo. Todos os demais atos praticados pela multidão, não há dúvida que, além de objetivo de «espantar» os espíritos do mal, têm também um outro objetivo óbvio. Tomam parte ativa e importante nesses casos.

PARECE UM TEMPLO, mas é um «jazigo» de 10 metros de altura, pertencente a uma família chinesa. Em baixo, um chinês leva o seu «restaurante» no acompanhamento fúnebre





O POVO CHINÊS tem muitas superstições absolutamente desconhecidas dos ocidentais. Este boneco, por exemplo, é confeccionado e queimado após o entêrro do verdadeiro morto.

os espantalhos que também são preparados por eles, geralmente pintados em côres berrantes, como vermelho, por exemplo. Esses espantalhos, que seriam mais precisamente chamados de bonecos, são queimados, exatamente no momento da partida da procissão. O fogo, segundo se acredita, é o método mais eficiente para dispersar as creaturas do mal, dispersando também os máus olhados que porventura se encontrem no meio da tenebrosa jornada. No decurso de toda a jornada, os espantalhos vão sendo queimados, enquanto a procissão toda avança a passos melancólicos, dando uma impressão exata do que seja o funeral na China. Para as grandes cidades européias, não há dúvida de que isto não passaria de indício de loucura ou qualquer coisa que se assemelhe!

Em sua marcha dolente e constante, os componentes do bloco tem de se alimentar, e para tal não se servem dos próprios recursos naturais de um «pic-nic». Essa comida esquisita, feita ali mesmo, sob os céus, pode dar como resultado os mais saborosos pratos, ou melhor, simples terrinas cujo conteudo é preparado em um grande recipiente, posto sobre tijolos, e sobre alguns pedaços de madeira em braza. Geralmente, a prevenção manda que sejam também levados uns tamboretes e uma pequena tábua, para melhor conforto da penosa viagem. O alimento, sem dúvida, faz-se necessário na jornada, sem o qual não teriam forças suficientes para continuar.

Quanto às sepulturas, a pousada daqueles que em vida foram seus parentes ou amigos, estas pouco ou nada diferem das sepulturas do Egito antigo. São todavia bastante originais, tanto em arquitetura como no aspecto e tamanho. Grandes blócos de mármore, com fotografias dos entes perdidos, contém também um pequeno relato dos fatos mais importantes da família. Não são todavia memoriais, sendo no entanto mais ou menos equivalentes aos que encontramos nos túmulos de pedra dos cemitérios europeus.

Quando chega a morte, os chineses são realistas. Eles são filósofos. Aceitam-na filosòficamente, como uma das coisas mais felizes e oportunas que possam acontecer, encarando-a alegremente, como se afinal tudo não passasse de uma prazeirosa e benfazeja data natalícia. — (IPA).



OS CHINESES não choram ao levar o morto à última morada. Ao contrário, erguem gritos de alegria...

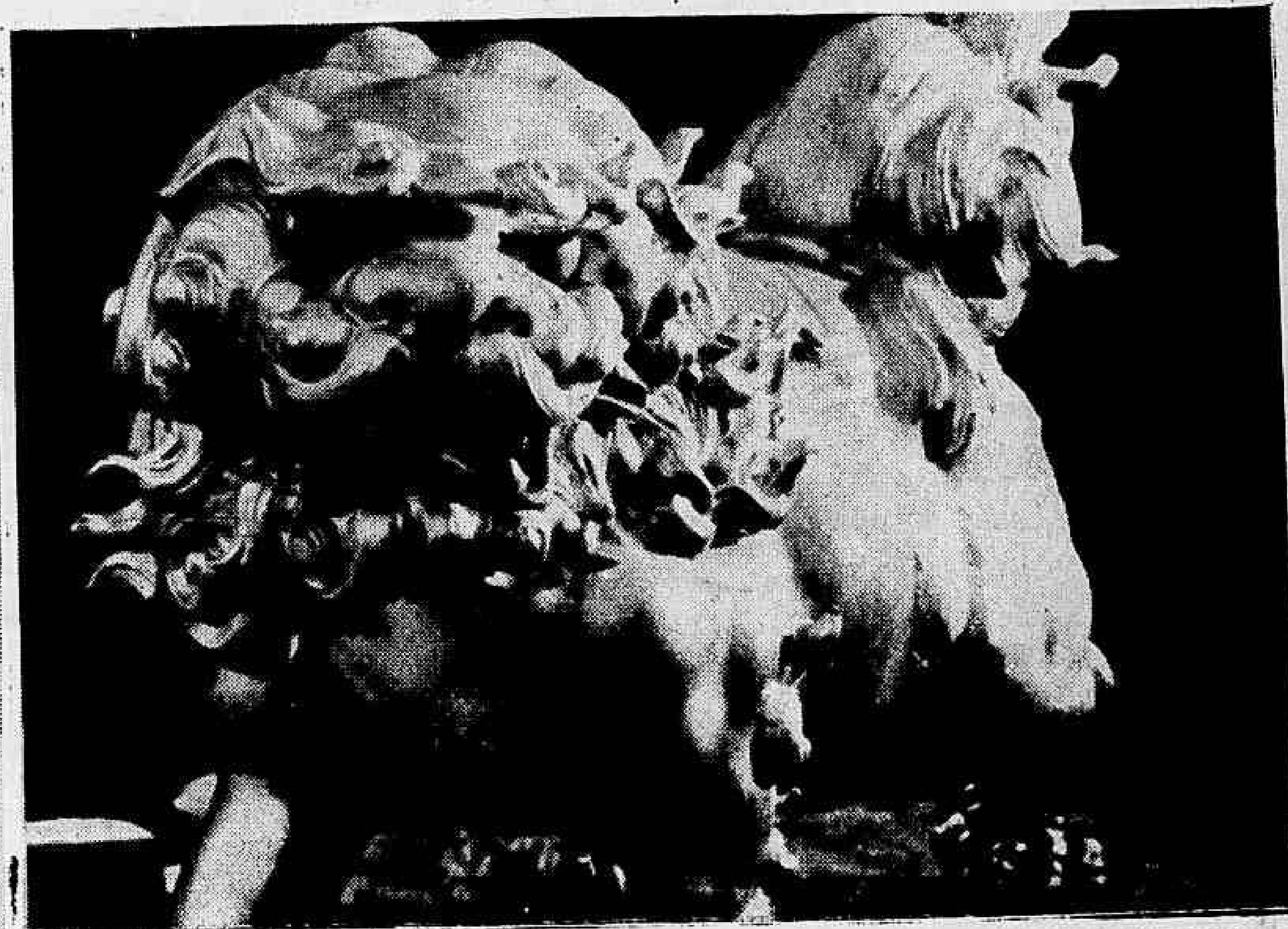


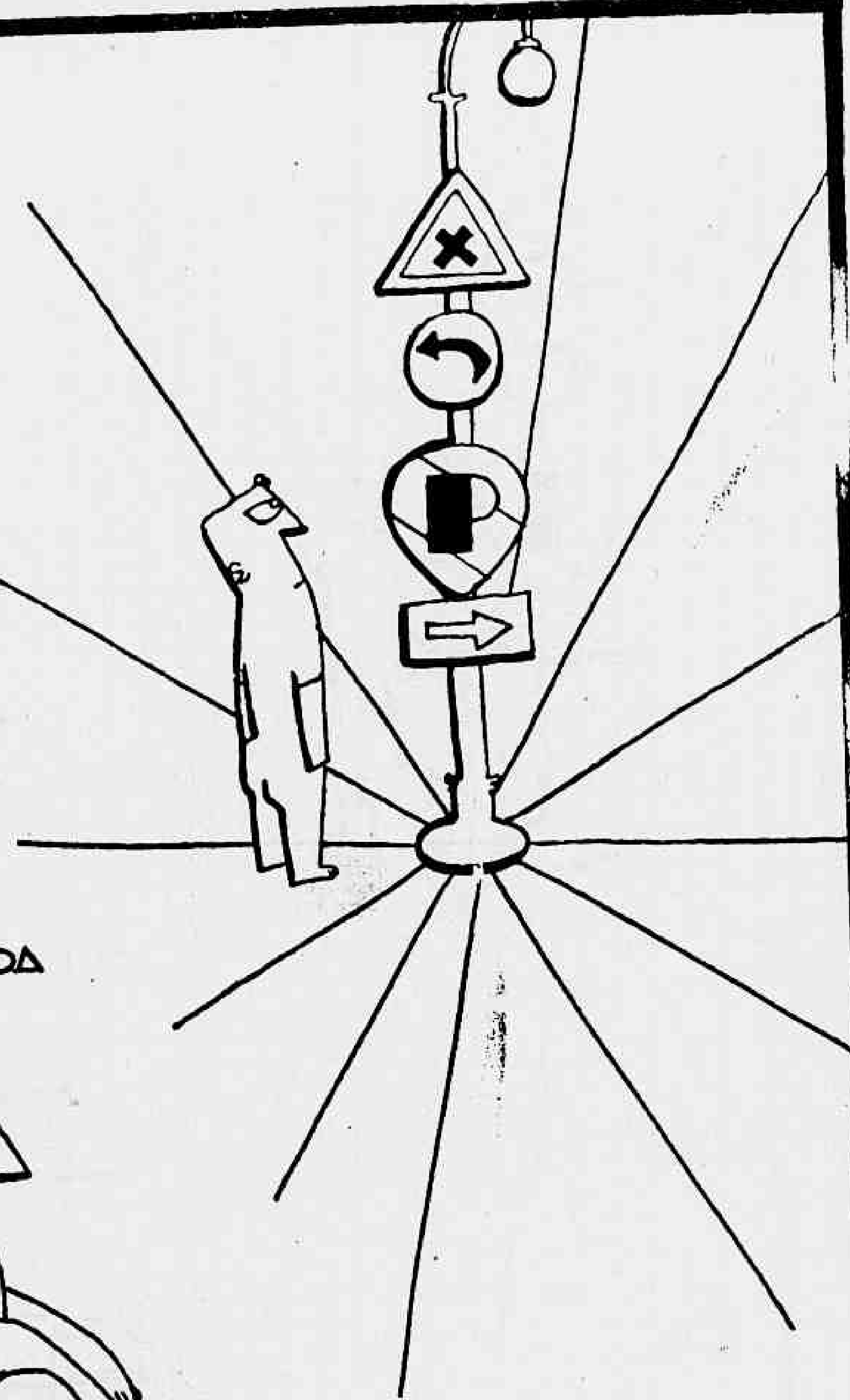
IMAGEM de um «deus» para afugentar os maus espíritos, aguarda as ordens do velho mêstre.

Nicodemus

SEM TER MAIS DE QUE FALAR
FALA DO SEU PROPRIO

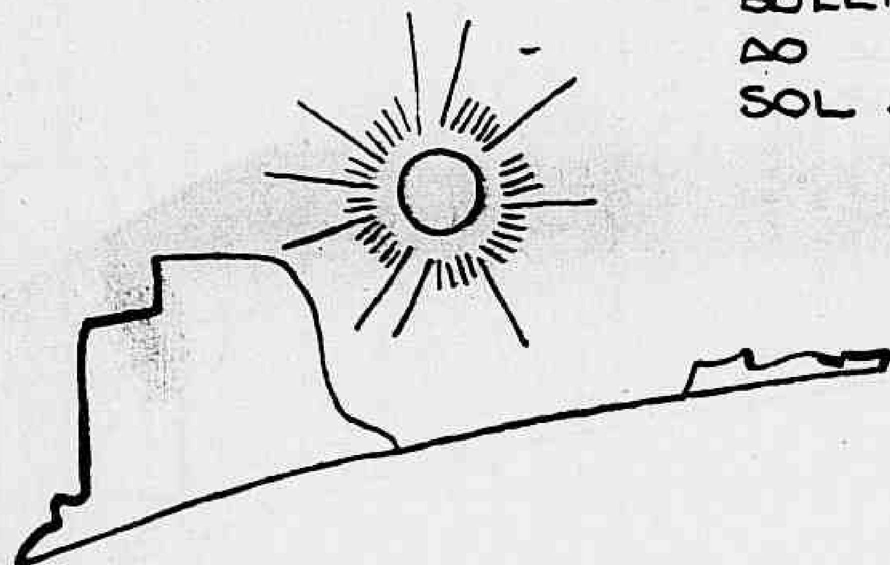
EGO

LA'
ESTAVA EU
DEPOIS
DE TANTOS
CAMINHOS
PERCORRIDOS
FRENTE
AO POLVO
DE UMA ENCRUZILHADA
DE
BRAÇOS
EM X
OLHANDO OS SINAIS IRRESPONSAVEIS
DE NOSSA EXISTENCIA ...



EU ESTAVA ASSIM : NÃO SABIA
AONDE IR ...

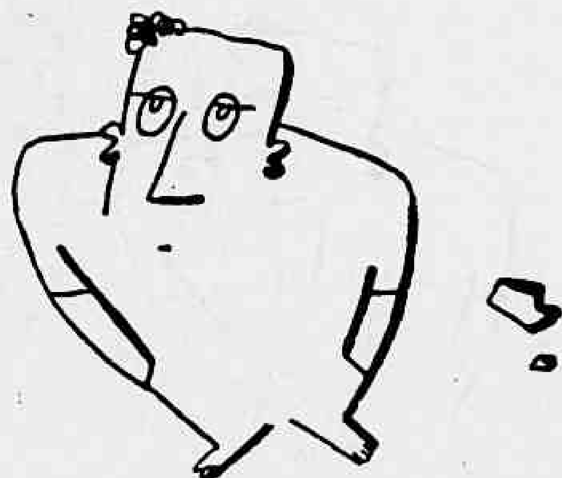
E ANDEI
PERAM-
BULEI
AO
SOL ...







... ATE' QUE VI LA' EM CIMA
NO TÔPO DE UMA ALTISSIMA
ARVORE
UM
NINHO
ANTIGO ...



SUBI
ME
PONDO
A CHOCAR ...

E DESCOBRI
O QUANTO
PERDERA
EM TEMPO
ERRANDO
NOS CAMINHOS :
A FELICIDADE
QUE BUSCAVA
ESTAVA
PERTO
TÃO PERTO
QUE
SE
ENCONTRAVA
ALI' MESMO
DEBAIXO
DE
MIM ...

A MAIOR DATA NACIONAL



DESFILE DE BATALHÕES da Escola Naval no Dia da Pátria, em frente ao majestoso edifício do Ministério da Guerra, quando formaram em parada, mais de trinta e cinco mil homens

COMO sucede todos os anos, foi brilhantemente festejada a maior data brasileira, Sete de Setembro, muito justamente chamada "O Dia da Pátria". O programa oficial, além das recepções em Palácio a todo o corpo diplomático acreditado no Rio, constou de uma parada militar na qual desfilaram tropas de tôdas as armas nacionais, somando cêrca de 35 mil homens.

Incalculável multidão afluiu à Avenida Presidente Vargas e, especialmente, à atual Praça Duque de Caxias, em frente ao Ministério da Guerra, onde se erguia a tribuna do Presidente da República, autoridades civis e militares.

O tempo se manteve sombrio, muito contribuindo para o grande afluxo de povo que não se cansou de aplaudir nossos soldados no seu desfilar garboso.

A data que o Rio festejou com o maior brilhantismo e entusiasmo, é, de ano para ano, mais querida de todos os brasileiros, pois nos recorda o episódio culminante da luta política entre as Côrtes portuguêsas de D. João VI e o Brasil, ainda sob a tutela lusitana.

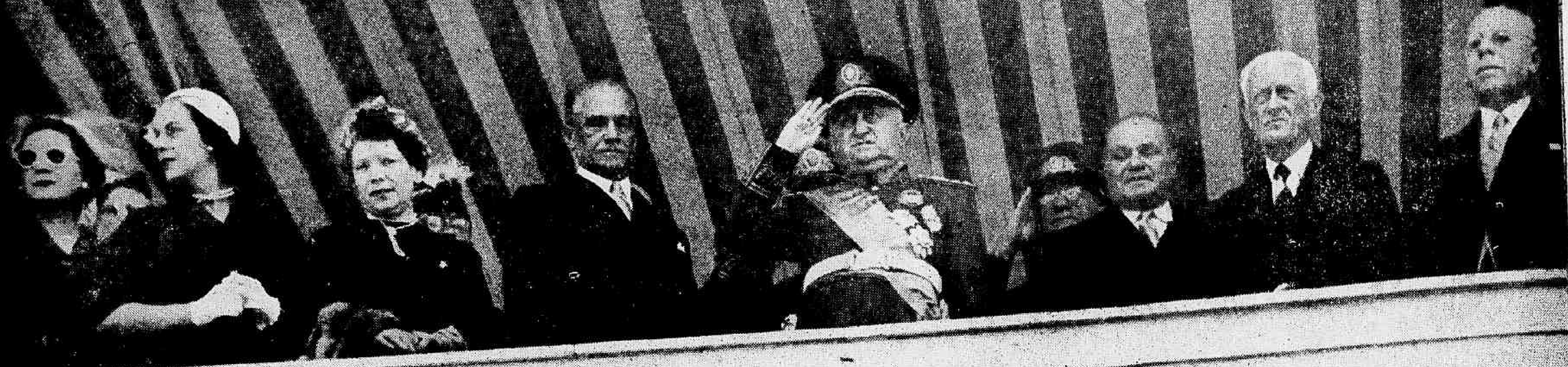
Pedro I, o Príncipe romântico e estouvado, era bem o temperamento de que precisava nossa história para implantar no Brasil um govêrno emancipado, autônomo e

BATERIA DE FOTÓGRAFOS e cinematografistas, ao chegar à Praça Duque de Caxias, o Presidente Dutra.



COMO SUCEDE TODOS os anos, também desfilaram na parada de 7 de Setembro, os nossos pracinhas.







O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA, NA TRIBUNA DO PANTEON, ASSISTE AO DESFILAR DAS TROPAS



OS DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA, com o velho e tradicional garbo da famosa tropa cria da pelo primeiro Reinado, desfilam pela Av. Pres. Vargas, na grande parada militar dêste ano.

independente da Coroa Portuguêsa, nos começos do século XIX, quando por todos os pontos dêste hemisfério a idéia da independência nas antigas colônias ibéricas era o assunto de tôdas as populações.

A figura de Bolivar e a de Washington, constituíam esperanças para os povos ainda colonizados, tendo-se formado na alma brasileira, o sentimento de independência que deu a Gonçalves Lêdo, a José Bonifácio, a Januário da Cunha Barbosa e outros patriotas, a chama revolucionária para o advento dêsse famoso 7 de setembro de 1822, com o grito de "Independência ou Morte" em S. Paulo.

Nada puderam as Côrtes portuguêsas diante da maturidade nacional brasileira, que encontrou em Pedro I, o seu porta-estandarte vigoroso, decidido e disposto a lutar pela causa de sua nova pátria em terras da América. E hoje, todos nós, somos fiadores dessas lutas de mais de um século, vendo nas fôrças que desfilam entre palmas, a garantia eterna dêsse Grito do Ipiranga.



CAVALARIA DA ESCOLA Militar com as bandeiras históricas.



O GENERAL ZENOBIO da Costa, de pé, num carro de Guerra



UM DETALHE DO desfile dos garbosos alunos da Escola Naval.

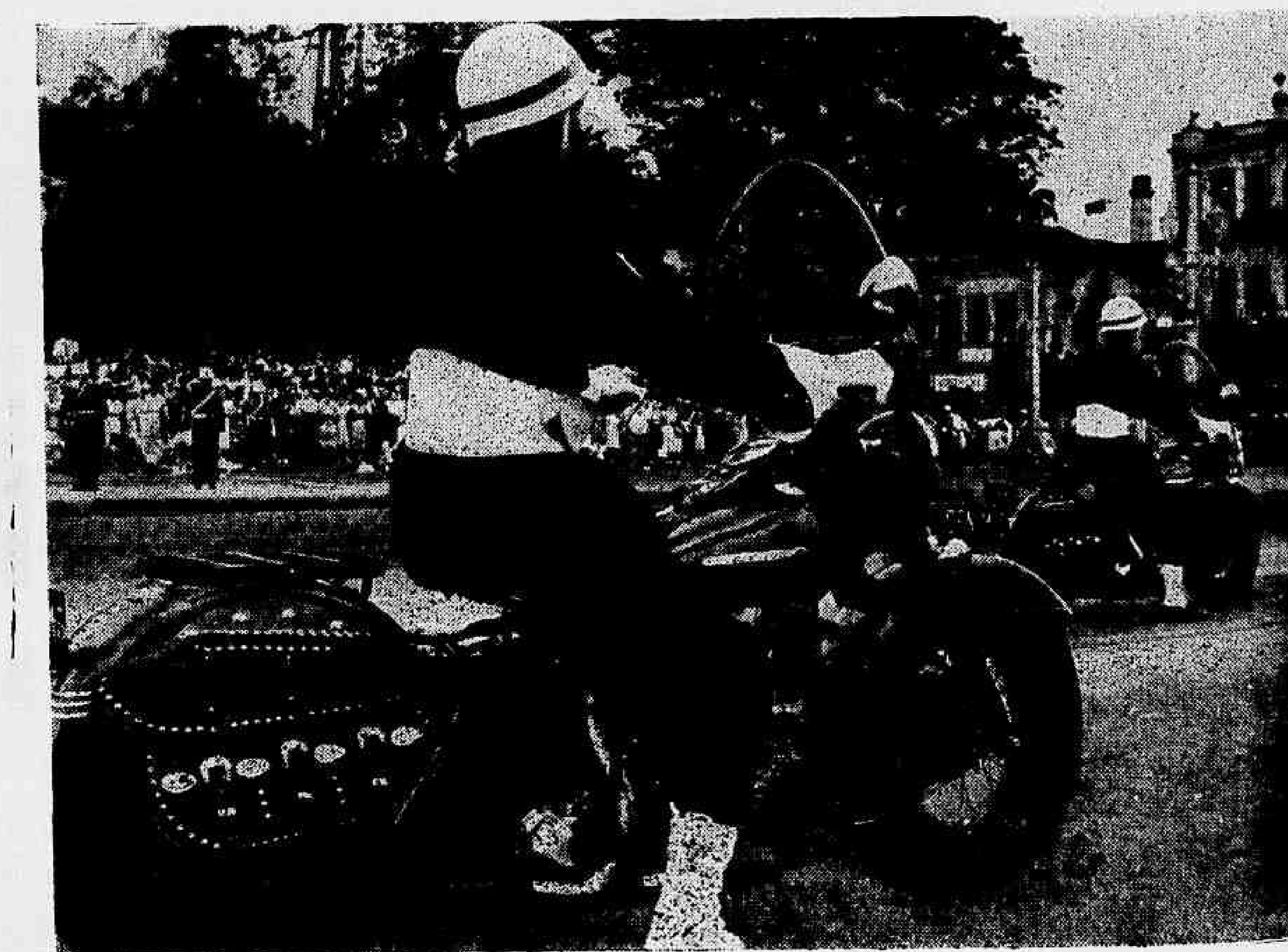
OFICIAL DO BATALHÃO de Guardas em seu uniforme de grande gala, à frente do desfile marcial.



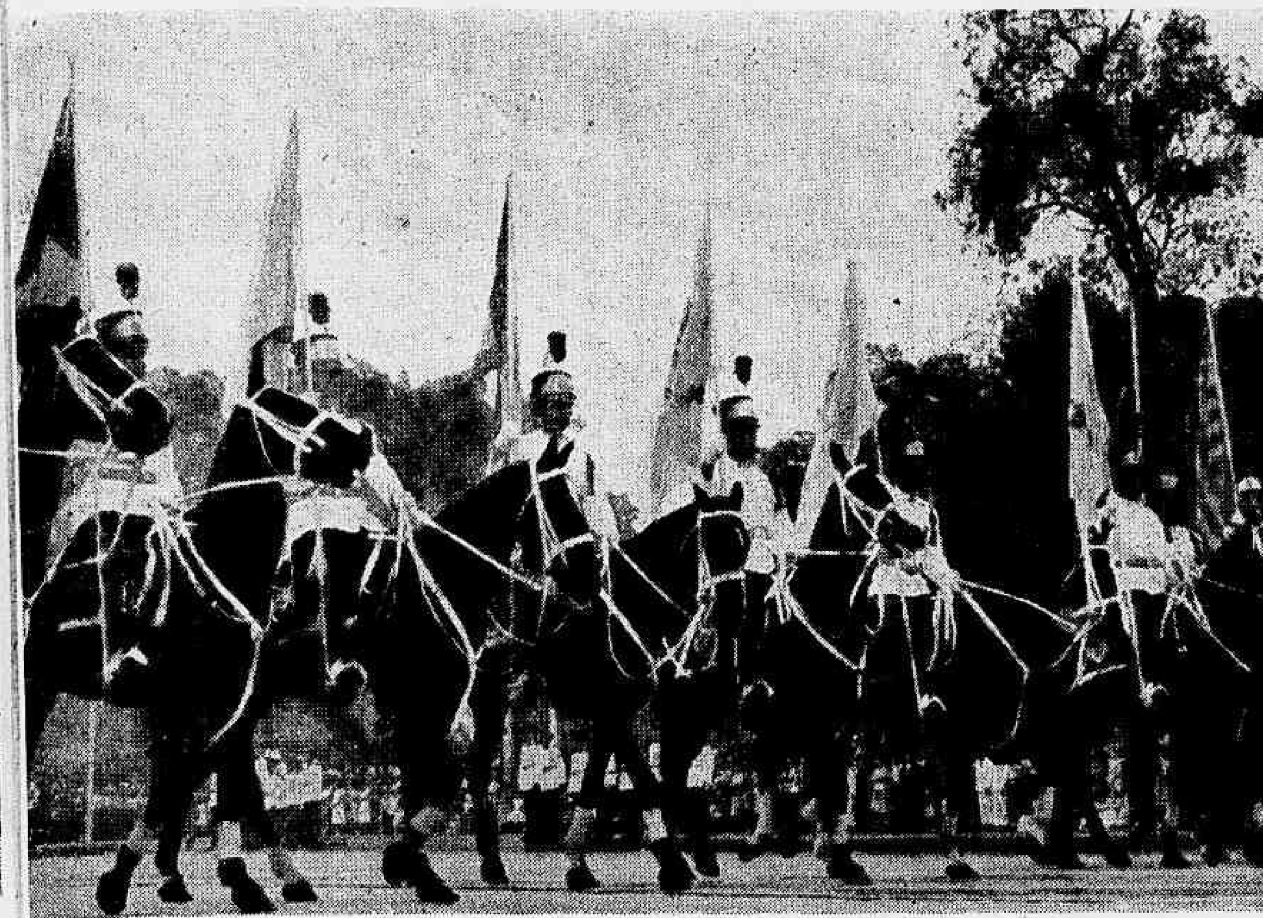
OS TANQUES DESFILARAM diante da multidão que acorreu à parada, mostrando o poder do Brasil.



UM DOS CARROS do 1º Batalhão de Carros de Combate, ao passar diante do pavilhão Presidencial.



ELEMENTOS DO CORPO motorizado dos Fuzileiros Navais, provocando grandes aplausos do povo.



OUTRA ALA DA cavalaria da Escola Militar, desfilando com as bandeiras históricas.



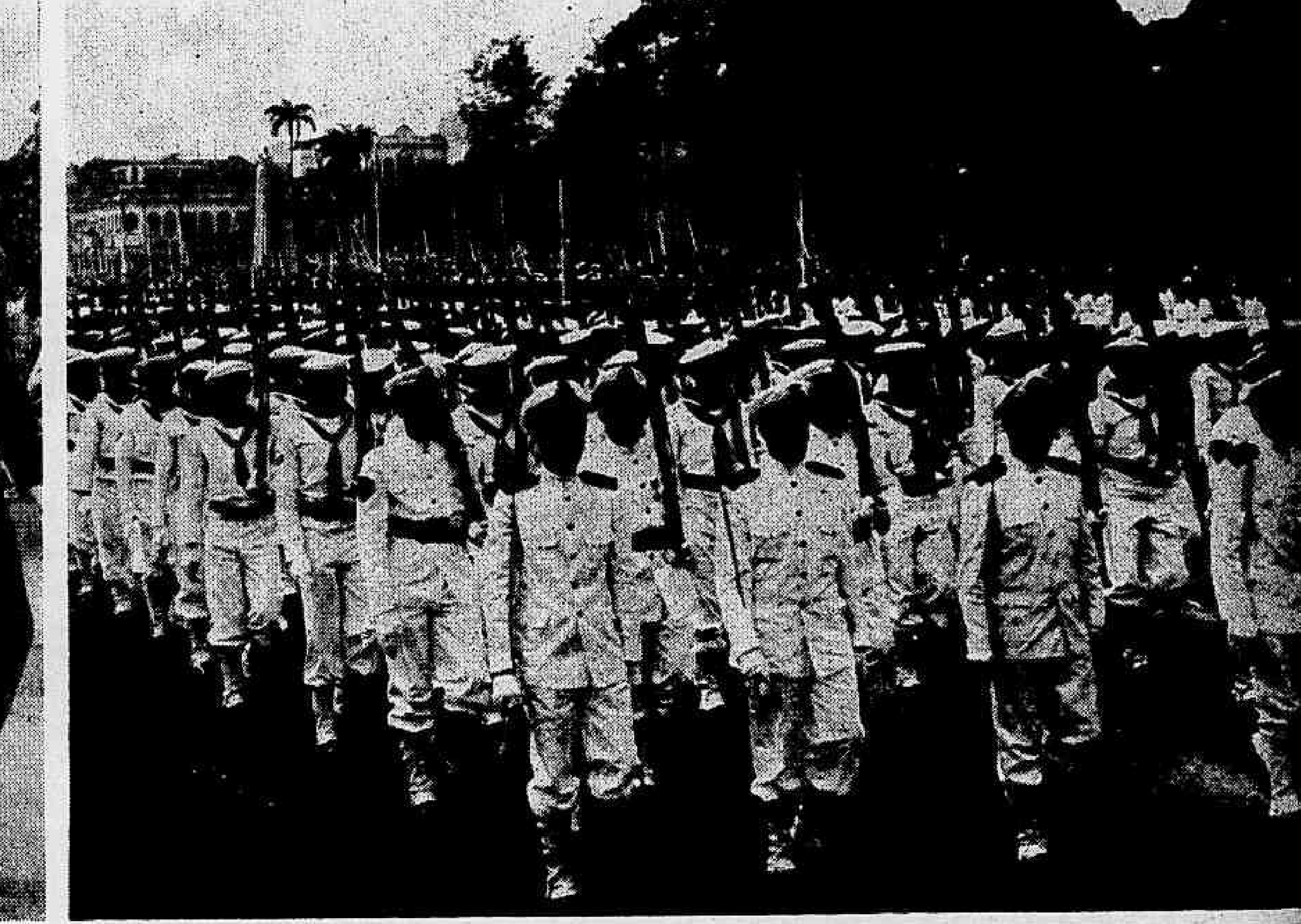
OS PARAQUEDISTAS do Exército despertaram grande curiosidade e arrancaram palmas da multidão.



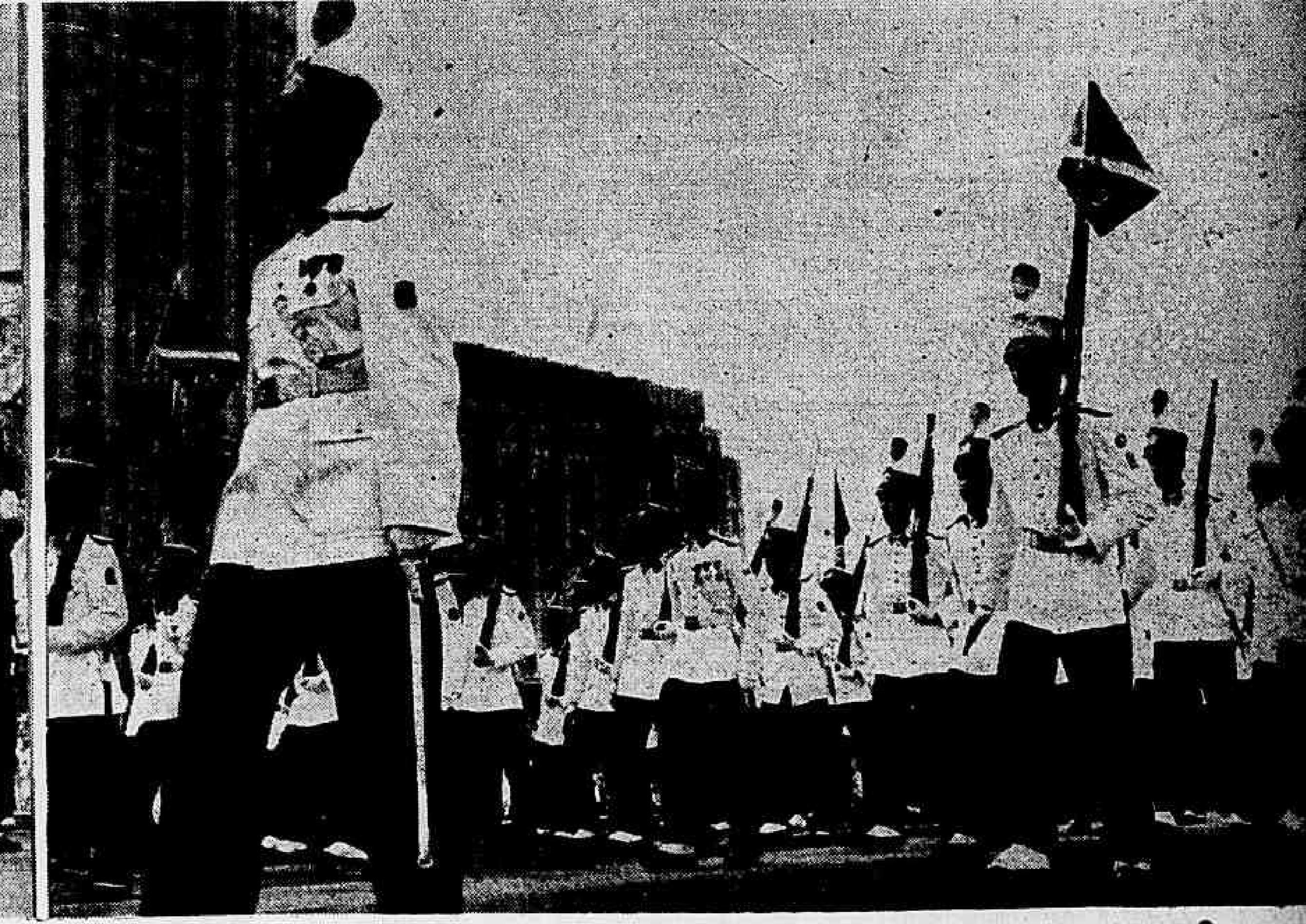
O BATALHÃO da Aeronáutica emprestou grande brilho aos festejos do Dia da Pátria.



DESFILAM OS FUZILEIROS Navais, com seu vistoso uniforme e a imponência tradicional.



MARINHEIROS NACIONAIS integram o número das tropas que abrilhantaram o último 7 de Setembro.



A TROPA da Escola Militar desceu de Rezende e veio marchar na grande parada de 7 de Setembro.

VINGANÇA



ERA o filho querido do Coronel. Rico e voluntarioso. Vida despreocupada, passava-a entre caçadas e pescarias, entre a alegria ruidosa dos reisados, as "levadas" (Quando as chuvas demoram a cair, o barranqueiro "rouba um santo"; quando as chuvas caem, êle o devolve ao verdadeiro dono, aproveitando o ensejo para grandes festas) divertidas de santos roubados, as milagrosas rodas de São Gonçalo e as noites exaustivas de jôgo de baralho.

Quando o Rio São Francisco invadia as "vasantes" (Terras baixas invadidas pelo São Francisco nas épocas de enchente), "seu" Pombinho encarnava a alma das "retiradas" (Tôdas as vêzes que o São Francisco enche, o gado é retirado das vasantes onde pasta, para não morrer afogado ou atacado pelos cardumes de piranhas). Envergando gibão e perneiras de couro, em seu cavalo forte e luzidio, com arreios sempre novos, apesar de rico, tinha orgulho de ser bom vaqueiro. Entretanto, dados os mimos do paí poderoso e os privilégios da familia grande e dominante naquela estensa faixa dos carnaubais e das caatingas sanfranciscanas, "seu" Pombinho, em consequência da própria educação, tendo sempre satisfeitos todos os caprichos, era impulsivo e caprichoso às raias da violência. Contudo, naquele meio acanhado, tornou-se o líder de um grupo de rapazes de sua idade, alegria das festas da redondeza, animador das mesas de jôgo que organizavam para "passarem o tempo". Baile sem "seu" Pombinho acabava sem graça. Não havia "função" que não o tivesse, pelo menos no "sereno".

A politica naqueles tempos diluia-se em ódios pessoais, entre as familias barranqueiras. Duas bandas de música, duas sociedades recreativas, dois partidos politicos dividiam a cidade em dois campos opostos, antagônicos, agressivos, inassimiláveis, inimigos. Antônio tornou-se o amigo predileto de "seu" Pombinho. Mesmo sendo companheiro inseparável das caçadas, das *levadas*, das pescarias, dos *reisados*, das retiradas, das vaquejadas e da mesa de jôgo, sua familia fazia parte da outra facção politica: integrava os "Borboletas" contra os "Cascudos", que assim se batizaram os dois partidos da cidade.

Numa noite em que "seu" Pombinho apreciava o *sereno* (As pessoas que ficam do lado de fora de qualquer festa, dizem que estão "no sereno") dum casamento, o irmão de Antônio, depois de embriagar-se, tornou-se inconveniente e dirigiu pilhérias a uma de suas muitas enamoradas. Foi esbofeteado. No momento parecia morto o incidente. A politica, porém, entrou no meio, insuflou os ânimos e preparou uma tragédia. Os "chefes" Borboletas tramaram a morte do filho do Coronel, "chefe" dos "Cascudos". E, como *estavam de cima*, engendraram meios de convencer Antônio das necessidades morais de uma vingança a todo o preço. Procuraram-no. Exprobaram sua falta de coragem. Puseram-no em brios. Criticaram acerbamente sua injustificável atitude, continuando amigo do esbofeteador de seu irmão. E concluiam:

— Sua familia, meu amigo, está desmoralizada. Um membro dela apanhou na cara!

Prometiam então apoio concreto e incondicional, caso Antônio se vingasse. Tinham a "faca e o queijo": estavam de cima... O Juiz tinha que ser a seu favor e um júri apenas se instalaria para legalizar a vingança. Se fôsse preciso mandariam buscar um bom advogado e possuiam com que pagá-lo, mesmo que viesse da Capital. Antônio mataria "seu" Pombinho de modo a salvar-se do flagrante, sem testemunhas de vista, para que só aparecessem, no processo, testemunhas "borboletas". Logo após à vingança teria esconderijo numa das fazendas do "chefe", lá nas fronteiras do Piauí e, na época estabelecida pela Lei, se apresentaria, seria submetido a julgamento. A politica se incumbiria do resto...

Antônio pôs-se em brios Os amigos tinham tôda a razão. Sua família estava desmoralizada. Por que não vingar-se? Mas... como vingar-se? Conhecia bem de perto "seu" Pombinho. Era homem e tanto. Corajoso, estava ali. Valente, já havia dado provas em várias ocasiões. Não conhecia o mêdo. Era pau-para-tôda-obra. Não recuava. Não temia caretas. Enfrentá-lo em condições iguais de arma, tornava-se uma temeridade. Se "seu" Pombinho atirava bem, jogava faca como "cabra" do Rio-de-Baixo. Desde então começou a tramar a vingança através duma traição — arma pergosa dos mais fracos...

Passaram-se os dias e o incidente parecia agora morto. Mas o desejo de vingança lavrava como fogo de monturo no coração de Antônio. Sublimando o ódio que sua fraqueza não deixava exteriorizar, fingiu-se mais amigo, transformou-se numa verdadeira sombra de Pombinho. Continuou a acompanhá-lo em tôdas as festas e em tôdas as mesas de jôgo, à espera do dia em que lavaria a honra do irmão e da familia com o sangue do esbofeteador. Fizeram ainda juntos algumas caçadas. Realizaram juntos várias pescarias. Faltava-lhe a coragem de concretizar aquilo que seu coração exigia. Ficou completamente intoxicado com a idéia duma desforra. E os "chefes" politicos se incumbiam de reavivar a ferida do ódio, enquanto nêle se corporificava a angustiosa certeza de sua inferioridade.

★

Num rancho da Fazenda, construido na orla da caatinga que limitava o "vaquejador" (Área limpa em frente do curral e da casa grande), jogavam sentados em cada cabeceira de mesa. Desde à tarde anterior que ambos, hipnotizados pelo jôgo, se defrontavam. O dia já marchava para a tarde. O jôgo chega à sua fase critica, quando um dos parceiros perde quase tôdas as jogadas. Jogavam sòzinhos. Não havia outro parceiro. Pombinho estava perdendo muito. Irascivel e impulsivo, dobrava as paradas e tornava-se violento. Mas sempre perdia. E, quanto mais perdia, mais apostava, mais dobrava as paradas. Antônio, apesar de estar ganhando, parecia alheio ao jôgo. Dentro de si travava-se uma luta surda, mas forte. Havia decidido matar o companheiro. Um jagunço já o esperava na caatinga para conduzi-lo ao esconderijo escolhido. Aquêle dia seria decisivo! Mas,

(*Cont. na pág.* 46)

Conto de DEMOSTHENES GUANAES -- Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

Homens e máquinas, nas terras da boa esperança

EXEMPLO DE BORGHI PARA O BRASIL

ONDE O TRABALHADOR DO CAMPO TEM CASA, COMIDA, ASSISTÊNCIA MÉDICA E HOSPITALAR, DENTISTA E SALÁRIO DE Cr$ 100,00 POR DIA — UM MUNDO NOVO NO BRASIL CENTRAL

Texto e Fotos de **AFRANIO CORREA** para a REVISTA DA SEMANA

ERAMOS 50 pessoas a bordo daquele «Curtiss-Comando» do Loide Aereo Nacional. Uma viagem que prometia surprêsas para a caravana de jornalistas, agrônomos, técnicos e políticos, em sua maioria, brasileiros do asfalto. 50 pessoas nesse avião bi-motor? Mas os Curtiss-Comando que Borghi trouxe para o Brasil pela primeira vez são assim. Com acabamento interno de um grande avião de luxo, foi roncando por esses brasís afora, rumo ao Vale do Paranã.

3 horas de vôo separam S. Paulo do antigo Vale do Paranã. Antigo, porque é hoje o vale da Boa Esperança.

A FAZENDA BOA ESPERANÇA

Quem fôr à Fazenda de Borghi em Goiás, esperando ver um sitio de aprazíveis week-ends, esperando ver uma fazenda «bonitinha», com o jequitibá plantado em 1800 — decepciona-se. A primeira pergunta que nos fizeram quando voltamos de lá, foi sobre «como era a séde da Fazenda» ou a casa do sr. Hugo Borghi. Esta foi uma das surpresas reservadas à comitiva: em Boa Esperança não há a «séde» da Fazenda, mas sim dezenas de «sédes», dezenas de casas iguais umas às outras, o mesmo material, a mesma construção, o mesmo número de peças, o mesmo acabamento. Casas iguais, ao longo da avenida «Serra a Serra». Numa delas mora Borghi. Noutra, um trabalhador. Mais adiante, um técnico. A única diferença é o número fixado à porta.

Esse simples detalhe é bem um símbolo. Símbolo e exemplo para o Brasil.

DEPOIMENTOS VALIOSOS

Em Boa Esperança, ouvimos a opinião de vários dos visitantes sobre a realização de Hugo Borghi. O Governador de Goiás diz-nos que «a fazenda Boa Esperança é programa de Govêrno, supera o âmbito da iniciativa particular».

O deputado João de Abreu, de Goiás, acrescenta:

— «Mandem-nos todos os Hugos Borghis que tiverem por lá e Goiás será o primeiro Estado do Brasil».

Os técnicos também opinam. Um dos agrônomos da Secretaria de Agricultura de S. Paulo, sr. José de Held, diz o seguinte:

— «Boa Esperança tem mais máquinas agrícolas do que muitos centros mecanizados da lavoura paulista».

Outro agrônomo, o sr. Rogério Camargo, fala-nos com entusiasmo: — «A exploração do sólo na fazenda Boa Esperança está sendo feita com toda a técnica agronômica moderna, pois a aparelhagem motomecanizada disponível é talvez a maior que se conhece no Brasil. Mais de 40 tratores trabalham assiduamente, desde o desmatamento até a colheita. E conclui: Esta fazenda é uma vitória da ciência».

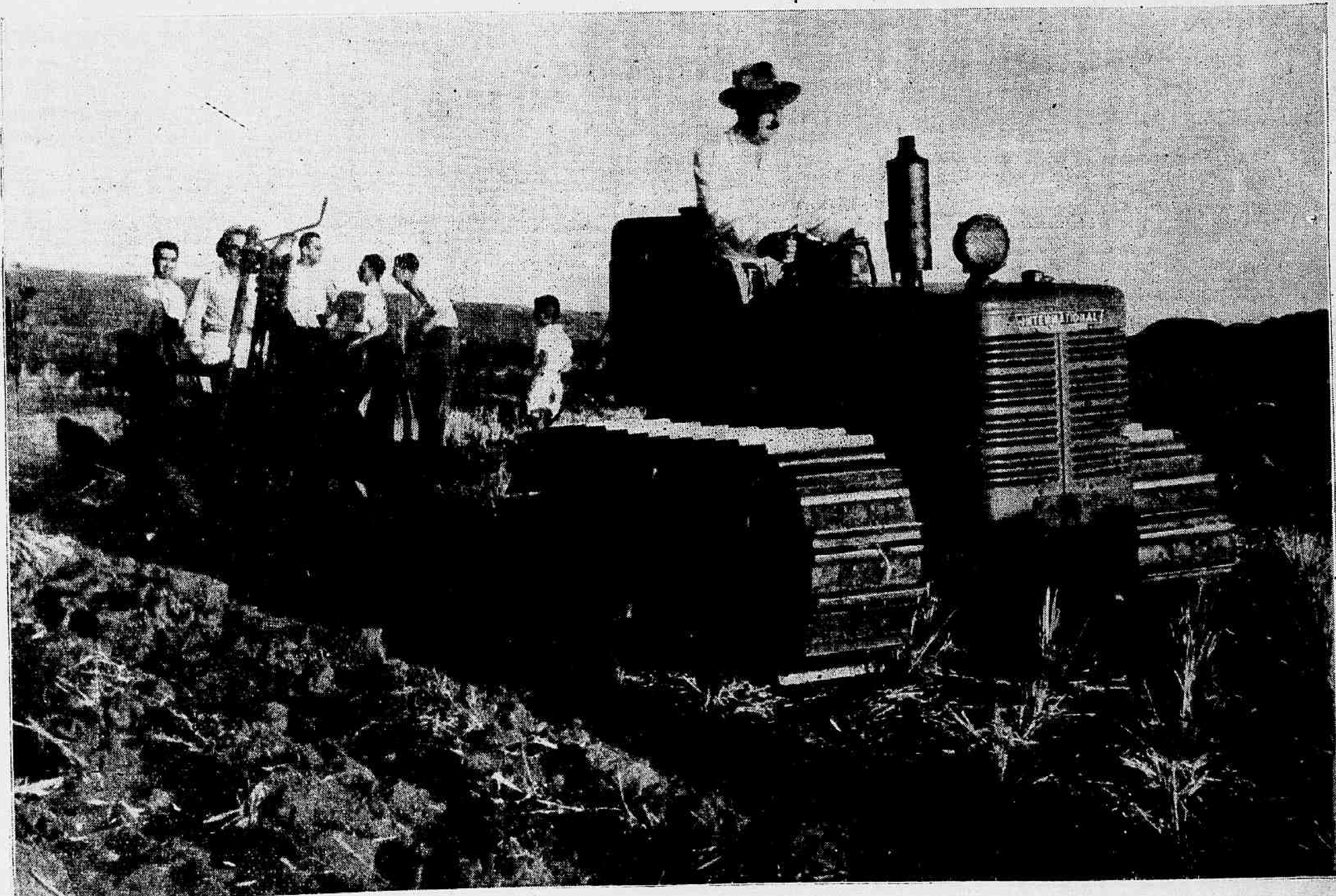
Com sua colonização iniciada a 2 de agosto de 1948 — dois anos atrás, apenas — Boa Esperança é hoje uma fazenda modelo. E' uma grande experiência. Uma grande escola, onde o mestre se chama Borghi.

QUANTO GANHAM OS TRABALHADORES

Borghi usou de inteligência, ao construir a sua fazenda.

TRABALHADOR DE BOA ESPERANÇA — Este homem ganha 100,00 por dia. 6 horas de trabalho. E tem também casa e comida.

Conseguiu um perfeito equilíbrio, entre o capital e o trabalho. Há harmonia e entendimento, porque os salários são elevados e, consequentemente, o rendimento do trabalho é compensador. De uma lista que nos foi apresentada espontaneamente pelos trabalhadores, vemos os seus salários. São cerca de 400 nomes. Por exemplo: Augusto Gorcia, ganha 3.000 mensais e seu filho, de 20 anos .... 1.650,00; o enfermeiro Jonas Silva tem 3.500,00; Alberto Ferreira, com 2.150,00 e assim por diante. Os diaristas



O HOMEM E A ARMA — O homem é Hugo Borghi, o tratorista. Sabe manobrar o arado com perícia. A arma é o trator. Com ela, venceu em Boa Esperança



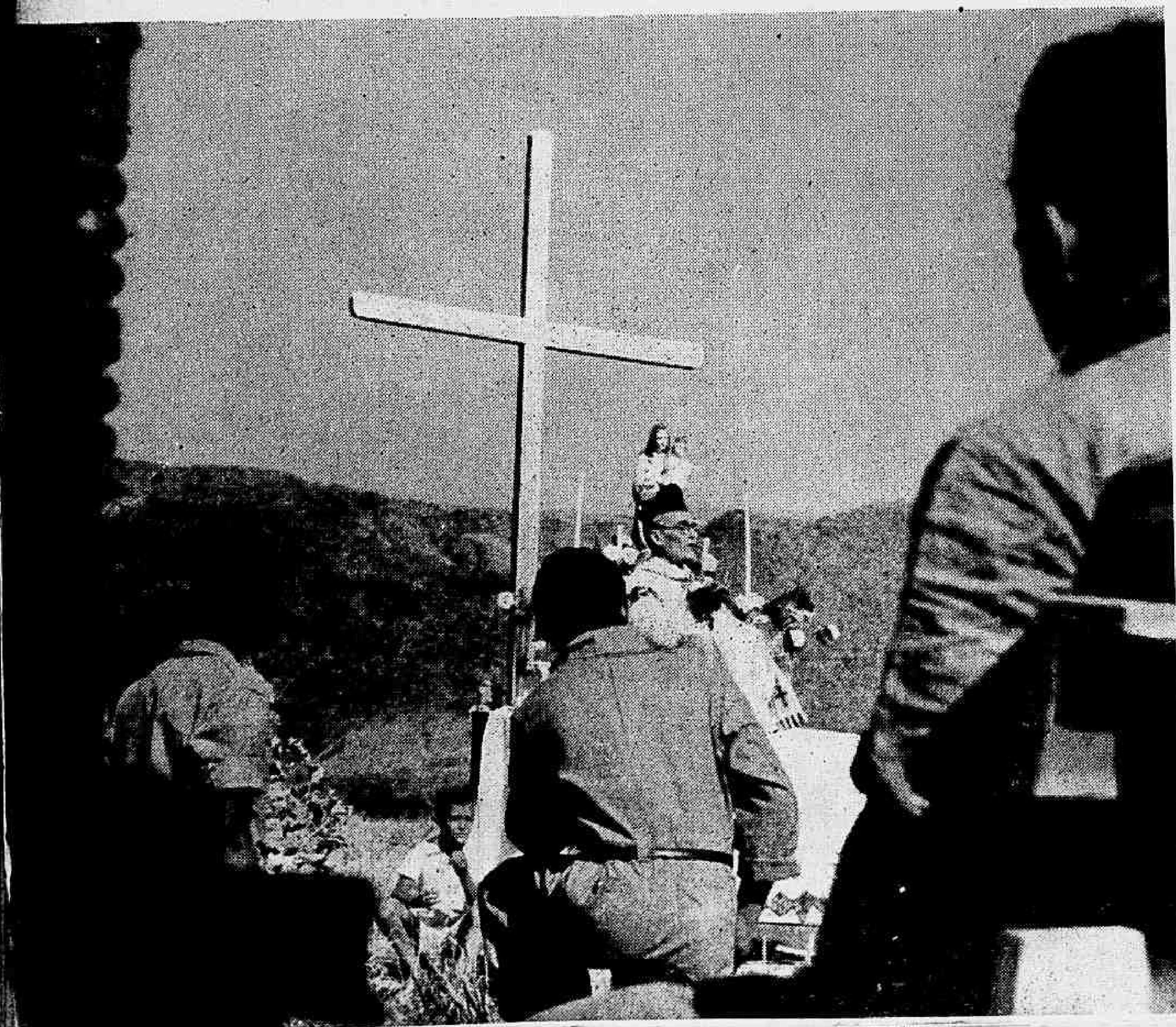


«GRAÇAS A ESSE BICHO O MOÇO VENCEU, diz o preto velho, admirando o colosso do Curtiss-Comando. Borghi foi o primeiro a fazer aeronáutica agrícola: colonizou com aviões.

DUAS BONECAS. — A loira é filha do enfermeiro Jonas Silva. Tem escola tive com confo de um grande futuro no Brasil Central.

MISSA EM BOA ESPERANÇA: — E pediu o Arcebispo de Goiás: «Que Deus abençoe a obra de Hugo Borghi e o ajude a prosseguir em sua jornada».

SIMBOLO PERFEITO EM BOA ESPERANÇA — O trator e a fé. A ambos deve essa ma fazenda de Hugo Borghi.







Silva. Tem escola tive com conforto. Esperança
Brasil Central.

tor e a fé. A ambos deve essa maravilha que é a
go Borghi.



percebem de 30,00 a 100,00 por dia. E fazem questão de assinalar: Jornada de 6 horas de trabalho.

Então, ficamos a imaginar a vida que leva um desses trabalhadores da fazenda de Hugo Borghi. Não pagam aluguel de casa, porque dispõem de residência, com água corrente, luz elétrica e instalações sanitárias. Não pagam cinema, porque é de graça. Não pagam comida, porque o restaurante «Curuçá» dá de graça, comida com calórias dosadas, segundo o processo Saps. Não pagam assistência médica, hospitalar, dentaria, porque até os medicamentos caros, como penicilina ou streptomicina, são fornecidos gratuitamente. Têm escolas gratuitas para as crianças e adultos, praça de esportes, piscina natural para nadar. Alto-falantes — «A Voz de Curuçá» — com horas de patos e desfile de calouros aos domingos. Porém, com entrada grátis. E igreja com missa aos domingos. Em resumo: têm completa assistência social e espiritual, moram em casas confortáveis e percebem ordenados iguais ou superiores aos que são pagos no Rio ou S. Paulo, pelas melhores firmas! Assim vivem os trabalhadores de Borghi.

Boa Esperança é um mundo novo. Trabalhadores bem vestidos, de botina, nenhum rasgado ou maltrapilho. Amostra viva do futuro reservado aos homens do campo, que Hugo Borghi plantou no coração do Brasil.

120.000 SACAS DE ARROZ

Existindo há apenas dois anos, Boa Esperança oferece uma produção de 120.000 sacas de arroz de primeira, que dentro de poucas semanas, será beneficiado na própria fazenda. Uma usina de beneficiamento est sendo montada com maquinária moderna, pronta para entregar o arroz nos mercados consumidores. Igualmente, um frigorífico está zenda. Uma usina de beneficiamento está sendo montada O rebanho de Boa Esperança já atinge atualmente a 3.000 cabeças de gado Gyr, formando-se aos poucos uma pecuária de alta qualidade.

IRMANADOS PELO MESMO IDEAL

Em Boa Esperança, trabalhadores, técnicos e funcionários da administração vivem na melhor harmonia. Borghi conseguiu com um sistema social modêlo, criar um clima de amizade e entendimento, irmanando todos pelo mesmo ideal de trabalho. Indignados com a campanha de calúnias que foi tentada contra Borghi, os trabalhadores de Boa Esperança nos entregaram a mensagem que adiante se lê, com cerca de 400 assinaturas. E' um testemunho valioso e insuspeito:

«Os abaixo assinados, funcionários e operários da Fazenda Boa Esperança, em Formosa, Goiás, empreendimento que por todos os títulos concretiza o espírito dinâmico e elevado de Hugo Borghi e sobretudo os seus propósitos de sã brasilidade, indignados com a campanha vil e antipatriótica dos seus detratores gratuitos, assinam esta declaração pela qual manifestam a sua repulsa a essas inverdades e atestam que, apesar do relativo curto prazo da sua fundação e da sua posição geográfica em meio do sertão brasileiro, recebem alimentação farta e sadia, assistência hospitalar e cirúrgica e vêem com satisfação o departamento de cultura Boa Esperança, de orientação à cultura física, moral e intelectual, artística e profissional, sob o qual a Fazenda mantém a escola de menores, com 69 crianças, tendo sido 51 alfabetizadas este ano e a escola de adultos, com 204 matriculados dos quais também 79 foram alfabetizados durante o período escolar deste ano. Não foi esquecida a assistência religiosa, que é ministrada pelos vigários de Formosa e de Posse. E' mentirosa e insidiosa igualmente a informação de que são baixos os salários e por esta razão cada um de nós declara igualmente o **salário que percebe com DIREITO À ALIMENTAÇÃO, ASSISTÊNCIA SOCIAL E RESIDÊNCIA.**

Fazenda Boa Esperança, 2 de agosto de 1950».

Os próprios homens do campo fizeram justiça a quem lhes deu Boa Esperança. Hoje esta fazenda plantada no sertão goiano é um grito de liberdade para todos os brasileiros que labutam na terra. Vem mostrar que viver bem, com justiça, amparo, tranquilidade e salários adequados, não é uma questão de leis especiais ou de revoluções. E' uma questão de boa vontade e de idealismo. Os que trabalham na terra sabem que um homem conseguiu dar isso tudo aos seus irmãos. Conseguiu que os trabalhadores do campo tivessem os seus direitos também reconhecidos. Um homem que hoje é uma bandeira de liberdade. Esse homem que é um paulista chamado Hugo Borghi.

→



EM BOA ESPERANÇA não há sòmente máquinas. Há também a poesia tradicional do velho carro de bois



AVENIDA SERRA A SERRA — Aqui moram os trabalhadores, em casas com água corrente e luz elétrica. Todas iguais. A segunda, à esquerda é a casa de Borghi.



EM BOA ESPERANÇA: — Tratores em fila completam o panorama do pôr do sól. Fim de um dia de trabalho

O FENÔMENO GIULIANO II

AMOR, AMBIÇÃO OU TRAIÇÃO?

O RELATÓRIO DA POLÍCIA SÔBRE A MORTE DO BANDIDO NÃO CORRESPONDE À VERDADE ★ POR QUE ESTAVA ÊLE EM CASTELVETRANO? ★ VÍTIMA DE U'A MULHER, DO DESEJO DE SER CINEMATOGRAFADO OU DE UMA DELAÇÃO? ★ A ANÁLISE CONFIRMA A ÚLTIMA HIPÓTESE ★ QUEM O TRAIU? ★ REVELAÇÃO SENSACIONAL

Texto de **JOÃO TELLES**



DOR DE MÃE — MARIA LOMBARDO SENTIU A MORTE DO FILHO COMO OUTRA QUALQUER MULHER A TERIA SENTIDO. NINGUÉM TEM O DIREITO DE CENSURAR ÊSSE SENTIMENTO. QUANDO ELA VISITOU O CORPO DE GIULIANO, PELA ÚLTIMA VEZ, NO CEMITÉRIO OS "CARABINIERI" AFASTARAM-SE RESPEITOSAMENTE.





AINDA NA POSIÇÃO em que morreu, mostrando a grande mancha de sangue no lado direito das costas, que deu margem a se duvidar do relatório da polícia, pensando-se que Giuliano tenha sido morto em outro lugar e para aí transportado imediatamente

NO LUGAR DO SACRIFÍCIO. Confirmada a notícia, Maria Lombardo transportou-se de Montelepre para o pátio da casa de De Maria, de onde haviam retirado há pouco o corpo do filho. Triste foi a cena que comoveu quantos assistiram.

EXAMINANDO com mais calma os fatos que antecederam, e seguiram, a morte de Giuliano, após a natural confusão surgida pelo inesperado do acontecimento, verificou-se que a versão oficial do Comando das Fôrças de Repressão aos Rebeldes era falho e fàcilmente refutável. Seja os primeiros, e mais dignos de crédito, depoimentos como a observação mais atenta das imediações e do lugar em que morreu Giuliano e também de seu próprio corpo, revelaram imediatamente que nem tôda a verdade fôra dita e a impressão deixada era que os "carabinieri" escondiam alguma coisa ou acobertavam alguém. Dois homens perseguidos por quatro policiais, segundo o reltório, através de ruas e ruas, atacados e defendendo-se por meio de rajadas de metralhadoras, às 3,15 da madrugada, isto é, quando maior é o silêncio, em pleno verão siciliano, havendo no dia anterior a temperatura subido a 41 graus à sombra, obrigando todos os habitantes da cidade a dormir com as janelas abertas, forçosamente deveriam ter feito barulho suficiente para acordar boa parte da população. No entanto, foi diminuto o número dos que ouviram o eco dos tiros, todos êles domiciliados nas imediatas proximidades da casa em que se deu o desenlace.

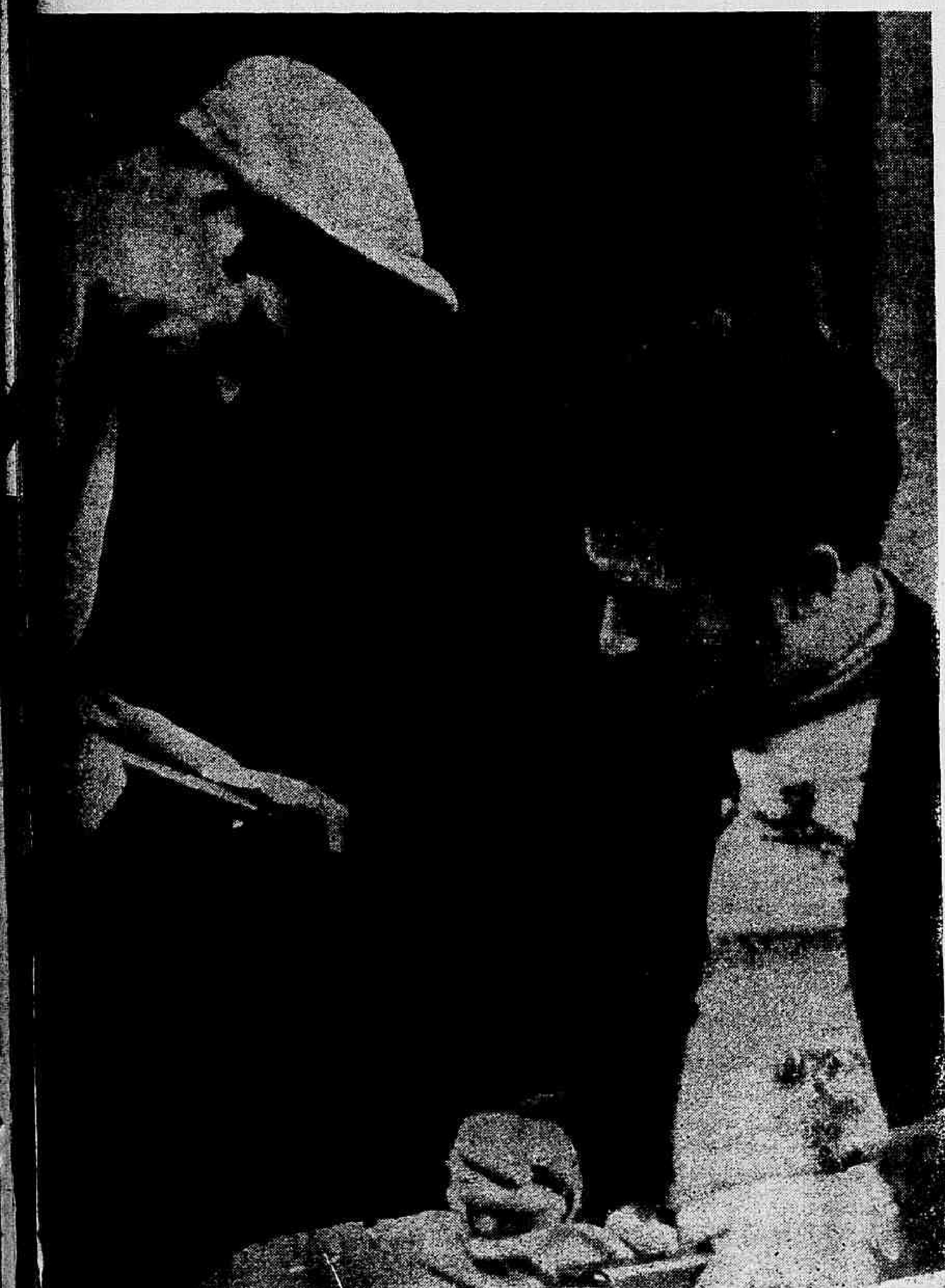
Pelo relatório, a ordem dos tiros deveria ter sido a seguinte: rajadas de metralhadora mais ou menos longe do pátio da casa de De Maria, aproximação veloz dessas rajadas até a rua Mannone, onde existe o portão do dito pátio, mais rajadas dentro do pátio, tiros do revólver de Giuliano, que havia abandonado a metralhadora e enfim a descarga final do capitão Perenze. Mas os depoimentos de quantos ouviram os tiros, bastando citar apenas o do juiz de direito de Castelvetrano, Giovanni de Simone, e o do coronel Santorre Vizzinisi, são unânimes em dizer que em primeiro lugar foram ouvidas cinco ou seis detonações de revólver, disparadas no portão ou dentro do pátio, seguindo-se imediatamente duas rajadas de metralhadora. Logo após, o capitão pedia água para o ferido e batia furiosamente com a coronha da arma na única porta da casa de De Maria. Essa a primeira discordância palpável ao relatório. O corpo foi encontrado na posição de decúbito ventral, para usar têrmos técnicos, conforme pode ser constatado por uma das fotografias publicadas em nosso número anterior e no detalhe que acompanha êste texto. Algumas das feridas apresentavam a característica tatuagem que só os tiros a queima-roupa mostram, e estavam um pouco entumecidas, provando serem bastante anteriores às outras. Nas costas aparecia uma grande mancha de sangue, do lado direito, vide foto anexa. Pois bem, debaixo da camiseta de meia, naquele mesmo local, não há sequer uma ferida. Isto vem a provar que o corpo deve ter estado por bastante tempo deitado de costas, permitindo ao sangue, que saía da ferida debaixo do braço direito, descer e formar tôda aquela mancha, já que é humanamente impossível que tivesse subido sòzinho. Suspeita-se, portanto, que a posição em que morreu Giuliano não foi a que as fotos mostram, talvez o próprio lugar da morte tenha sido outro. Essa é a segunda refutação, bem fundamentada, ao relatório da polícia. Vamos à terceira. Todo mundo sabia que Giuliano era vaidoso, cuidando, de modo considerado excessivo, do seu próprio aspecto físico. Será possível que êle atravessaria as ruas de uma cidade calçando meias coloridas e sandálias modernas (que não apresentavam o mínimo sinal de poeira, apesar do dono ter fugido espavorido frente aos "carabinieri" através de ruas e mais ruas de terra), calça bege e apenas uma camiseta de meia, êle sempre tão elegante? E por que não tinha dinheiro nenhum nos bolsos? Por que não trazia no pulso o relógio, aquêle grosso cronômetro de ouro, por quem tinha uma infantil afeição, a última coisa que tirava quando ia dormir, segundo o testemunho de várias pessoas, e a primeira que procurava quando acordava? Por que apresentava êle um aspecto de pessoa muito bem cuidada, sugerindo os des-



DEITANDO-SE nas visíveis marcas de sangue, **Maria Lombardo soluçando lambeu a terra gritando: Sangu mio, sangu mio.» Desmaiou a seguir, sendo carregada pelo genro, Francisco Gaglio e pelas duas filhas de volta a Montelepre. Sempre que podia, insultava os jornalistas.**



NUNZIO BADALAMENTI E FRANK MANNINO, descidos do carro-forte da polícia, dirigem-se à sala judiciária de Viterbo, onde serão processados junto com todos os outros ex-companheiros de Giuliano. Presos a 19 de março e 13 de abril respetivamente, só após a morte do chefe o fáto foi comunicado aos jornais.



velos de que teria sido alvo num encontro galante, quando o relatório o descreveu como personagem principal de uma fuga espetacular, por entre um labirinto de ruelas mal iluminadas e tentando escalar os muros baixos dos pátios de várias casas que o pusessem momentâneamente fora do alcance das balas da policia, permitindo-lhe em seguida fugir para os campos, que se iniciam logo após a casa de De Maria? E afinal, o que estava êle fazendo em Castelvetrano? Responderam as autoridades que estava tentando alcançar o campo de pouso de emergência nas redondezas da cidade, onde o esperaria um avião que o levaria para a América. Mas êle então ia sair de sua terra em camiseta, sem dinheiro algum? Pensou-se logo na ação intermediária, a favor da policia, de uma mulher. Giuliano teria saido sem desconfiar de nada, sabendo-se que nos últimos tempos estava mais do que de sôbre-aviso, conforme consta numa de suas últimas cartas? Qual a mulher que teria coragem suficiente para trai-lo? A que se matou no dia imediato à morte de "Turiddu", jogando-se num poço? Não é fácil acreditar nisso, principalmente após descobrir que a tal mulher estava esperando criança. Outra hipótese formulada diz respeito a um carro-cinema que percorreu aquela zona fingindo tomar cenas para um documentário sôbre o banditismo siciliano. Era um ardil das autoridades que deveria tentar Giuliano em aparecer no filme, explorando-se a notória ambição do bandido, sua ânsia de publicidade e o desejo de ser filmado. Ninguém deixa de sorrir quando se lhe faz alusão ao tal carro-cinema, pois a ostentação dos agentes pseudo-cinegrafistas saltava aos olhos dos mais ingênuos. Será que Giuliano foi o único a cair na armadilha, êle sempre tão esperto e cauteloso? Em vista dessas deduções, chega-se fàcilmente a uma terceira hipótese, que absolutamente não podia faltar num caso como o de Giuliano, em que há bandidos impunes durante anos seguidos, fato êsse que lhes creditava uma quase imunidade às perseguições da policia, criando a convicção generalizada de que a luta só poderia terminar com uma traição, de outra forma, nunca os "carabinieri" alcançariam e eliminariam "Turiddu". No mundo inteiro a policia goza de pouca confiança, por que na Sicilia fugiria à regra? Os habitantes de Castelvetrano estão revoltados pelo fato daquela "infâmia", isto é a traição, se ter dado em sua pequena cidade. Analisando os acontecimentos como relatamos linhas acima, e fazendo perguntas assim: por que Giuliano em sua fuga escolheu logo o pátio da casa de De Maria, onde o capitão Perenze o esperava de metralhadora em punho? Mesmo admitindo a presença de uma mulher no caso, não se deve excluir a traição de alguém ligado ao bandido pela maior intimidade, e que lhe permitiu conhecer todos os detalhes da situação de Giuliano no preciso instante em que se deu o ataque, alguém êsse que devia gozar da maior confiança para lhe chegar perto sem despertar suspeitas. Para reforçar êsse raciocinio, é bom esclarecer um fato curioso.

SALVATORE GIULIANO ao lado do primo Gaspare Pisciotta, quando ainda gozava de relativa liberdade e popularidade. Uma das versões, talvez a mais verídica, indica Pisciotta como traidor e executor da morte do primo. O braço direito de Giuliano matou para salvar-se.



O PROF. DEL CARPIO, diretor do Instituto Médico Legal da Universidade de Palermo,
antes de iniciar a autópsia de Giuliano. Assim ingloriamente terminaram mais de cinco
anos de caçada ao homem. Muitas vidas preciosas se perderm por causa desse fora-da-lei.



OS DOIS ÚLTIMOS componentes do bando que caíram em mãos das Forças de Repressão ao Banditismo, provocando conjeturas sobre a participação deles na traição de Giuliano. Negam os dois dizendo que não venderam a vida do chefe em troca da imunidade para a própria.

Já dissemos que o calor fôra insuportável em Castelvetrano, obrigando os habitantes a manter as janelas abertas. Perto da casa de De Maria, na mesma rua, há uma pa- de De Maria, na mesma rua, há uma pa-daria cujos dois empregados estavam na- quela madrugada sentados na soleira da porta, esperando, depois de amassar o pão, que levedasse.

Conversavam os dois com as costas nas pedras do portal, quando dêles se aproxi- maram dois "carabinieri" intimando-lhes a entrar e fechar a porta. Num primeiro mo- mento recusaram obedecer, mas não tive- ram outra alternativa e preferiram supor- tar o calor da padaria em vez de ir gozar o fresco na "geladeira". Com a curiosidade despertada pelo que poderia acontecer na rua, de vez em quando iam perscrutar através dos batentes da porta. Assim, logo que escutaram a primeira detonação, espiaram e não viram ninguém entrar no pátio já famoso de De Maria, mas alguém de lá saiu correndo. Passando por baixo de um lampião, puderam constatar que era jovem, atarracado e com os pés des- calços. Quem teria traído? Dois nomes sur- gem para ocupar essa triste posição de Judas: Gaspere Pisciotta e Frank Mannino. O primeiro era o lugar-tenente de Giulia- no, tendo-o acompanhado durante tôda sua carreira de crimes, aparecendo sempre ao lado do chefe em quase tôdas as fotos que os jornalistas conseguiram tirar-lhe quan- do em pleno reinado. Mais ainda, os dois eram primos. Dizem que foi convencido a delatar o chefe em troca da impunidade e trinta milhões de liras, por um tal R.P. de Montelepre, agente da polícia, causador da prisão de Frank Mannino e Nunzio Ba- dalamenti, os dois últimos bandidos de Giu- liano presos pela polícia que deu notícia dos mesmos sòmente depois da morte de Giuliano. Por êsse fato foi caçado pelos bandidos que afinal o prenderam, ficando temporàriamente sob a guarda de Pisciot- ta, enquanto Giuliano procurava refúgio em lugar mais seguro. R.P., astucioso e psicólogo, depois de estudar o tempera- mento de Pisciotta, começou a lastimar-se pela próxima morte violenta que todos êles teriam. O bandido, para não ouví-lo, che- gou a lhe bater, mas o outro era persis- tente e mesmo durante a noite fingia visões e colóquios com os espíritos dos vinte bandidos mortos pela polícia. Nessas con- versas, usava um tom bem lúgubre para descrever a morte que lhes estava reser- vada, inclusive a todos os bandidos. Tão realista era que Pisciotta se impressionou. R.P. então dizia-se mais desiludido ainda porque conhecia o modo de evitar a tra- gédia, modo êsse tão absurdo que era ab- solutamente impossível esperar pela sua realização. Supersticioso, o bandido, quis saber se também para êle havia esperança de salvação. O prisioneiro comediante res- pondeu que sim. Intimou-lhe então Pis- ciotta a contar de que maneira poderia con- seguir a liberdade e a vida. Essa última parte da farsa foi a mais ousada, para preparar o espírito do bandido a ouvir uma imposição dificílima de se obter. A condição era apenas a seguinte: Pisciotta

(Cont. na pág. 47)



FRANK MANNINO quando descia do carro-forte, em Viterbo. Outra versão dos aconte-
cimentos diz que foi esse o homem que matou o chefe. Baseiam-se em que sua prisão
foi mantida em segredo até a morte de Giuliano, após a qual teria se refugiado
novamente nas mãos da polícia.

UM ROSTO MARCADO

GIRAVA-LHE a cabeça. Da sala contigua, chegavam vozes abafadas. Abriu lentamente os olhos. A brancura ofuscante do teto desorientou-a. Onde estaria? Pouco a pouco, foi coordenando as idéias. O teatro... A música de Debussy... Os aplausos...

Ergueu-se bruscamente. Trazia ainda o vestido de veludo pistache. Que estranho motivo a levara àquele quarto? Sentou-se na cama.

— Mário!

O marido não respondeu. Aquilo parecia um hospital: tudo branco. Quis ficar em pé. Não pôde. Sentia-se sufocar, ardia-lhe o rosto. Ouvia ainda a música lânguida, os violinos chorosos... An-sel-mo! Sim, lembrava-se agora. A carantonha de Anselmo, aquela bofetada violenta... Com tôda certeza, estava num hospital, ou num consultório médico. E Anselmo? Não podia ser verdade. Anselmo morrera. No entanto, ela o tinha visto na penumbra do camarote, olhos chamejantes, cheios de ódio. Depois, sentira a mão dêle estalar-lhe contra o rosto. Seria possivel?

★

Anselmo tomava certas atitudes que a deixavam inquieta. Desde o tempo de namôro, quando trabalhava como caixa de uma casa de modas, que, mais de uma vez, falara-lhe em fidelidade eterna, de maneira estranha, quase sinistra. Eram frequentes as cenas de ciúme. Depois, serenados os ânimos, deixava-se ficar cabisbaixo, humilde, pedia desculpas. O temperamento explosivo de Anselmo fazia-a prever desgostos futuros. Aconselhara-se com uma companheira de loja que lhe respondera simplesmente: "Dá o fora nesse cara, menina". Tentou considerar aquêle idilio com a mesma indiferença. Afinal de contas, era uma mulher independente, não iria sujeitar-se às imposições de um simples namorado. Resolveu colocar ponto final ao romance. Outros apareceriam, mais vantajosos. Anselmo não lhe poderia dar grandes confortos. Era guarda-livros, ganhava apenas para mantê-la numa vidinha modesta. E seus sonhos ambicionavam muito mais. Pobreza por pobreza, preferia continuar solteira, livre, trabalhando na loja de madame Dupont, flertando com um ou outro rapaz, comprando gasparinhos... Estava decidida. Anselmo saberia compreendê-la.

Ao deixar a loja, naquela tarde, Marcélia ensaiara uma série de palavras e atitudes. Provocaria uma rusga para finalizar aquela "bobagem de criança".

Anselmo foi encontrá-la à rua da Assembléia, como sempre. Apertou-lhe a mão com maior cordialidade que o habitual.

— Olá, beleza!

Sorriu sem vontade. Êle percebeu qualquer coisa e indagou o motivo daquele mau-humor. Deu uma desculpa banal: dor de cabeça. Iniciaram a caminhada de todos os dias, sem que pudesse arranjar motivo para a briga. Enquanto isso, consultava-se sôbre os prós e os contras de um compromisso mais sério. Talvez o amàsse um pouquinho... Fisicamente, Anselmo era um partidão: alto, robusto, olhos castanhos, bigode cinematográfico... E as maneiras bruscas que assumia não deixavam de a fascinar, muito embora não as aprovasse.

Êle apertava-lhe a mão. A pressão dos dedos dêle, entrelaçados aos seus, fazia-a vacilar. Seria amor? Por via das dúvidas, resolveu adiar o rompimento. Matutaria naquilo com calma. Era ainda muito moça, não tinha pressa de se casar...

E dali a um ano, arrastava pela igreja a cauda do vestido de noiva.

Anselmo conseguira aumento de ordenado. Falara-lhe sem preâmbulos. Amava-a e queria-a para espôsa. O noivado — cêrca de oito meses — nada teve de romântico. Viam-se todos os dias, como antes, discutiam se ela deveria ou não continuar com madame Dupont. Marcélia era fervorosa partidária da emancipação feminina. Anselmo, ao contrário, mostrava-se de um exclusivismo absurdo: queria-a só para si. As eternas esquisitices! Procurou não contrariá-lo. Daria tempo ao tempo; se a necessidade aparecesse, êle seria o primeiro a pedir-lhe que voltasse ao emprêgo. Enganava-se, contudo. Três meses depois de casados, uma reviravolta da sorte deixava-os de mãos abanando. Achou oportuno o momento e falou em voltar à vida de solteira.

— Estás doida? O homem aqui sou eu; a mim compete trabalhar.

E fê-la abdicar de tôda e qualquer pretensão nesse sentido, o que de certa forma alegrou-a. As vicissitudes que se lhes interpunham haveriam de uni-los ainda mais. Mostrou-se, portanto, uma espôsa compreensiva, como o exigia a situação.

Em pouco tempo, a vida tornava à sua rotina comum; Anselmo arranjara colocação num jornal e, embora o ordenado não lhes permitisse grandes gastos, era suficiente para que vivessem tranquilos e felizes. Felizes, sim, porque a felicidade que almejavam era tão insignificante!... Marcélia, por sua parte, ria-se dos sonhos loucos, das quimeras que lhe perseguiram os anos da adolescência. Para ela, agora, o mundo resumia-se num único mundo: a casinha de aluguel barato; os homens num único homem: Anselmo; as aspirações numa única aspiração: um filho. E não tardou que o pressentisse. Aquêle dia marcou o inicio de uma nova existência. Tão diferente da risonha existência que imaginara!...

Anselmo chegara esgotado, como sempre. Esperou que estivessem juntos na varanda para lhe dar a boa-nova.

— Tenho uma novidade.

— Má? — indagou, pessimista.

— Deliciosa!

Fitou-o com ternura. Talvez, *êle* tivesse aquêles mesmos olhos claros, a testa larga... Quando lhe anunciou que estava grávida, Anselmo transfigurou-se por completo.

— Não pode ser! Eu não toleraria...

Não soube o que pensar. Era a primeira vez que o via assim, livido, os olhos cheios de angústia, os lábios a tremer.

Deixou a varanda desorientada. Qual o motivo daquele desêspero? Qualquer homem normal, em idênticas circunstâncias, julgar-se-ia o ser mais feliz da terra. Per-

(Cont. na pág. 47)

Novela de JOSE' DE OLIVEIRA NUNES





TAFETÁ



PARA A SUA BELEZA

As artistas da tela representam, atualmente, o ideal de beleza feminina. E' pois com elas, na revelação dos segredos daquilo que elas praticam para conseguirem essa perfeita e longa beleza capaz, como no caso de Gloria Swanson, de despertar tanto interêsse no mundo inteiro, com elas, diziamos, que devemos aprender um pouco. Aqui estão algumas revelações interessantes. Vera-Ellen exercita-se diàriamente para manter a perfeição de suas formas. A jovem dançarina costuma deitar-se de costas no chão com os braços firmando-se na cintura. Suspende então o mais alto que pode as pernas, sustentando o corpo sòmente sôbre os ombros, a nuca e a cabeça. Movimenta então as pernas como se estivesse pedalando, fazendo circulos tão grandes quanto possivel. Esse exercicio, repetido cinquenta vêzes por dia, faz com que a bela estrêla mantenha-se preparada para os exaustivos números de dança que executa nas peliculas em que toma parte.

Para refrescar-se no verão, Lana Turner costuma colocar seus cremes faciais na geladeira. A jovem estrêla costuma, também, durante o verão, guardar sua água de Colônia na geladeira. Depois de um banho morno, espalha a Colônia sôbre o corpo inteiro, o que perfuma e ao mesmo tempo refresca.



Não negligencie seus cuidados de beleza, quando estivermos no verão! Jane Powell costuma duplicar os cuidados com seus cabelos durante essa estação para evitar que êles fiquem secos e quebradiços.

A jovem estrelinha, usa para protegê-los um tratamento à base de óleo e, quando sai, cobre a cabeça com um lenço ou um chapéu.

No fim do verão, seus cabelos ostentam sempre um ótimo aspecto, apesar dos banhos de mar e dos passeios ao ar-livre.

Esther Williams deve o aspecto saudável de seus cabelos ao uso de um óleo protetor. Durante a filmagem de sequências em que aparece nadando, Esther Williams antes de entrar na água espalha o óleo sôbre os cabelos e depois penteia-os até que fiquem bem assentados.

Com êste tratamento a água não penetra nos cabelos e deixa intacto o penteado, sendo, portanto, o método ideal para quem frequenta as praias.

Naturalmente, há necessidade de um bom "shampoo" para retirar-se o óleo, mas é um ótimo sistema para manter o cabelo brilhando e com aspecto saudável.

OS tafetás usados na primavera são geralmente quadriculados ou estampados, como mostram estes modelos. Em cima: modêlo juvenil em tafetá branco, blusa sem mangas, saia em pregas horizontais, à direita: em tafetá estampado, decote amplo nas costas, à esquerda, modelo em tafetá xadrez avental enviezado, decote com gola em V.





MODELOS DE HOLLYWOOD







NESTAS duas páginas estampamos algumas das mais recentes e elegantes creações de Hollywood para a moda atual, são sugestivos modelos desenhados especialmente para serem apresentados na nova produção da T.C. Fox, «My Blue Heaven», notando-se em todos eles os drapeados no estilo da moda **francêsa.**







Todas as horas



Vestido estampado com saia godê, usado com casaco godê em tafetá liso. Modelo de duas peças em cetim listrado. O casaco franzido de mangas japonesas tem uma gola branca em seda. Casaco em pied-de-poule com mangas amplas, caindo dois panos soltos. Blusa em tafetá listrado com grande laço e modelo de duas peças com saia lisa e casaco em original estampado.

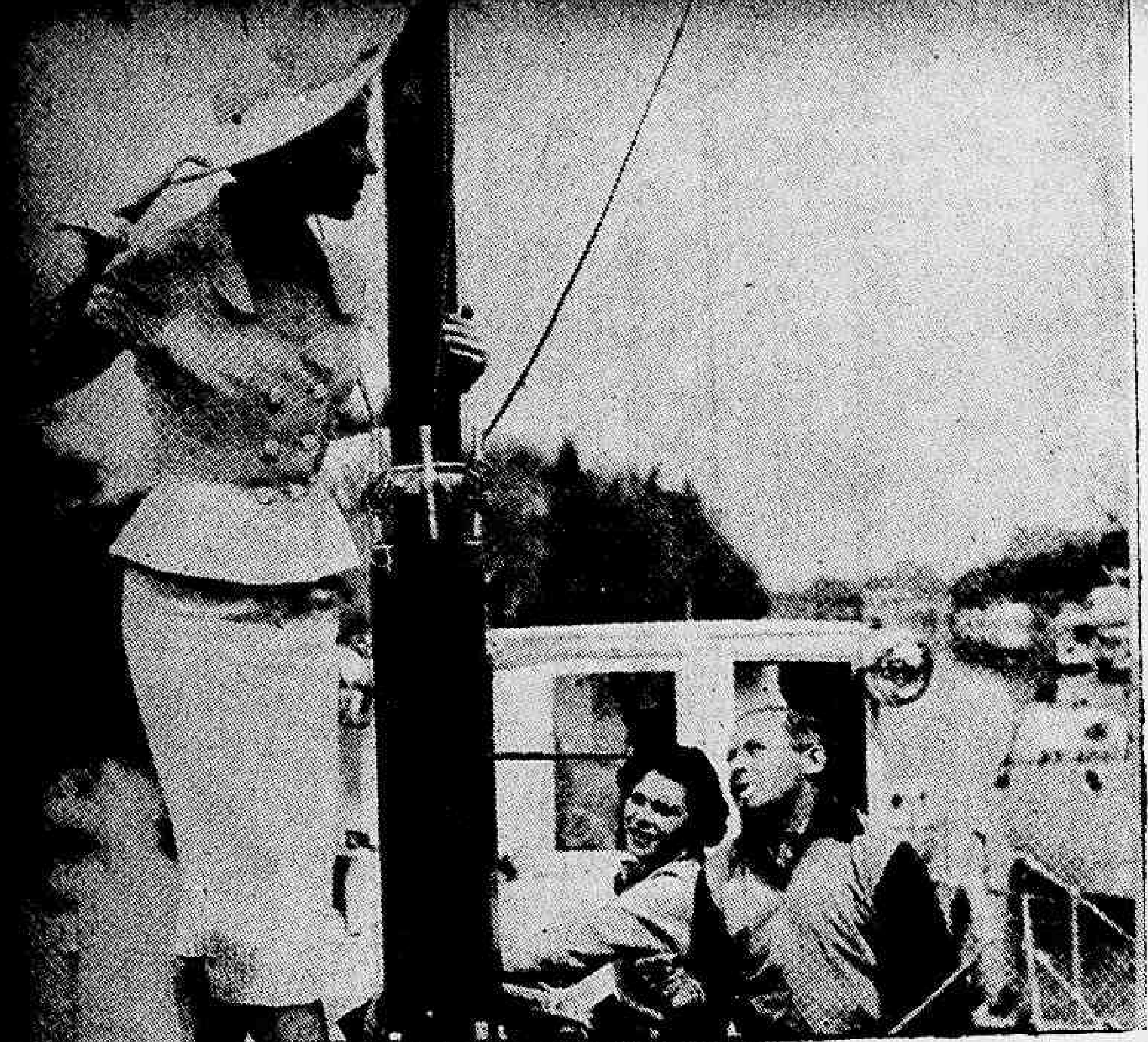




Algodão



PARA as manhãs de sól há sempre necessidade de vestidos ligeiros em algodão, práticos e fáceis de lavar. **Saia franzida com** aplicações em relêvo na frente; blusa lisa. Vestido preto, com grande decote, a saia na frente é feita de fazenda estampada. Saia quadriculada, enfeitada com um babado na barra, blusa com grande decote, e as mangas formadas pelo mesmo babado. Em cima, três modelos simples, porém bastante originais e de fácil execução.







TAILLEURS *Claros*

OS costumes para primavera são confeccionados em tons claros ou estampados e aparecem fazendas como o linho, faile, «shantung», etc. Molyneux é o criador deste modêlo em linho com saia pregueada e casaco bem transpassado de mangas três quartos. Elegante modêlo de Jacques Heim. Saia bem justa e casaco transpassado com a aba godé. Dois modelos em linho listrado e liso, práticos e elegantes.

RS

tons
o li-
riador
bem
lo de
o com
áticos







Vestidos Pretos

HÁ sempre ocasião para o uso de um vestido preto, e conforme as estações, as fazendas para sua confecção variam. Para a primavera são empregados tecidos mais leves com seda, organza e lese. Saia godé com bastante roda e mangas amplas de Jacques Griffe. Vestido em organza, com as mangas e o corpo trabalhados em pregas horizontais. Túnica de tafetá godé, abotoada. Na parte do corpo é plissada. Saia justa em veludo.



WEEK-END NA



EM PALHA



A primavera já admite o uso das primeiras palhas, que aparecem nesses modelos, nos mais diferentes formatos. Em cima, um modêlo juvenil em palha larga, beige com pequeno véu e flores coloridas, em baixo à esquerda, modêlo estilo boina em palha branca com fita em gorgurão marinho, em baixo, copa em estilo chinês com fita preta, e finalmente grande aba em palha havana com debruns em veludo preto.







ARROZ AU GRATIN

1 xícara de arroz, 2 xícaras de leite, 1 colher de manteiga, açúcar à vontade, 1 pitada de sal e 1 xícara de nata. Cozinha-se o arroz com o leite, açucar, sal e manteiga. Quando tudo estiver cozido mistura-se-lhe a nata e despeja-se numa fôrma untada com manteiga. Cobre-se com pedacinhos de manteiga e leva-se ao forno quente para corar. Serve-se com compota de qualquer fruta.

BOLINHOS DE SEMOLINA

½ quilo de semolina, 3/4 de litro de leite e ½ litro de água, sal, 2 colheres de açúcar, 2 a 3 ovos, farinha de rôsca e gordura. Deitam-se o leite e a água em uma caçarola, juntando-se-lhes sal, açúcar e semolina, cozinhando-se tudo até formar uma massa consistente. Retira-se do fogo, juntam-se as gemas batidas, e, depois de fria a massa, as claras batidas. Com duas colheres vão se tirando bolinhos que se passam em farinha de rôsca e que se frigem com bastante gordura. Pulverizam-se com açúcar e canela e servem-se com compota.

KNEDEL DE FARINHA

½ k de farinha, 1 ôvo, cheiro verde picado, sal, 2 a 3 pãesinhos de leite cortados em quadradinhos. Peneira-se a farinha, com a qual se prepara uma massa, juntando-se o ôvo, cheiro verde, sal e um pouco de água acrescentando-se os quadradinhos de pão fritos em manteiga. Com esta massa se enrolam bolas que se deitam em água fervendo com sal. Deixam-se ferver de 25 a 30 minutos. Antes de servir, cobrem-se os knedels com manteiga derretida.

NHOQUE

Descasca-se 1/2 quilo de batatas que secozinham em água e sal, passam-se no pasador juntando-lhes em seguida umas cinco colheres de farinha de trigo, 1 a 2 colheres de manteiga, 2 ovos e sal. Amassa-se tudo bem, devendo a massa ficar bem macia. Pulveriza-se a tábua com farinha de trigo e vai se enrolando a massa até que ela fique com a grossura de um dedo. Quando êles subirem à superfície da água, estão cozidos. Despeja-se tudo no passador, deixa-se escorrer bem a água. Arruma-se os nhoques em uma travessa, dispondo uma camada de nhoques, outra de queijo ralado, outra de môlho de tomates, outra de nhoques e assim por diante.

OVOS MEXIDOS COM LINGUIÇA

Frigem-se fatias de linguiça em azeite quente, de modo que elas tomem uma forma côncava que se enche com ovos mexidos.

SALADA BORGONHA

Colocam-se 2 a 3 fôlhas de alface sôbre um pratinho e cobrem-se as mesmas com môlho de maionese. E, ao redor da alface, dispõem-se as fôlhas de agrião em forma de círculo. No centro, arrumam-se 4 a 5 cabeças de aspargos que se enfeitam com pepinos em conserva picados.

OVOS RECHEADOS

Cortam-se os ovos cozidos pelo meio. Tira-se cuidadosamente a gema que se mistura com um pouco de nata, 'filet" de sardinha e um pouco de salsa picada. Passa-se esta mistura por uma peneira e, acrescentando-se um pouco de azeite, vinagre e mostarda, forma-se um mingau. Com êste mingau, recheia-se a cova das claras, cobrindo-se em seguida com maionese. Arrumam-se depois os ovos sôbre fôlhas de alface.

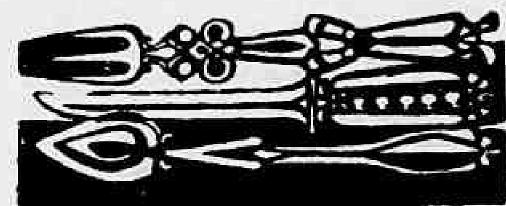
SARDINHAS

Para êste prato deve-se escolher sardinhas de tamanho maior. Arrumam-se as sardinhas, umas ao lado das outras, ou então em forma de grade, e, em volta, colocam-se gemas e claras raladas ou picadas, rolos de manteiga, alcaparras e, querendo, rodelas de cebola e pepino em conserva.

CREME DE CHOCOLATE

½ litro de nata, 75 gr de chocolate, 150 gr de açúcar e 3 a 4 gemas. Batem-se bem as gemas com o açúcar até formar espuma. Acrescenta-se então o chocolate dissolvido e logo depois a nata batida. Mistura-se tudo levemente, sem bater, e leva-se para gelar.

Se se dissolver o chocolate em água, em banho-maria, pode-se suprimir as gemas.



ARROZ-DOCE REGINA

Para uma fôrma com 1 litro de capacidade, calculam-se 125 gr de arroz, 150 gr de açúcar e um pacotinho de açúcar e de baunilha, ½ litro de leite, 1/4 de litro de água, 10 gr de gelatina, 100 gr de frutas cristalizadas.

Cozinha-se o arroz durante 5 minutos, deitando-se em seguida sôbre uma peneira para deixar escorrer a água. Leva-se novamente ao fogo com o leite, açúcar e baunilha. Quando estiver bem mole, retira-se do fogo, juntando-se-lhe a gelatina dissolvida. Põe-se de lado para esfriar um pouco, acrescentando-se então a nata batida. Picam-se as frutas às quais se junta um pouco de Kirsch, misturando-se em seguida ao arroz. Deita-se imediatamente em uma fôrma em que se passou água fria, deixando-se em lugar fresco durante umas duas horas. Quando estiver bem frio vira-se sôbre um prato redondo e serve-se com môlho de qualquer fruta. Pode-se enfeitar também com creme Chantilly.

CROMESQUIS DE PEIXE

Tome postas de peixe frito, tire fora as espinhas e peles, parta aos pedacinhos e guarde. Leve a tostar

NA COZINHA

meia cebola ralada com manteiga, junte 1 fatia grossa de pão embebido no leite, 2 gemas, meia xícara de leite, 1 colher de farinha e tempere de sal. Leve ao fogo e quando despegar do fundo, junte o peixe. Faça bolinhas, passe em massa de fritar e frite em banha quente. Arrume no centro de um prato em pirâmide e guarneça em volta com chuchus.

SALADA DE GALINHA

Asse uma galinha, tire tôda a carne sem ossos nem peles, e corte em tiras, corte 150 gr de presunto em tirinhas. Cozinhe 6 boas batatas com cascas, descasque, corte em tiras e deite num prato fundo com 3 colheres de água quente e sal. Cozinhe com casca 2 beterrabas, descasque, corte em fatias, depois em estrêlas e deite num prato fundo com 1 colher de açúcar e outra de vinagre. Corte 4 maçãs em fatias, corte os centros, e as fatias com um cortador em estrêlas. Lave 3 pés de alface repolhuda, corte e guarde os grelos. Corte 3 tomates grandes em rodelas. Faça um môlho com 2 gemas, sal, e vá juntando 1 xícara de azeite, aos poucos, e por último caldo de limão e 1 colher de leite quente. Tempere com êste môlho a galinha, as batatas e a alface.

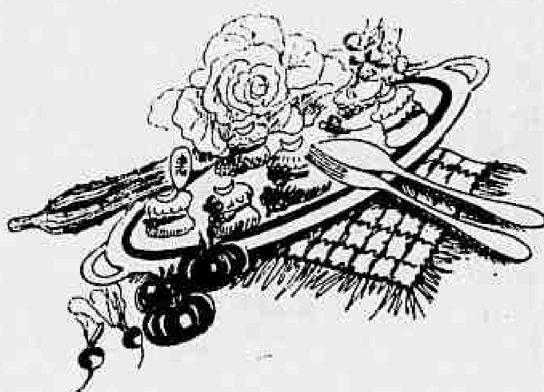
Arrumação do prato: Arrume numa travessa grande a galinha no centro e a alface ao redor. Ponha as batatas nas cabeceiras e as maçãs dos lados. As beterrabas sôbre a alface, os tomates sôbre as batatas e o presunto sôbre a galinha. Se tiver gôsto na arrumação, o prato deve ficar lindo, porque as beterrabas e maçãs recortadas são de lindo efeito. Compre uma coleção de cortadores que é indispensável numa cozinha.

COXINHAS DE RÃS

Tire a pele de 6 rãs. Elas ficam completamente brancas como galinhas. Corte e deite fora as cabeças e as patinhas, limpe por dentro e divida cada uma em 4 partes. Lave muito os pedaços e deite num prato fundo com gôtas de limão. Depois enxugue com um pano, passe em ovos batidos, em pó de pão torrado e frite em banha quente. Ponha sôbre papel pardo para desengordurar.

TORTA ESPUMOSA DE CASTANHAS

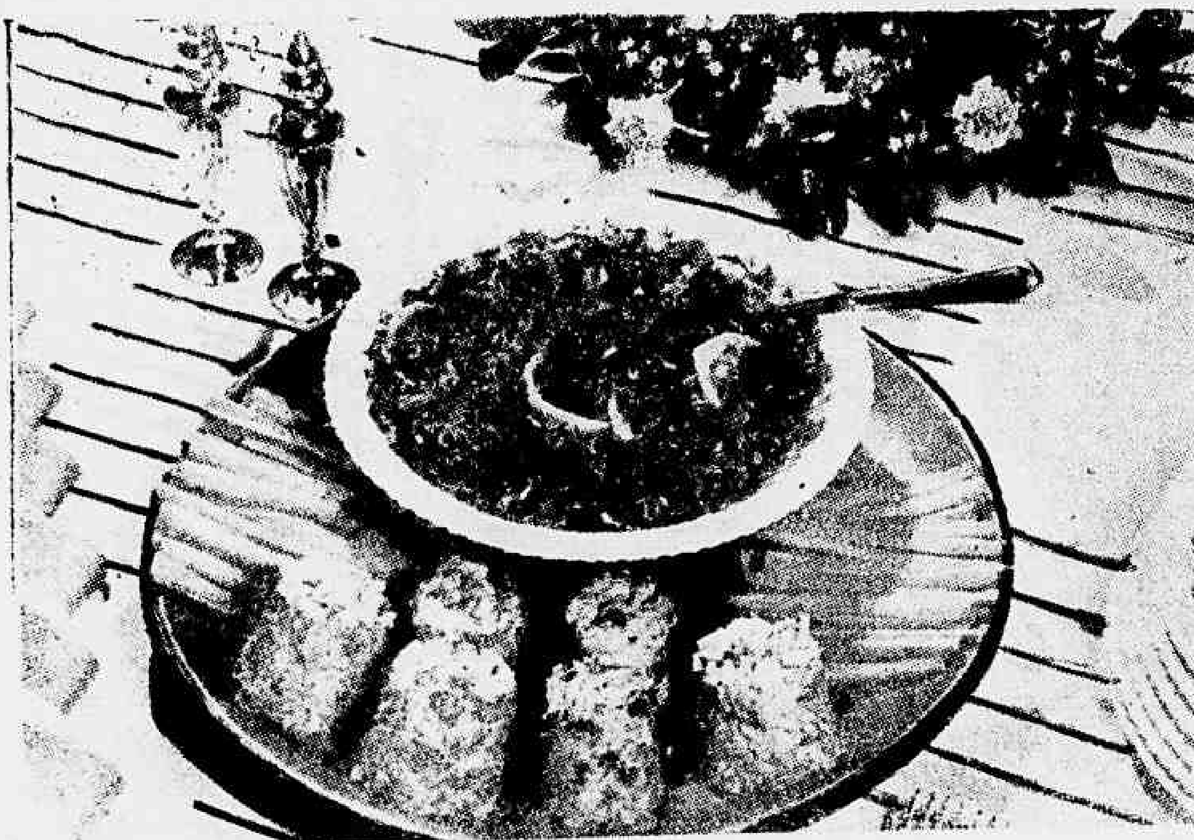
500 gr de castanhas, 2 colheres de sopa de açúcar, 1/4 de xícara de leite, 1 colher de sopa de vinho do Pôrto ou Madeira, ½ litro de creme Chantilly, massa de morangos (4 claras de ovos batidas e misturadas com 250 gramas de açúcar). Da massa de morangos fazem-se no dia anterior dois fundos de torta que se deixa secar. Descascam-se as castanhas, que se cozinham em pouca água, bem moles, passam-se por um passador e misturam-se bem com o açúcar, um pouco de leite e o vinho até ficar um mingau consistente. Põe-se então um dos fundos da massa de morangos em um prato de torta, passa-se por cima uma camada de creme Chantilly e cobre-se com o outro fundo da torta. A massa das castanhas põe-se em uma seringa de madeira ou em um cartucho de papel e com êste enfeita-se à volta da torta em formato de sonhos. Com o resto do creme Chantilly adoçado com açúcar de baunilha enfeita-se o centro da torta.

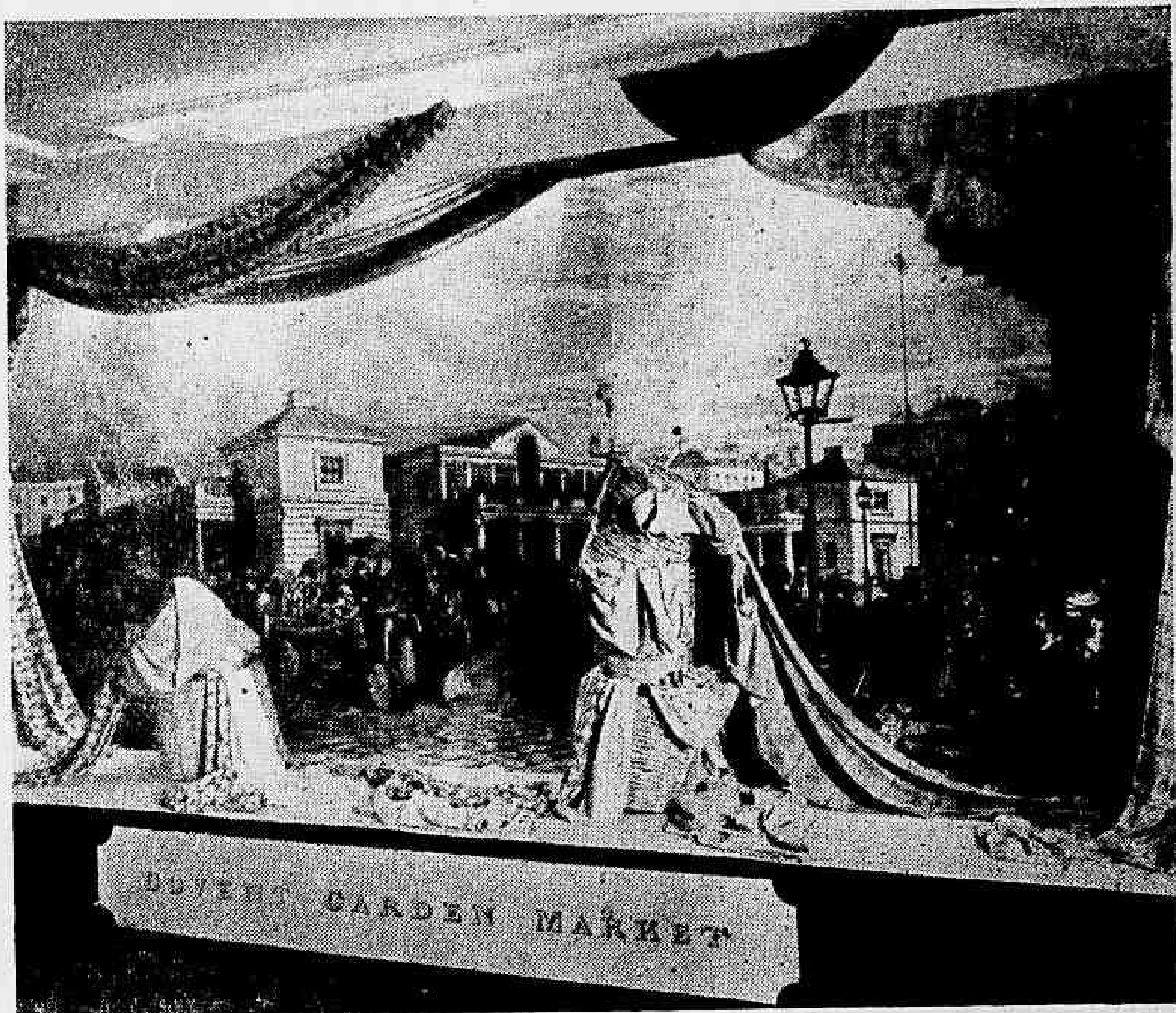


SCHALET

Massa de pastéis, 200 gr de marmelada (ou massa de maçãs) 50 gr de passas sem sementes, 2 colheres de sopa de farinha de pão, 80 gr de corintos, as cascas de meia laranja e de meio limão cortadas em pedacinhos, uma pitada de noz-moscada ralada, 1 colher de sopa de açúcar, 3 colheres de sopa de vinho Malaga e 2 ovos. Unta-se bem uma fôrma de abrir e forra-se com a massa de pastéis na grossura de ½ cm. Desmancha-se a marmelada, mistura-se e mexe-se bem com a farinha de pão as cascas em pedacinhos, a noz-moscada, o vinho, o açúcar e os ovos.

Embebem-se as passas, corintos, em água fervente, coa-se, e junta-se à marmelada, mistura-se bem tudo e enche-se a fôrma. Cobre-se com uma parte da massa e leva-se ao forno moderado durante 50 minutos. Tira-se do forno e depois de 10 minutos vira-se em um prato e polvilha-se com açúcar.





O mural representando o Covent Garden em 1890. Das cestas dos mercadores sái uma profusão de tecidos de rayon estampados, cujos desenhos foram patrocinados pela Rayon Industry Design Centre, incluindo os padrões de autoria de John Minton, Licienne Day, Annette Briers e D. Eccleston.

QUINZENA DE MODAS - 1950

A exposição de tecidos realizada no Centro de Desenho da Indústria de Rayon da Inglaterra constitui uma ocasião um tanto especial: é a primeira vez que os fabricantes de tecidos de rayon têm cooperado para apresentarem debaixo de um só této algumas das mais finas realizações da sua indústria. Apropriadamente, visto que essa exposição assinala a Quinzena de Modas de Londres, a seleção se concentrou nas mercadorias de alta qualidade para vestidos, mas devido à limitação de espaço, muitas firmas, infelizmente, não se puderam fazer representadas. Por esta razão, a exposição deve ser considerada antes como um «hors doeuvre», e não como uma «refeição» completa.

Desde o fim da guerra, a despeito de muitas dificuldades inevitáveis, os fabricantes britânicos seguiram sempre uma orientação cujo objetivo é conquistar o mercado estrangeiro de modas, e, hoje, pode-se ver alguns dos seus sucessos na exposição que óra se realiza em Londres.

A grande variedade de aplicações de rayon no setor de vestidos já é bem conhecida, pois estende desde «rayons» puros até mesclas de rayon e lã, mas a excelência a que atingiu não foi bastante apreciada. Já há muito que, tanto os varejistas como o público, se referem aos rayons de alta qualidade como «seda». A verdade é que isso não deve causar surpresa, pois hoje em dia é preciso ser técnico no assunto para distinguir entre alguns rayons e a seda, porém, o preço é, naturalmente, a guia tôdo importante. Os setins de rayon tingido em fio, com as suas primorosas qualidades drapejantes, das quais podem-se ver muitos exemplares na exposição, são um bom exemplo.

O têma da Exposição baseia-se em Covent Garden — um tributo ao Ballet Sadler's Wells, que chegou a ser a maior contribuição artística britânica nos últimos 25 anos.

Ao entrar no N. 1, Upper Grosvenor Street, à esquerda, o visitante é imediatamente confrontado por uma decoração mural representando Covent Garden em 1830, e os cartazes contemporâneos que ornam as paredes contribuem com um ar de autenticidade . Um efeito interessante é obtido por meio de várias cestas, das quais sái uma profusão de tecidos de rayon estampados, cujos desenhos foram patrocinados pelo Centro. Parecem predominar as influências Bayadere, sôbre côres suavizadas, e usa-se muito o perfil a lápis para realçar o motivo. Continuando com o mesmo têma, a segunda sala no andar térreo ostenta tecidos dispostos como que para um palco na alcova no fim da sala, e um carrinho de vendedor de frutas.

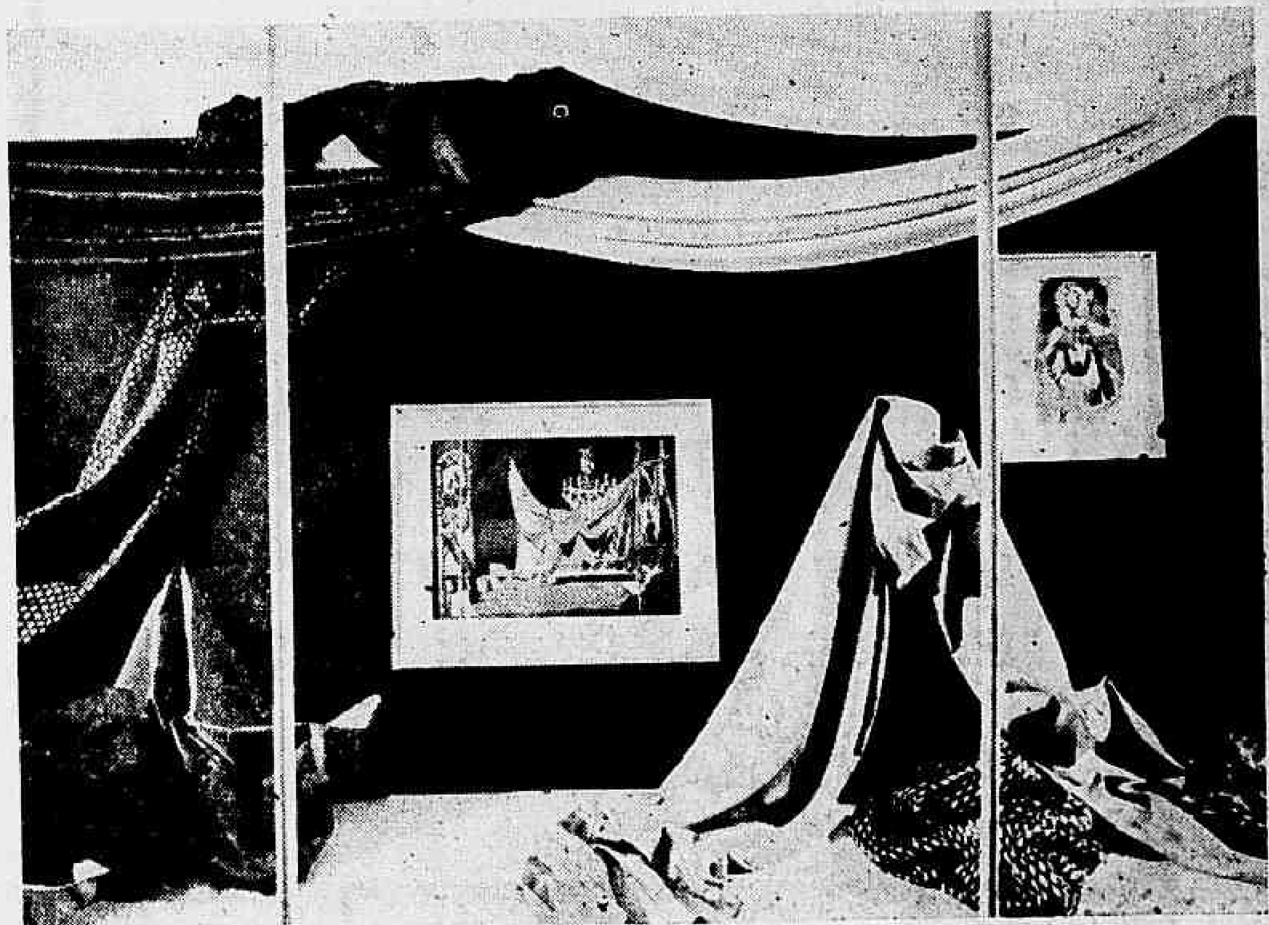
No primeiro andar, entra-se na sala de exposição, pròpriamente dita, a qual logo reproduz a atmosfera do próprio teatro; aqui também há um «palco» recordando o encanto do «Lago dos Cisnes», com uma transparência de rayon puro, atrás da qual pode-se ver o vestido de Odette, a postos para entrar em cena.

A qualidade drapejante de alguns dos mais encantadores rayons pode ser maravilhosamente bem apreciada com essa disposição de grande originalidade, com cortinas de filó e gaze alterando-se com a riqueza de brocado e setim bordado.

À direita de quem vem do palco, pode ser vista uma série de côres novas para o outono vindouro, e do outro lado, a fim de incluir o amador com o profissional, há um interessante desenho bordado contribuido pela Escola de Arte de Birmingham.

À direita, novamente, repetindo o têma de ballet, há alguns desenhos de vestidos por Antoni Clavé para o novo ballet Ballabile. Estes foram usados com efeitos encantadores para realçar as côres nos tecidos à volta, e são equilibrados, no outro lado, por dois palros-brinquedos iluminados. O resto da sala está ocupado por uma exposição de drapejados, que se estendem desde os rayons de filamento fino até os tipos mesclados com lã, e abrangem alguns estampados francamente magníficos — outra vez utilizando o perfil a lápis preto para realçar o motivo.

Desenhos sôbre têmas para o novo ballet «Ballabile», de autoria de Antoni Clavé. Circundando-os, diversas amostras de padrões de rayon das firmas Driver Brothers, Zurrer Silks e Tee Brothers.





AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

A SAÚDE DO BEBÊ

(Cont. da pág. 51)

dias, e sempre no decurso do primeiro trimestre, em todos os casos.

2 — Ao lado da *diátese neuropática* também responde a *diátese exsudativa* por certas manifestações dispépticas do bebê, sendo o *catarro intestinal* a forma habitual dos mesmos. Dadas as ligações íntimas das diferentes mucosas da criança e a facilidade com que, no bebê exsudativo, reagem as mucosas com aquela secreção muitas vêzes, exacerbam-se semelhantes manifestações, sobretudo nas mudanças de tempo, com baixa de temperatura. Porém é fora de dúvida que, na criança exsudativa, o catarro enteral é gerado, principalmente, pelas gorduras do leite, para as quais, nesses bebês, existe um verdadeiro estado de intolerância nata, o que deve, em substância, nortear a respectiva dietética.

Muita habilidade requer, do pediatra, o tratamento das manifestações dispépticas do exsudativo, pois o catarro intestinal decorre, em última análise, de uma predisposição, de um lado, e de uma causa irritativa, de outro. Daí que, no tratamento, tanto deve ser instituida uma dietética segura como ainda certos recursos de natureza exclusivamente medicamentosa.

Noutro artigo cuidaremos oportunamente dessa parte.

VINGANÇA

(Cont. da pág. 28)

como o faria? De tempos aquêles momentos andava sempre desarmado para não sugerir desconfianças. Pombinho, entretanto, nunca abandonava sua 380, sua "rabo de égua" (Pistola antiga de dois canos), como dizia sorrindo sempre, nas horas de conversa despreocupada. Havia antes decidido apunhalar o filho do Coronel, quando estivesse dormindo. Antônio contudo sentia-se fraco e desencorajado. Pombinho era forte e corajoso. Que se aproveitasse da desprevenção dêste, êle não esquecia o perigo de uma agressão sua, mesmo inopinada. Enquanto jogava, pensava, a arquitetar sua vingança. Sentia-se cada vez mais nervoso e inquieto.

Como por um milagre, seu estado de espirito depois se transformou. Recobrou a calma. Ganhando sempre, estruturou seu plano de vingança. Precisava antes de tudo retirar de Pombinho a pistola. Sorriu tranquilo a prelibar a desforra. Deixá-lo desarmado para depois assassiná-lo, era o caminho mais inteligente de sua própria segurança. E começou a falar, como se interessasse pelo companheire:

— "Seu" Pombinho, você s'tá muito nervoso...

O parceiro respondeu desdenhosamente:

— Nervoso nada!

— Como não? Você há três dias que não dorme, moço!

— Coisa nenhuma! — retorquiu colérico.

— Isto já parece desculpa pra deixar o jôgo, porque você s'tá ganhando...

— Você s'tá nervoso, e, quando s'tá perdendo, fica mal-criado, violento e brigão! E' bom nós acabar com o jôgo...

— Num disse?! Você s'tá correndo, pruqui s'tá ganhando...

— Não, "seu" Pombinho... Eu s'tou é cum mêdo, pruqui você anda sempre com aquela "rabo de égua"... Tenho mêdo de você me atirá!

— Você é bêsta! Num s'tá vendo q'eu num lhe atiro?

— Sei lá! Apois num me fio em você... é melór que você bote a pistola dum lado...

E concluiu decidido:

— Se não, num jogo mais!

Partiu o baralho.

— Dê mais uma... mais outra... Passei!

— Eu bato 21!

Pombinho deu um murro na mesa, depois que atirou as cartas no chão:

— Ladrão! Você s'tá roubando!

Apanhando as cartas, Antônio, muito pálido disse com a voz trêmula:

— Num tou dizendo, "seu" Pombinho!... Você s'tá nervoso... passe esta pistola prá cá... se não passa a pistola eu num jogo mais!

E foi se levantando.

Sentou-se depois. Misturou o baralho. Pô-lo em cima da mesa.

— Parte...

Pombinho deixou a pistola ao alcance da mão de Antônio. Aquêle verificava as cartas. Êste, rápido, agarrou a arma e descarregou contra o parceiro...

— Traidor! — e caiu estrebuchando num lago de sangue.

— Isto é pra tu num dá na cara de irmão de macho!

E fugiu...

Os agregados e a vaqueirama sairam-lhe ao encalço. Um dos perseguidores ainda conseguiu descarregar uma "chumbeira" (Espingarda) contra Antônio que, levemente ferido, desapareceu na caatinga. Em ponto combinado estava sendo esperado. Internou-se no Estado do Piauí. Acoitou-se numa das fazendas do "chefe" politico, seu protetor.

★

A canoa montou no barranco. A onda se espraiou e se foi quebrar no alicerce da calçada alta da casa grande. O Coronel lia, deitado numa preguiçosa.

— "Seu" Coronel, o Antônio matou "seu" Pombinho!

— O quê?

E o "positivo" (Jagunço) repetiu a notícia, quase gritando. O Coronel soube recebê-la, demonstrando calma frente ao seu "cabra" (Emissário) de confiança. E perguntou ansioso:

— E o criminoso?

— Fugiu, meu amo!

O Coronel passou a mão pelas barbas, torceu o bigode grisalho e falou quase para si mesmo:

— O mundo é muito pequeno, Chico Prêto! Ninguém pode fugir da justiça, mesmo dos homens...

Depois de um pequeno intervalo voltou a interrogar o "positivo":

— E o corpo de meu filho?

— Vem aí, meu amo...

Chico Prêto então contou como encontrou o cadáver e que Antônio havia morto "seu" Pombinho com a pistola do próprio companheiro.

— Cadê a pistola, Chico?

— Tá aqui mesmo, meu amo.

E entregou a arma criminosa ao Coronel. Examinou-a meticulosamente. Duas lágrimas grossas rolaram por sôbre as longas barbas. Foram enxutas imediatamente. Levantou-se e foi dar a notícia infausta às pesoas de sua casa. O silêncio imperou na casa grande da beira do rio. Não houve choros ou murmúrios. A noite acenderam-se todos os candieiros. Abriram-se tôdas as janelas. Parecia dia de festa. Chegou o corpo. Não houve lágrimas. Não houve recriminações. A casa estava superlotada de amigos e de parentes do Coronel. O entêrro realizou-se no dia seguinte. A Banda de Música dos "Cascudos" botou crepe prêto na campânula dos instrumentos. Não tocou marchas fúnebres. Apenas se ouviam os passos ritmados sôbre o areial da cidade. O silêncio era impressionante. Traduzia a tensão nervosa dos acompanhantes do entêrro. Não houve discursos. Comentários, nem aos cochichos. Pairava no ar algo de terrificante. Aguardava-se a vingança!

★

— Pai, que faremos? Isto não pode ficar assim...

A resposta veio pronta, como se de há muito preparada:

— O chefe da familia ainda (e sublinhou o *ainda*) sou eu. Nada se fará sem minhas ordens, sem o meu consentimento. No momento oportuno reunirei a familia...

— O criminoso salvou-se do flagrante...

— Esperemos pela justiça...

— Mas... "êles" estão de cima... o juiz é "dêles"...

O Coronel estava com os olhos voltados para a Serra dos Culumins que parecia a parede de um açude gigantesco, barrando as águas barrentas do São Francisco. Seu pensamento estava muito longe...

Respondeu sem voltar-se para o filho:

— A razão nunca ficou de baixo, meu filho. Nós estamos com a razão...

— E se "êle" não fôr prêso?

— As vitórias do mal, meu filho, são provisórias. A razão quando existe é permanente. Não há quem a destrua. Tenhamos paciência. A pressa é inimiga da perfeição.

E concluiu entrando em direção do quarto de alcova:

— Quem deveria estar com pressa seria eu, porque estou velho...

No quarto, sôbre a cômoda de jacarandá, coberta com finíssima toalha de rendas, estava a pistola de "seu" Pombinho. Parecia um ídolo protegido do contacto de mãos profanas. A ninguém era permitido ao menos tocá-la, mesmo para sacudir a poeira da cômoda. O Coronel passou, êle mesmo, a fazer a limpeza do velho móvel. Aquela pistola era como um tabu...

★

Salvo do flagrante, Antônio apresentou-se ao quartel para aguardar o júri. Para garanti-lo, além dum tenente com cinquenta praças, foram engajados jagunços sob a forma de "apenados" (Soldados contratados com direitos de soldados de polícia). A calma, porém, do Coronel e de sua família era tão natural que os próprios políticos se convenceram da inocuidade das despesas com jagunços. E dispensaram os "apenados". Os "borboletas" diziam que viria um advogado de nomeada da Bahia para defender Antônio. Dadas as condições em que fôra perpetrado o crime, sem testemunhas de vista, o livramento do réu estava sendo esperado. E começou novamente a expectativa, em face do próximo júri. A família enlutada nada dizia. O Coronel parecia alheio ao que se passava. Calmo, não tratava sequer do assunto. Quando, por qualquer motivo, era interrogado por amigos íntimos ou parentes, limitava-se à mesma resposta:

— Confio na Justiça dos homens. No último caso tenho noção de minhas responsabilidades de pai-de-família.

★

— "Seu" Majó Ildefonso, inzéste novidade na cadeia...

— Entre, cabo Zequinha. Vamos tomar um cafèzinho...

— Não, "seu" Majó... Dá muito na vista...

— Qui é qui há?

E a notícia caiu sôbre o major como um raio:

— Vão dá fuga a "seu" Antonho...

— Como? — interrogou como se quisesse certificar-se.

— Vão dá fuga ao criminoso que matou "seu" Pombinho...

— Quando? — perguntou aproximando-se mais do militar.

— Amenhã, "seu" Majó...

— A que horas?

— Na premeira cantada do galo...

— Como você soube desta história, cabo Zequinha?

— Eu iscuitei "seu" coroné Alvino cumbinando com "seu" tenente... O home vai sai vestido de muié, cum chale da mãi dêle cubrindo a cabeça...

— Segrêdo, cabo! Não fale isto a ninguém! Você será gratificado...

E despedindo-se:

— Até logo, cabo!

— Até logo, "seu" Majó!

Vestiu o paletó, ajeitando o cabo do punhal do qual nunca se separou. Seguiu rua acima. Bateu no portão. Falou com uma pretinha que veio abri-lo. A preta saiu correndo.

— "Seu" Coronė, o Majó Ildefonso tá aí no portão.

— Já vou!

O Major havia transposto o quintal. Encontrava-se na ampla sala de jantar:

— Boa-tarde, compadre.

— Boa-tarde, compadre.

— Que há? Sente-se...

— Coisa séria! O criminoso vai fugir!

— Vai fugir?

Como se estivesse saindo dum sonho:

— Quem?

— "Êles" vão dar fuga ao criminoso...

— Será possível, compadre?!

— Do ódio político nada é impossível...

— e abaixando a voz enquanto explicava quase cochichando:

— O cabo Zequinha ouviu tudo. O plano de fuga está combinado entre o Alvino e o Tenente.

Explicou compassadamente, como se pesasse as palavras:

— À meia-noite sairá vestido com as roupas e chale da mãe dêle. Ela hoje já levou o necessário. Fugirá com tôdas as garantias. A sentinela foi comprada por duzentos mil réis. No Caapão há uma montaria boa e pronta o esperando. De lá, dizem que vai para os Negros, na fronteira do Piauí.

— E o júri já não foi marcado?

— Mas não houve advogado que "pegasse" a defesa...

— Então?

— Que faremos?

— Que *faremos*, não, compadre. Que *farei eu* é outra coisa. Êle morrerá.

Procurando justificar a decisão: — Para mim, compadre, apesar de saber que a política anda com o dedo pelo meio de tudo isso, eu considero o caso pessoal e de família... (Os olhos do Coronel fuzilaram de ódio).

— Cadê o Chico Prêto?

— S'tá na rua...

— E o Zé Molhado?

— Na casa dêle — respondeu com presteza uma senhora que havia chegado quase imperceptìvelmente.

— Mande-os chamar!

E dirigindo-se ao major Ildefonso:

— Compadre, chegou a minha hora, a hora dos "meninos". Vou mandar avisá-los a todos. Só a família chega. Não precisa meter no meio nosso "pessoal" (Jagunçada).

Na minha roça, compadre, tenho dois cavalos bons. Estão selciros. Estão às ordens. Se precisar de um velho amigo, o compadre há de saber que eu com meus amigos estamos acompanhando os acontecimentos de perto... Estamos prontos...

E deixou a residência do Coronel. Magro, franzino, olhar brilhante e passo seguro e equilibrado, o major encarnava a decisão, a sinceridade, a coragem do barranqueiro sanfranciscano...

★

Às proximidades da meia-noite o quarteirão da cadeia estava completamente cercado. Mais de cem homens armados investiram contra o quartel. O Coronel foi o primeiro a penetrar na cela. No fundo,

"O jantar está quase pronto"...

...E FOI AÍ QUE A LÂMPADA QUEIMOU!

Valeu a lição... Na próxima vez exigirei Lâmpadas PHILIPS!

MAIS LUZ
MENOS CONSUMO

PHILIPS

LÂMPADAS PHILIPS

INCANDESCENTES • FLUORESCENTES

ERWIN WASEY

O FENÔMENO GIULIANO...

(Cont. da pág. 35)

deveria matar Giuliano, então o Govêrno lhe daria a impunidade e mais trinta milhões de liras. Após alguma relutância, decidiu-se Pisciotta. Apresentou-se em casa de De Maria, onde estava morando Giuliano, contou-se que R.P. havia fugido e pediu-lhe abrigo para não cair nas malhas da polícia. Assim Giuliano morreu em pleno sono, talvez nem sentiu a morte. Após os tiros de revólver, os mesmos que na autópsia resultaram dados a queima-roupa, o choque psíquico produzido em Pisciotta foi tão grande que êle fugiu com os pés descalços, segurando as calças com as mãos, em direção de uma "Fiat", repleta de "carabinieri", dentro da qual se introduziu, nada mais se sabendo dêle desde então. O cadáver de Giuliano foi transportado para o pátio da casa. Foi percorrido por duas descargas de metralhadora, chegou gente e a polícia deu a versão já conhecida. Não há dúvida que muitos detalhes coincidem com o que foi apurado em diligências posteriores. Seria essa a verdade? Ouçamos o que se diz a respeito de Frank Mannino. Uma vez prêso, com o companheiro Nunzio Badalamenti, a polícia manteve em segrêdo o fato. Talvez com a mesma promessa de impunidade teria conseguido de Frank a delação do refúgio de Giuliano. Sôlto o bandido para executar o chefe, seria êle o que foi visto pelos dois padeiros fugindo descalço, para entrar novamente na "Fiat" da Polícia que o havia trazido até aí e ser reconduzido à prisão. Muita semelhança com a outra versão. Também plausível. Por mais absurdas que sejam as duas hipóteses, sempre são mais coerentes com o que foi visto e ouvido pelas raras testemunhas e com o que pode ser deduzido pelo exame do corpo e do lugar em que foi morto Giuliano. Parece que a intenção das autoridades é encobrir alguém. O inesperado do fim e a dificuldade de se aproximar de Giuliano quase provam que sua morte só foi possível com a traição de pessoas consideradas insuspeitas pelo bandido. A irrealidade da perseguição descrita no relatório salta aos olhos de quantos acompanharam a análise apresentada nestas linhas. Pisciotta ou Mannino? Tanto faz. O que importa é que Giuliano morreu, mas o banditismo não. Começa agora a reação popular, a criação do "mito Giuliano", o que será examinado no terceiro artigo desta série, sob o título: "A Lenda do Herói de Montelepre".

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

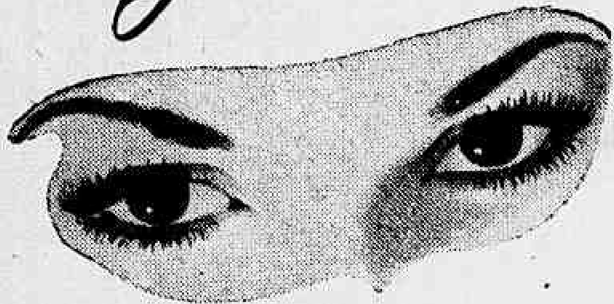
E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluors — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitsko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

encolhido a um canto escuro, estava um vulto de mulher... .

— Antônio, chegou o seu dia, miserável!

— Não me mate, seu Coronel!

— Você conhece esta pistola 380? Foi com ela que você matou meu filho!

— "SEU" Coronel, me per...

— E não terminou a palavra. Dois estampidos, quase ao mesmo tempo, se fizeram ouvir. Logo após, em tropel, entraram os filhos e parentes e sôbre o corpo moribundo descarregaram as "repitições". Depois arrastaram o cadáver para o meio da rua...

Na confusão, o Tenente, que morava perto da cadeia, aventurou-se subir ao muro para testemunhar o ataque, já que não tinha tido fôrças para impedi-lo. Um tiro certeiro, que partiu do quarted, prostrou-o sem vida.

Os atacantes retiraram-se para a fazenda, deixando o cadáver de Antônio, vestido de mulher, estraçalhado de balas, no meio da rua.

★

Ao entêrro de Antônio e do Tenente compareceu o Juiz de Direito, que fêz um discurso à beira da sepultura. Excedeu-se nos ataques aos "cascudos" e ao Coronel. Houve quem viesse avisar ao Major Ildefonso das palavras desrespeitosas do Juiz. Êste, ao chegar em casa, encontrou Chico Prêto e Zé Molhado:

— Que fazem aqui?

— Nada "seu" dotô... Tamo esperando Vamicê de parte do "seu" Majó...

E continuou com ares displicentes, ingênuos:

— Nós vièmo avisar a vamicê qui a canoa tá pronta, esperando, lá no pôrto da ingreja...

— Como? Isto é um desafôro! E' um desacato a uma autoridade! Eu sou um Juiz de Direito!

— "Seu" dotô (e puxaram os punhais) aceite nosso conceio. Num adienta ficá cum raiva... mais porém vamicê fala munto... peixe se perde é pula a bôca... Vamicê xingou os home da terra... A canoa tá esperando...

— Não sairei de minha casa!

— Vamicê tá falando munto... parece até que tá fazendo discurso na cova de "seu" Tenente... Ande logo "seu" Dotô, qui nós temo qui fazê...

E chegaram-se com os punhais para perto do Juiz...

— E minha mulher?

— Vamicê pode levá... Ande logo, moço. "Seu" Majó recomendou munto respeito, mais porém Vamicê tá fazendo a gente perdê a paciença...

— E minha bagagem?

— Vai pelo vapô...

Tendo ao lado a espôsa, o Juiz rumou para o pôrto da Igreja... Lá o esperava uma canoa exigua e dois remos...

— Quem vai remando? — interrogou o Juiz, entrando com a espôsa na canoa.

— Vamicê mesmo "seu" Dotô...

— Mas eu não sei remar...

— Aprende... (Sorrindo) De cabeça à baixo todo mundo sabe remá bem, "Seu" Dotô...

E, empurraram, com violência, a canoa para o meio do rio, enquanto a foram acompanhando, marchando pelos barrancos a fiscalizá-la, até que a perderam de vista, muito embaixo, numa curva do São Francisco...

MADAME DE MAINTENON

(Cont. do número anterior)

nes. "Afoga-se na sua própria gordura... E' incapaz de falar noutra coisa que não seja comidas e caçadas; é cabeçudo e de uma humildade que chega às raias da insignificância". Quando criança, ficava furioso com o tempo, se chovia contra os seus desejos. Quebrava os relógios que batiam as horas das suas lições. E agora "sua soberba é tamanha, que êle parece olhar das alturas do céu para os homens comuns como se fôssem meros átomos com os quais êle não suporta a mais leve semelhança".

Nêste último aspecto, porém, era simplesmente filho do seu pai. Também Luiz XIV julgava-se a única imagem terrestre do único sol celeste. "Logo que a conversa recaía sôbre qualquer assunto que não êle próprio, o rei bocejava e ia para a cama". Foi um alívio para Madame de Maintenon deixar os "esplendores" dessa côrte e dirigir-se ao campo, onde podia estar em contato com honestos camponeses. "Êles não falam tão bem como nós, mas nós não procedemos tão bem como êles".

Finalmente, retirando-se das jactanciosas atividades da côrte Madame de Maintenon decidiu criar uma escola para moças — filhas de oficiais do exército que tivessem perdido a vida nas guerras régias; uma instituição em que as jovens seriam educadas nos princípios morais e religiosos, sendo aos vinte anos contempladas com um marido.

— E' uma obra tão meritória!

O rei, que não sabia recusar nada à sua espôsa, empregou mais de um milhão de libras na construção da escola em Saint-Cyr. Quando ela ficou pronta, êle reservou um pavilhão para si no pátio principal, mandando que as jovens rezassem por êle quando seus exércitos sofressem uma derrota, e lhe entoassem cânticos quando alcançassem uma vitória. Mas as estudantes deviam viver por trás das altas paredes ignorando completamente o mundo até os vinte anos.

— Meu desejo é que as internas de Saint-Cyr odeiem o mundo e amem o Estado — anunciou o presunçoso rei.

Nessa escola a capacidade de Madame de Maintenon para ensinar as crianças foi bem aplicada. Saint-Cyr tornou-se a "academia da moda" na França. As alunas, instruídas na arte do adôrdo, da cortesia e da boa conversação, apresentavam um espetáculo mais elegante mesmo do que o do palácio de Versalhes. O escritor cortesão Racine, de cuja pena fluíam versos clássicos em catadupta, foi solicitado a escrever uma peça para as jovens de Saint-Cyr. E compôs um excelso drama com um tema bíblico: a história de Ester.

A representação foi um sucesso. "M. le Prince comoveu-se até as lágrimas; o rei aplaudiu a todo o momento e não falou de outra coisa durante a ceia". Pobres e tôlas crianças grandes! Quanto às crianças menores de Saint-Cyr, sua glória foi de curta duração. Sob pressão da Igreja — "a representação teatral não é uma ocupação apropriada para jovens" — Madame de Maintenon transformou a academia para moças numa comunidade para freiras. As professôras professaram os votos de Santo Agostinho, e as jovens trocaram suas representações pelas orações.

E dêsse modo terminou aquilo que devia
Ser a realização de uma atraente fantasia.

VI

Uma espôsa fiel deve acompanhar seu marido na glória mesmo através de um inferno de dificuldades. Em várias das campanhas militares do rei, Madame de Maintenon seguiu o exército numa carruagem, festejando enquanto os soldados combatiam. "A batalha ganha na Itália", escreve madame durante a guera com o Duque de Marlborough, "faz com que eu vista meu traje fino; se Barcelona fôr conquistada eu me vestirei de verde; e de côr-de-rosa se o arquiduque fôr feito prisioneiro".

Tudo isto é encantador. Mas nem uma palavra a respeito dos soldados anônimos que alcançam as vitórias do rei. E que acontece quando os exércitos do rei começam a ser vencidos? *Então* os soldados anônimos arranjam logo um nome para si mesmos. *Idiotas!* "Deveríamos ter percebido que o rei Luiz não é protegido de Deus. Desde que êle subiu ao trono é uma guerra atrás da outra. Morremos sem um queixume para dar triunfos a êle. Mas agora êle não triunfa mais". Até Madame de Maintenon com sua piedade perde de súbito a fé. Será que Deus não é francês?

Mas ela se tranqüilize. O rei afinal faz a paz com Marlborough, perde um pequeno território e o orgulho, mas conserva o seu trono. E a vida continua em Versalhes, como antes, em alto estilo.

Um dia, no entanto, quando madame passeia pela cidade de Paris na sua carruagem, o povo privado de tudo amontoa-se em tôrno dela com um estranho e ameaçador olhar; um olhar que só falta falar. Irá êle desabafar depois de séculos de silêncio? Há um momento de inquietação em que ela sente que sua vida está em perigo. Vociferam-lhe o nome em côro. Essa é a mulher cujo fausto perdulário os deixou sem pão. Essa é a mulher a cujas ordens os maiores engenheiros do reino tentaram desviar o curso de um rio para que êle pudesse alimentar mais fontes em Versalhes — e um milhar de homens foram esmagados por êsse esfôrço!

Mas ninguém molestará madame nêsse dia. Ela protesta sua inocência. Vários anos mais tarde uma outra mulher, muito menos afortunada, vai do mesmo modo protestar sua inocência; e será conduzida de carrêta para a guilhotina. A desgraçada rainha Maria Antonieta, porém, usava um colar cintilante ao passar pela populaça fa-

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua cor natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE JOÃO PESSOA

Recebemos o primeiro número da revista que a Associação Comercial de João Pessoa, Paraíba, acaba de lançar. Aliás, não se trata de iniciativa propriamente nova e sim de uma segunda fáse. A revista, de caráter técnico, se mostra bem feita, cheia de elementos informativos muito interessantes, apresentados ao leitor através de artigos, notas, estatísticas e quadros inteligentemente orientados.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

"Êle" depende da Sra...

e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



mínta de Paris. Madame de Maintenon, modêlo de astuta piedade, usa um modesto vestido preto.

VII

"Não há criada de cozinha que não se julgue capaz de governar uma nação", disse um francêz cínico. Madame de Maintenon, todavia, espantou até os franceses. Aos cinqüenta anos casou com um rei voluptuoso de quarenta e seis e conservou o amor dele por trinta anos, quando mulheres mais belas e mais jovens do reino o conservaram com dificuldade por trinta noites. Aos sessenta, "com dores em tôdas as articulações", dançou em bailes de máscara e tomou parte em caçadas. Aos setenta, perdeu a vista, o ouvido e os dentes, embora "se divertisse inocentemente" nas gôndolas régias. Quando os violinos soavam em Versalhes, ela murmurava entre as suas modôrras:

— Sou um esqueleto ambulante.

Aos oitenta acompanhou o rei na sua carruagem de três parelhas, em que êle passeou loucamente como que para afugentar seus setenta e seis anos. E através de tôda essa vida ativa escreveu alguns dos mais espirituosos epigramas na história da literatura francêsa. Enfim, agora queria ficar só, descansando no seu castelo de Maintenon e observando as necatarinas maduras nas latadas. Que escárnio de uma grande paixão para um organismo decadente apresentar-se com fausto, ajustar-se aos caprichos de um rei!

Mas permaneceu em Versalhes, porque resolvera dedicar-se à "sagrada missão" de converter a Deus o rei moribundo. Se Luiz só era capaz de aprender a amar a religião através de seu amor por uma mulher religiosa, então que assim fôsse. "A mulher é a eterna salvadora do homem".

Ela parecia um fantasma que se arrastasse "de cama em cama, de alcova em alcova". Nas horas de tortura do rei, lia-se a Bíblia. Não há criança mais digna de lástima, nem criatura mais precisada de salvação, do que um homem que é senhor de todos mas não de si mesmo. Quando êle se achava à beira da morte, sussurrou para ela:

— Que será de ti? Não tens nada!

Ela fêz o sinal da cruz e respondeu:

— Eu não *sou* nada. Um simples pensamento de Deus.

Retirou-se para Saint-Cyr. O papel que desempenhara estava terminado. Começara-o no luto da viuvez; completava-o no luto da viuvez. Havia trinta anos o pano subira quando ela enterrara um poeta. Agora êle caía quando ela enterrava um rei. Apenas riu um pouco quando os coveiros descansaram.

Quando o Czar Pedro, numa excursão através da França viu-a em seu leito de morte, perguntou-lhe solícito:

— De que está morrendo, madame?

— De rir — respondeu ela.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE MADAME DE MAINTENON

1635 — Nasceu na prisão, em Niort.
1645 — Foi educada num convento.
1654 — Casou com o poeta inválido Scarron.
1669 — Tornou-se governanta dos filhos ilegítimos do rei Luiz XIV.
1675 — Recebeu de Luiz XIV dinheiro para comprar uma propriedade, e o título de marquesa de Maintenon.
1685 — Casou-se secretamente com Luiz XIV.
1686 — Fundou em Saint-Cyr uma escola para órfãs da nobreza.
1719 — Morreu no covento de Saint-Cyr.

CEM VÊZES ELA...

(Cont. da pág. 15)

Só pudemos olhá-lo e pensar por que não fazia o mesmo. Qual a razão que o impedia de fazer.

São essas coisas. Mania de menosprezar o feito dos outros.

— "Realmente, Ada é um pouco voluntariosa — prossegue — e eu talvez me esteja excedendo. Veja como exige poses para ser fotografada!"

Olhamos Ada e notamos naquele instante o esfôrço do fotógrafo para convencê-la de que não se deixasse retratar de bonèzinho azul de jóquei.

— "Ah, assim não! Vai parecer mais um jóquei que aviadora."

E pegamo-la distraida, limpando a roupa.

— "E' natural — retrucamos — tudo isso, como compensação de seu esfôrço."

Ada vai dar seu centésimo salto daqui a instantes.

Os dois aviões, com ela e um instrutor (o Tavares, que está com o Sabino lá no alto), fazem volteios, equiparam-se e distanciam-se. Estão sobrevoando o aeroporto de Manguinhos.

E' no Brasil a primeira pessoa (entre homens e mulheres) que completa uma centena de saltos de pára-quedas.

Arrôjo como se vê, não lhe falta. Coragem estranhável, tanto mais quando se vê Ada Rogato trajando um vestido, o que para nós é cotidiana indumentária. Para ela não deve ser. Será, talvez, o macacão depilotagem ou salto.

Perfeitamente mulher e feminina. Pleonasmo desculpável, pelos dias de hoje, onde os travestis reais ou simbólicos são tão comuns.

Os mais banais quesitos de vaidade feminina se lhe encontram. Maquila-se, vai ao cinema, gosta de música clássica, toca piano, pinta, não fuma nem bebe, gosta de literatura — especialmente Machado de Assis e Eça de Queiroz — quando pode ler; e espera um príncipe encantado — ou melhor alado. Porque Ada deseja para espôso um homem que não lhe corte o destino de voar, que não lhe impeça o desejo de prosseguir no que vem há anos executando: pilotagem e pára-quedismo.

— "Consegui, após o abandono de inúmeras vaidades, juntar um pequeno pecúlio e comprar meu "teco-teco". E na idade de quatorze anos."

E' bem sugestivo, não resta a menor dúvida.

Quisemos saber mais pormenores daquele assunto. Ada sorri e tapa o rosto como menina envergonhada.

— "E' que geralmente o homem tem ciúmes quando gosta ,e, pode querer impedir, como sei de casos, que sua noiva voe com um instrutor sòzinha, surgindo brigas por isso. O que não acontecerá se êle também fôr pilôto, porque compreenderá o esfôrço que faço e não irá impedir que se cumpra meu destino."

—"E você não estêve noiva ou coisa parecida?"

— "O senhor é um pouco indiscreto, hein?"

— "E' a profissão."

— "Tive alguns namorados, mas foram coisas passageiras. Ainda não pensei sèriamente no caso."

Ada iniciou-se nos saltos de pára-quedas há dez anos, em Cumbica (São Paulo) de uma altura de mil metros em 29 de novembro de 1940. Quase dois anos depois houve o salto noturno na Bahia de Guanabara, o que muita gente deve se lembrar. Coisa inédita não só na América do Sul como no mundo, pelas caracteristicas que apresentou: um salto para demonstração, noturno e luminoso, onde participaram cinco rapazes e u'a moça, que foi Ada Rogato.

Em 25 de janeiro de 1945, no Campeonato Brasileiro, alcançou o primeiro lugar de moças, sendo recordista do Campeonato, entre tôdas as classes. Isto porque teve a melhor aproximação do circulo demarcado como o ponto ideal de queda. Até hoje é possuidora do titulo. Não houve outro campeonato.

Levantou ainda o Campeonato Paulista de Pára-Quedismo.

Já realizou inúmeros saltos no estran-

UM ROSTO MARCADO

(Cont. da pág. 36)

deu-se em conjecturas; achou apenas uma explicação. Tentou refutá-la porque era horrivel. Mas ela voltava-lhe tenaz, persistente. Anselmo estaria louco?

★

— Perdoa-me, querida.

Havia em sua voz profunda tristeza.

Marcélia fitou-o longamente, perscrutando-lhe o espirito. Êle compreendeu a significação daquele olhar, e como resposta à pergunta que lhe faziam, baixou a cabeça. Teve que o interpelar de viva voz.

— Que se passa contigo, meu bem?

Anselmo ergueu-se. Enfiou as mãos nos bolsos. Pôs-se a andar de um lado para outro.

— Não sei explicar; e tu não me compreenderias, por certo.

Foi até à janela que se abria sôbre o jardim. De costas para a mulher, disse em tom velado, abatido:

— Nosso casamento foi um êrro.

O desânimo que se lhe emanava da voz fê-la erguer-se, também. Aventurou a pergunta que temia formular.

— Estás doente?

— Sim — respondeu com certo embaraço.

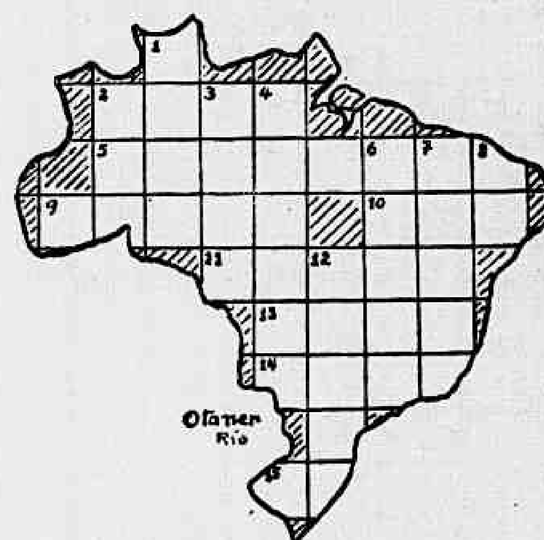
Então, era aquilo! Estava doente, por isso horrorizava-se à possibilidade de um filho. Aguardou o resto da confissão.

(Cont. no próximo número)

PALAVRAS CRUZADAS

PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 20

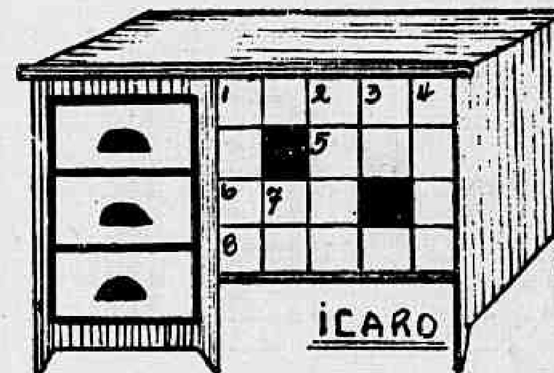


HORIZONTAIS: — 2. Um dos Estados do Brasil — 5. Grande rio do Brasil — 9. Fio metálico — 10. Vazio — 11. Venera — 13. Lavras — 14. Titulo abissinio — 15. Ali.

VERTICAIS: — 1. Lôdo — 2. Divisivel por dois — 3. A folhagem das plantas — 4. Tornar azêdo — 6. Feminino de genro (pl.) — 7. Mau cheiro (pl.) — 8. Isolado — 12. Rezara.

PROBLEMA Nº 20

PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Fato velho — 5. Partes mais duras da madeira — 6. Mau-humor — 8. Engano.

VERTICAIS: — 1. Objeto de discussão — 2. Enfezado — 3. Espécie de esturrinho — 4. Valente — 5. Homogêneo.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

★

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Erram — Odiará — Cimbas — Alaor.

VERTICAIS: — Edil — Rima — Rabo — Arar — Más.

★

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Casal — Amima — Ló — Ar.

VERTICAIS: — Cal — Amo — Si — Ama — Lar.

★

Colaboração e correspondência para REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

geiro, dentre êsses, três no Paraguai, dois na Argentina, dois no Chile e três no Uruguai. Sendo que, no primeiro e no penúltimo, foi a primeira moça que se jogou de pára-quedas.

Até de helicóptero, Ada já saltou. Foi em 6 de março de 1949, na cidade de Barretos em São Paulo, de uma altura de 1320 metros.

Ada Rogato no pára-quedismo já fêz quase tudo, pulou de grandes como de razas alturas. De 1320 a 200 metros. De aviões de grande porte a minúsculo "teco-teco" — de Douglas C-47 até o "Paulistinha". Atualmente, com duas mil horas de vôo é a possuidora do "brevet n. 1" por ordem cronológica e primeira aviadora brasileira a receber a Ordem do Mérito Aeronáutico.

O aeroporto de Manguinhos, na gestão do atual diretor, é um deserto dominical. O bar fechado, alguns aficionados do esporte aeronáutico e curiosos, por lá andando, sem assistência e bombeiros que ajam com presteza. Àquele dia se incendiara, na pista, um avião. E os pilotos tiveram sorte em deixar o aparêlho antes que o mesmo pegasse fogo integralmente.

Ada já desceu do avião que pilotava e vai preparar-se para o salto.

Arruma o pára-quedas e ganha o ar novamente em seu aparelho Brasileirinho CAP-4, pilotado por Busquet.

Anteriormente, em palestra conosco, marcara o local em que mais ou menos cairia.

Já bem alto, lança um pequenino pára-quedas alaranjado que vai cair mais ou menos no lugar em que nos encontrávamos.

Venta forte e são cinco e trinta da tarde. U'a mocinha vem correndo e grita para não mexermos no "sonda". Chega até êle, levanta-o e o agita. Está marcado o local e, num raio de cem metros, como nos dissera, Ada deveria cair.

O aparelho faz mais um grande círculo em tôrno do campo e nota-se um minúsculo ponto branco dêle desprender-se e cair vertiginosamente. Logo após, abre-se um pára-quedas. E, mais perto do solo, o segundo. Dentro do raio imaginário de cem metros Ada Rogato cai, ilesa, completando seu centésimo salto de pára-quedas.

Cumprimentada por nós e pelos colegas, desfaz-se do aparelho de sêda pura. Caminhamos um pouco mais e solicitamos de Ada Rogato que descrevesse o salto que chegou à casa da centena.

— "Foi realizado na altura de 400 metros, devido ao vento, aproximadamente a 18 quilômetros por hora. Ao atingir àquela altura joguei um pára-quedas-sonda de côr amarela, para maior visibilidade, que tem um pêso de 400 gramas, equivalente proporcionalmente sua descida ao de uma pessoa de 75 quilos. Êste pousou no centro da pista confirmando o meu cálculo, em face da velocidade reinante do vento, e, assim sendo, após fazer uma volta em tôrno do campo preparei-me para o salto, ficando na porta do avião.

Com a mesma direção que foi lançado o "sonda", fiz também o meu lançamento no espaço, e, notando vento forte, fiz "glissadas" (é uma defesa do pára-quedas, sabe?)."

Não sabiamos, como é natural. Notamos, porém, que Ada Rogato fazia esfôrço a fim de o pára-quedas tomar o rumo desejado.

A praia ali estava ao lado, lodosa, esperando. Mais um pouco, uma rajada de vento mais forte e ela cairia no mar, inapelàvelmente.

Prossegue então Ada satisfeita em sua descrição:

— "Ao chegar mais ou ou menos aos 200 metros abri o segundo pára-quedas, para amenizar a descida ao solo, o que também dá um efeito mais bonito aos que estão assistindo. A minha chegada foi, como havia previsto, num raio de cem metros, como a do "sonda". O pára-quedas que usei foi um "Irvin", comandado no espaço, de 28 pés, e, o de emergência, de 24 pés."

— **"Mas, e a contagem para o pulo; os cálculos para a chegada; a maneira de saltar, enfim, a técnica do salto por você aplicada?"**

— **"Ah, isso eu consegui depois de muito esfôrço e experiência. Ninguém me ensinou. Há muita gente esperando que revele o que faço para saltar. Custou-me muito tempo para aprender."**

Coisas de pára-quedista que pula cem vêzes...

NA CASA DE ROMÃO DUARTE

(Cont.t da pág. 7)

medicina, etc., provando que quem faz o homem é o meio, a educação e a instrução. Amparando as criaturinhas desde horas de nascidas; às vêzes até o fim de suas existências, o que seria delas se não tivessem encontrado abrigo, se fôssem deixadas expostas à chuva, ao sol e ao vento, nas escadarias das igrejas, nos portais dos palacetes, na grama dos jardins? Mesmo que escapassem a êsse primeiro contacto realista com a vida, por certo seriam inutilizados para a vida social pela cegueira da ignorância e pelos maus instintos da origem. A freiras do mesmo quilate da Irmã Filomena é que devemos terem sido salvas em 212 anos de funcionamento da Casa dos Expostos, quase 60 mil crianças!

Essa Casa, denominada agora Fundação Romão de Matos Duarte, em homenagem a seu fundador, é a pioneira das instituições criadas em nosso país, para proteger a criança desvalida, e a que maior número abrigou. Contar como nasceu e como progrediu é o mesmo que folhear as páginas da nossa história colonial, saber como se vivia no Rio da primeira metade do século XVIII e dar valor a uma iniciativa filantrópica surgida numa época em que muito pouco valia a vida humana. No folheto que escreveu sôbre a personalidade do fundador da Casa, Escragnolle Dória dizia, e nós aproveitamos-lhe as frases, que "o Rio de 1738 devia ter uns 20.000 habitantes e que a cidade pròpriamente dita era o espaço compreendido entre o mar, os morros do Castelo e São Bento e a célebre vala.

Ia do brejo e do campo de Santo Antônio (largo da Carioca) até a Prainha. A principal avenida era a Rua Direita ou da Cruz (1º de Março). Aí residia, com tôda a majestade do representante d'El-Rey, o Governador da Capitania, Gomes Freire de Andrade, entre a Alfândega e o Trapiche da cidade. Entre o morro de S. Bento e a rua Direita estendia-se a planicie, onde o mato vicejava e os pântanos esverdeavam. A igreja do Rosário e a rua dos Andradas eram fora de portas, espécie de subúrbio semi-deserto. Seguia-se o caminho do Destêrro, hoje Evaristo da Veiga e o do Matacavalos, hoje Riachuelo. Além do Governador, representante de D. João V, o bispo era a maior autoridade, Frei D. Antonio de Guadalupe, franciscano. Depois, a sociedade era formada pelos juizes, militares, sacerdotes, monges das várias espécies, religiosos e negociantes. Como tôdas as sociedades humanas, em tôdas as épocas, a do Rio em 1738, se regia pela fome e pelo amor. Êste nem sempre era satisfeito conforme mandava a Igreja. À produção da espécie se operava fora dos lares legitimos".

E continua dizendo que os auxilios oficiais aos enjeitados eram insuficientes, até que aos 14 de janeiro de 1738, no consistório da Santa Casa da Misericórdia, o Provedor Manoel Corrêa Vasques declarou que Romão de Matos Duarte oferecia 32.000 cruzados para criação dos meninos enjeitados. Em fevereiro do mesmo ano, Ignácio da Silva Medella oferecia perto de 25.000 cruzados para o mesmo fim. A 17 de janeiro era recebido o primeiro menino que Romão Duarte adotou, recebendo-o em sua casa. Os outros enjeitados eram criados numa dependência do Hospital Velho, isso até 1811, quando receberam sua primeira Casa oficial, no terreno dado pelo Tenente José Dias da Cruz, perto do dito hospital. Daí passou para a atual rua Evaristo da Veiga, perto do quartel de Barbonos. Em 1906 foi para um prédio provisório na rua Senador Vergueiro e em 1910 instalou-se definitivamente na sede própria da rua Marquês de Abrantes. A 2 de fevereiro de 1754 falecia Romão Duarte. Seu túmulo perdeu-se. Sòmente em 1854 foi a administração interna da Casa entregue às Irmãs de S. Vicente de Paula. A partir de 1840, existem nos arquivos os "Cadernos Mensais" em que eram registrados todos os caracteristicos das crianças acolhidas, o que hoje é feito por meio de fichas. Comemorando o segundo centenário da fundação, mudou-se o nome de Casa dos Expostos, para o atual, em homenagem ao fundador e também para não criar complexos usando o têrmo "expostos" às vêzes em tom pejorativo. Êsse o resumo dos acontecimentos principais na vida da centenária Fundação, devida à generosidade de um homem bom do século XVIII, em cujo testamento lê-se textualmente que "nunca fui casado, nem tenho herdeiro forçado que por direito herde a minha fazenda". Nascido na Freguesia de S. Romão de Carvalhosa, Conselho da Santa Cruz de Riba Tamega, arcebispado de Braga, foi um dos muitos portuguêses que vindos ao Brasil aqui viveram e morreram, deixando para as obras de caridade a maior parte de suas fortunas. Só não constituiu familia, talvez por isso tenha decidido ser pai não apenas de filhos seus, já que não os teve, mas das muitas crianças que, apesar de os terem, não os conheciam todavia. Tornou-se o pai dos sem pais, que agradecidos o lembrarão enquanto existir a sua Fundação.

CHUVA DE CANDIDATOS

(Contt. da pág. 3)

que tomba entre individuos muito pouco dispostos a içá-lo outra fronteira...

E então, dessa meditação, dêsse recolhimento prenhe de reflexões, que é a larva da amabilidade, surge o candidato, a criatura aparte, o ser excepcional com a vida regular de três meses. Cada um dêles é um modêlo de democracia capaz de meter no buraco de um dente Jeffersson e José Bonifácio; cada um dêles é uma fonte de sorrisos, uma floresta de abraços, um fonógrafo de frases amenas.

E' preciso cavar a vida, é preciso o conjunto, a coperação geral, é necessário o sindicato de simpatia que o atire por mais três anos à cadeira consoladora. O mêdo, a prudência, o temor fazem ver utilidades nas menores coisas, nos tipos mais insignificantes. Fulano é repulsivo, mas pode votar:

— Oh! meu caro sr. Fulano!

Aquêle rapazinho que vai por ali é repórter e sempre passou despercebido, mas pode dar noticia da reunião politica com um adjetivo:

— Ora, eu que ainda não o conhecia pessoalmente! Já perguntei várias vêzes de que jornal era o sr., tão simpático me parecia...

O ministro influente, apesar da oposição, ainda não tem a lista dos candidatos completa, e adora tanto o bilhar como o elogio. Elogiemo-lo e sigamos para a sua residência a perder carambolas de parceirada.

Os operários acreditam ainda em patranhas:

— Sr. presidente. Tenho a apresentar neste momento um projeto da mais alta importância, para o qual peço a atenção dos meus pares. Êste projeto aumenta os vencimentos do operário, torna-o vitalicio, dá-lhe festas todos os fins do ano e diminui-lhe as horas de trabalho. O problema operário na Europa...

E o sr. Nelva pela milésima vez:

— Eu comecei tipógrafo.

E o sr. Herédia, pondo o lenço como colchão para o suor, entre o colarinho e o pescoço:

— Peço a palavra. Com êste calor torrencial, os operários ao sol...

Como não há duas borboletas perfeitamente iguais, não há dois candidatos exatamente idênticos no exaustivo esporte de se fazer eleger. Os processos variam. Uns tornam-se reclamistas. Abrem a bôlsa e os jornais os dão como os protetores da pobreza, os pais da miséria, o cérebro genial donde partirá o equilibrio financeiro. Outros escolhem as atitudes prudentes, exibem grandes esforços de dedicação, frases de quem neste febril século de velocidade assiste o fim do mundo dispostos a chorá-lo. Outros ainda se fazem lembrados bonancheirosamente como amigos intimos que chegam quando a sopa já vai para a mesa. Há candidatos prováveis, triunfantes, timidos, ousados, tristes, alegres, até candidatos cuja pose é deixar de o ser, como o nenioso bardo sr. Eduardo Ramos a pessear a sua face resignada pela rua, para que ao menos se diga em tom de pena e censura à Bahia:

— Pobre do Eduardo! Desde 1897, e agora não vem mais!

De modo que se pode classificar os candidatos por côres. Há o candidato branco, o rosa, o rubro, o amarelo, o lilás, o alaranjado, o roxo, o prêto, até mesmo quando não se trata do dr. Monteiro Lopes, o salmon, o verde... E cada um, conforme a sua côr, faz surgir em tôrno uma vegetação de parasitas que o explora e o embaça, a vegetação que é o Grande Eleitor — cabalistas, mulatos, vagabundos, sujos relapsos, sujeitos ociosos de fato no fio e vida excusa, capoeiras sinistros, que deixam as ruelas de má fama, as baiucas de monte e trinta-e-um para aparecer na grande obra da mistificação, inventando provocações, organizando reuniões politicas, mostrando no "Diário" volantes fantásticos para agarrar o candidato na rua, ir-lhe à casa, sugá-lo por todos os modos, até não poder mais.

Dinheiro e Eleição: é esta a senha,
Aquêle o Santo... que mais faz milagres.

Os candidatos! Louvemos êsses cavalheiros que a última lei eleitoral conseguiu quadruplicar assim como os votos. Com êste calor, êste ar abafado, estas chuvas de verão, a Feira da Salvação é uma alegria para a cidade. Por ela perpassam verdades augustas e profundas. Fica a gente sabendo que o país, à beira do insondável abismo, no qual se conserva perfeitamente desde que Pedro I fêz um império dizendo: "fico", tem dispostos a salvá-los verdadeiras avalanches de patriotas, fica o mundo certificado que quanto às idéias, raro são os que pensam e abundantes os que abandonam a carga por inútil. Mas a civilização sorri, porque durante três mêses, por estas ruas de S. Sebastião habitualmente tão mal-criadas, avulta o número das pessoas delicadas, mais uma vez demonstrando que o sistema representativo pode tudo, mesmo polir os futuros pilares do poder legislativo, até o dia em que assentam a base.

Candidatos! Chuva de candidatos! Quando será a cidade inteiramente candidata?

A SAÚDE DO BEBÊ

DISTÚRBIOS GASTRO-ENTÉRICOS DEVIDOS À "CONSTITUIÇÃO" DO LACTENTE

DR. SABOIA RIBEIRO

SE ao pediatra fôr perguntado quantas vêzes deve o lactente evacuar por dia, e qual a coloração e a consistência normal das evacuações, eis uma pergunta que o fará embaraçado e sensatamente muitos responderão apenas — "não sei".

De fato é a pura verdade que as dejeções consistentes, pastosas, amarela, côr de ouro, sem catarro, lançadas uma a duas vêzes nas vinte-e-quatro horas, não é regra absoluta, senão que, na prática, sofre desmentidos a cada passo.

Na maioria das vêzes a evacuação frequente correrá por conta de uma exagerada sensibilidade das mucosas e da enervação do intestino; dêsse modo, restringir o número das mamadas, encurtar a sua duração, ou enfraquecer o leite, juntando-lhe água, também isso, poderá ocasionar prejuízos à criancinha, refletindo-se, de imediato, na diminuição de seu próprio pêso.

Ora, tanto não é o leite (e muitas vêzes o próprio leite materno, *o melhor dos leites*) que é o causador da desordem, que outra criança se poderá dar às mil maravilhas com êsse *mesmo* leite, o que prova, sem dúvida, que o defeito não está no leite, e sim na criança.

Embora incriminado o leite, errôneamente em todos êsses casos, os distúrbios são devidos, exclusivamente, à "constituição" da criança, em cuja ascendência vamos rastrear, a miúde, a asma, a gôta, a obesidade, o diabete e as desordens nervosas, ou a sífilis, a tuberculose, o alcoolismo, a escrufulosa.

De fato, as crianças portadoras dessas perturbações padecem de uma anomalia, mais acentuada numas, menos noutras, que corresponde, ora à *diátese neuropática*, ora à *diátese exsudativa*.

1 — Na *diátese neuropática* temos diante dos olhos o tipo da criança de difícil criação, *um verdadeiro revolucionário* no dizer de Chiaffarelli. Como reconhecê-la? De múltiplas maneiras, e já desde as primeiras horas ou dias a criança neuropática se revela aos olhos do bom observador.

"Ao passo que a criança normal se conserva imóvel na sua cama, dormindo calmamente a maior parte do dia e tôda a noite, e não se manifesta senão raras vêzes, mesmo acordada, o lactente nervoso se vive torcendo e espremendo, atirando-se de um lado para o outro, solta pequenos grunhidos, ora cacarêja, ora soluça, desanda, sem motivo aparente, em um chôro contínuo de irritação, bem diferente, para o ouvido aguçado do pediatra, do pranto da criança doente e dolorida, esperneia continuamente, esfrega as mãos nos olhos, enfia os dedos na bôca e suga frenèticamente na sua chupeta.

Ao menor ruído, um abalo de tosse, o longínquo bater de uma porta, uma palavra mais alta, estremece, assusta-se, executando verdadeiras acrobacias. Os seus músculos encontram-se em contínuo estado de contração, cada membro é teso e duro, os seus movimentos são angulosos e descontrolados, êle estranha a claridade exagerada e a escuridão da noite. Ataques de gritos, pavores noturnos, convulsões, mêdo das pessoas ou objetos estranhos são frequentes."

Essas palavras de Chiaffarelli debuxam com grande poder piciórico os modos e as atitudes da criança neuropática.

Tais crianças são frequentemente sujeitas aos vômitos, à prisão de ventre, à *diarréia verde*.

Sempre que tais manifestações surgem numa criança com aquelas características, cumpre estar prevenido em relação a desordens meramente funcionais, de natureza *constitucional* da criança.

As desordens da criança neuropática alcançam por vêzes um tão alto grau de desenvolvimento, que alguns pediatras falam, mesmo, em uma *neurose abdominal*.

Os lactentes nervosos são, na generalidade, *aerófagos*; daí eructações, e vômitos muito fáceis, de observação tão frequente.

Há, habitualmente, nêles, uma superexcitabilidade da enervação de seu aparelho digestivo, a que já aludimos acima, e graças à qual se deve uma exageração do peristaltismo determinando o aumento do número de evacuações no correr do dia, havendo hipersecreção de muco do intestino, que vem misturado às fezes. Com a passagem mais ou menos rápida das fezes, através do tubo intestinal, isso não permite uma oxidação conveniente da *biliverdina*, com transformação em *bilirubina*. Eis o que faz a chamada *diarréia verde*, que deve ser encarada, antes, como um modo de ser do organismo da criança, e um dos sinais da diátese neuropática.

A prisão de ventre, que se encontra, vez em quando, nessas crianças, tem sua explicação nos espasmos que, aqui e acolá, se constituem no intestino, devido à pressão exagerada, produzindo reflexos neste, de gases acumulados acima dos pontos espasmados; então, aí também se acumulam as fezes, represadas ante o obstáculo do espasmo, trazendo a montante a distensão das alças intestinais, fazendo o ventre tenso e dolorido, sujeito a cólicas.

O vômito do bebê neuropático é, por seu turno, bastante frequente; não nos referimos tanto à simples golfada, após as mamadas, sem repercussão sôbre o estado de sua nutrição, porém, à expulsão do alimento em massa, com violência, privando a criança de seu alimento com reflexos sôbre o pêso. O desnutrimento do bebê é sempre um dado importante para o diagnóstico do vômito verdadeiro, servindo para distinguir da golfada, da regurgitação e da ruminação, em que escorre o alimento pelos cantos da bôca ou sobe até esta e vai depois novamente deglutido, em prejuízo, porém, no bom desenvolvimento e estado nutritivo do bebê. Daí o conceito, conforme o qual — "criança que vomita e prospera, não tem importância". O que, no vômito do bebê, cumpre apurar, de logo, é se se trata de *espasmo do piloro* (piloro-espasmo) ou *estenose hipertrófica congênita do piloro*.

Quer num quer noutro caso observam-se muitas vêzes, na região epigástrica, contrações que se dirigem do cárdia ao piloro — as chamadas *ondas peristálticas*. Todos êsses vômitos são, por sua natureza, precoces, ocorrendo, já, nos primeiros (Cont. na pág. 46)

Mães carinhosas...
e previdentes

confirmam com orgulho:

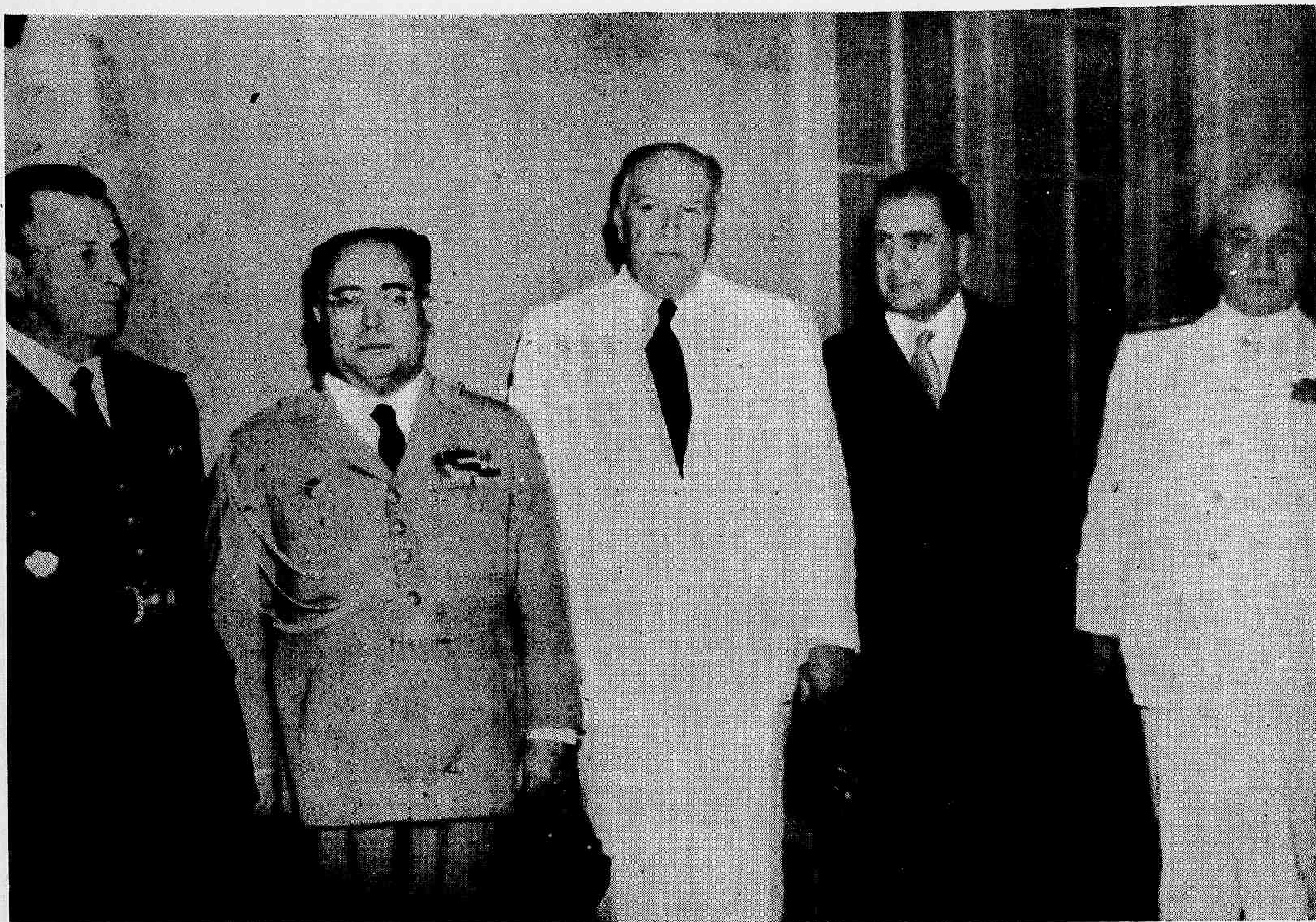
para as crianças do Brasil
só o TÔNICO INFANTIL





Tudo que o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do **TÔNICO INFANTIL!** Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: **TÔNICO INFANTIL!**

O único de fórmula especial para crianças



Grupo feito durante a homenagem prestada pelo Jockey Club Brasileiro ao general Zenon Moriega, vendo-se o ilustre homenageado, o general Canrobert Pereira da Costa, o brigadeiro Armando Trompowsky, o dr. João Borges Filho e o almirante Sylvio Noronha.

SOCIAIS DO JOCKEY CLUB

HOMENAGEM AO MINISTRO DA GUERRA DO PERU

JÁ constitui uma tradição nos hábitos da nossa grande sociedade turfista, sempre que aqui aporta uma personalidade estrangeira, prestar ao ilustre visitante as mais carinhosas homenagens. Ainda agora assim aconteceu com o sr. ministro da Guerra do Perú, general Zenon Moriega, que veio representar o seu País nas festas comemorativas da nossa Independência. No domingo, dia 10, o Jockey Club Brasileiro homenageou de maneira especial o embaixador da amizade peruana, fazendo correr um páreo com o seu nome, na distância de 2.000 metros, o qual foi ganho pela egua platina Elite. Antes de corrida essa prova, a diretoria e corpo social do Jockey Club, ofereceram, no Hipódromo, um almoço ao general Zenon Moriega, estando presentes os srs. ministros Canrobert Pereira da Costa, Armando Trompowsky e Sylvio Noronha, das nossas pastas militares, elementos da colonia peruana aqui radicados, senhoras e senhoritas da nossa alta sociedade. Foi uma festa de cordialidade e confraternização continental, que serviu para estreitar mais ainda os laços de amizade existentes entre o Brasil e o Perú.





Dois aspectos do almoço oferecido ao general Zenon Moriega, ao qual compareceram diretores e associados do Jockey Club, elementos da colônia peruana, senhoras e senhoritas.









Nas duas fotos de cima: — Dois flagrantes da Tribuna de Honra do Hipódromo, tirados durante a reunião do dia 10. num dos quais está o general Zenon Moriega. Nas duas fotos seguintes, vê-se outro aspecto do almoço e um da pelouse. Na fotografia de baixo, reproduz-se ainda outro momento do elegante ágape, com que foi homenageado o sr. ministro da Guerra do Perú.



SALVA PELO AMOR





















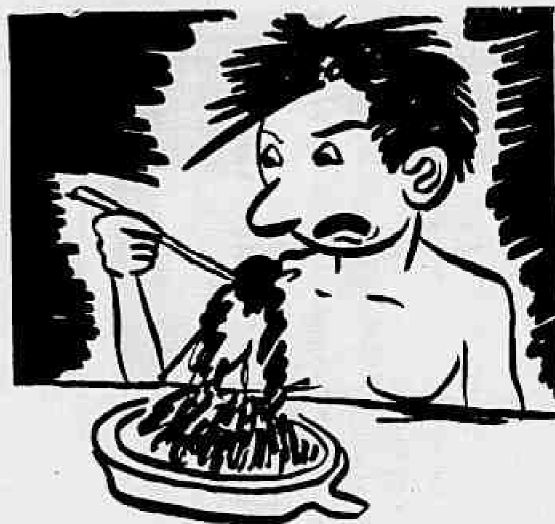




QUEM TERIA MATADO KIRK? SERIA SUICIDIO?

TUDO ISTO ACONTECEU

PREFERIA ENGOLIR MAIS...



Dizem os dietéticos e nutriciologistas que o espinafre é rico em princípios nutritivos, vitaminas de várias letras, fácil digestão, contendo vários sais necessários ao corpo humano, especialmente quando se trata de gente miúda. Acontece, porém, que o sabor do espinafre não é lá muito bom, e os meninos de ambos os sexos resistem tenazmente à sua ingestão. Quem quiser ver criança de cara feia, bote espinafre em seu prato. Por êsse motivo um negociante dessa hortaliça organizou a famosa campanha com Popeye. Êsse marinheiro começou em quadrinhos em revistas e jornais e terminou no cinema. Suas aventuras são muito admiradas pela garotada. Popeye é invencível. Tem uma fôrça muscular inacreditável, agilidade do pensamento, faz prodígios, mas tudo isso ligado à ingestão de espinafres. Quando precisa vencer, há sempre uma lata de espinafre ao alcance de sua mão. Logo que o conteúdo é despejado na bocarra, lhe chega imediatamente uma fôrça e um poder de combate misteriosos e insuperáveis. E' o efeito rápido do espinafre... A meninada vê isso na tela, empolga-se e os pais acham que está na hora de aplicar a "espinafração" nelas. Quando alguma chora e fecha a bôca opondo-se a tal alimento, dizem êles, os pais: "Você não quer ficar como o Popeye? Então coma espinafre". Mas o menino de hoje já nasce conhecendo tôdas as "fitas". E não se rende. Em Los Angeles, porém, se deu um fato curioso. O garôto Corky Kittermann, de dez anos, inadvertidamente, engoliu um alfinête de gravata. Para evitar a operação, os médicos, depois de verificar que o objeto estava no estômago com a pérola para baixo, deram ao paciente uma dieta de espinafre, afim de que essa comida fizesse uma espécie de invólucro em tôrno do alfinête e êste fôsse expelido normalmente. Mas o menino teria preferido comer uma dúzia de alfinêtes...

ONDE ESTÁ O TESOÙRO?



Todo mundo dizia que Mussolini possuía incalculável tesouro. Obras de arte, dinheiro, ouro amoedado e em barras, prataria, jóias a granel, tudo isso somando importância fabulosa. Asseveravam que, ao ver-se perdido, o "Duce" italiano escondeu o tesouro em lugar seguro, na esperança de que pudesse escapar das mãos de seus inimigos e dispor de tôda aquela riqueza em nação amiga ou tolerante. Mas o fim de Mussolini todos sabemos como foi: massacrado e dependurado como um suíno nas traves de uma barraca numa praça pública de Milão, ao lado de outros, inclusive, de sua amante Clara Petacci. De então até hoje se procura descobrir onde está o tesouro deixado pelo criador do Fáscio Italiano. Muita gente até hoje já está convencida de que não há tesouro nenhum. Mas as autoridades italianas não se deixaram levar pelo desânimo e passaram a prender suspeitos. Dentre muitas dessas pessoas contam-se umas trinta que serão julgadas agora. O processo contém coisas curiosas e tais indiciados terão que responder à pergunta: "Que aconteceu com o tesouro de Mussolini?". Todos os acusados são guerrilheiros e tomaram parte ativa na prisão e punição de Mussolini à luz do sol. Com certeza — pensam as autoridades policiais e da Justiça italiana — êsses lutadores sabem onde está o dinheiro, isto é, o tesouro. Muitos são comunistas e passou à crença pública que todos os guerrilheiros que deram fim ao "Duce", lançaram mão de sua riqueza fabulosa, constante de malas cheias de ouro, jóias e brilhantes, além de muito dinheiro. Não seria o caso de localizar-se o espírito de Mussolini e saber dêle onde está a verdade?

OS PUDORES DO PREFEITO



O sr. José Maria Bernal é Prefeito de Mellin, na Colômbia. Tendo encomendado um mural vistoso e evocativo dos episódios históricos de sua pátria, foi realizado o pedido pelo grande e famoso pintor patrício Pedro Gomez. Inaugurada imensa tela, o Prefeito decidiu mandar cobri-la com umas cortinas que impedissem a visão humana sôbre certos trechos da obra monumental. E por quê? Apenas por isto: há, na pintura, algumas figuras nuas. A pudicícia do Prefeito de Mellim não pode admitir que aquelas "imoralidades" nuas e cruas comprometam a austeridade do seu cargo de chefe do executivo do município. Os meios artísticos do país se agitaram e a imprensa tem comentado com certa jocosidade os pudores do Prefeito. Como não podia deixar de ser, os "cariocas" de lá inventaram muitas anedotas e "bolas" em tôrno do caso. A imprensa tem publicado "charges" engraçadas, festejando a decisão do Prefeito contra a obra-de-arte do consagrado pintor. Não resta a menor dúvida, de que o Prefeito não tem a menor razão. Imagine-se se êle visitasse a Capela Sixtina do próprio Vaticano e visse lá em cima afrescos de Michelangelo com Adão ao pé da macieira, voltado para o observador, completamente nu... Que não diria o Prefeito de Mellin, se viesse ao Rio e fôsse assistir a um espetáculo em nosso Municipal e detivesse a vista nos altos do pano de bôca. Com certeza taparia os olhos para não ver as "imoralidades" de tanta figura mitológica em qualquer manto diáfano da fantasia... Não, Sr. Prefeito. A arte que reproduz uma Friné, uma Vênus a nascer das espumas das ondas, completamente nuas, não encerra nada de imoral. A intenção e a malícia dêsses pudores é que são indecentes...

DE TUDO SE MORRE



Duas estatísticas bastante curiosas divulgaram os jornais nestes últimos dias. Uma, a mais dolorosa, se refere ao número de mortes registradas nos Estados Unidos no dia da Independência Americana. A outra, também muito deplorável, dizia respeito a elevado número de pessoas que enlouqueceram por motivo do intenso calor que fizera, faz pouco, em tôda a Itália. Conforme as notícias espalhadas pelas agências telegráficas em Milão o calor abafadiço e úmido mexeu de tal forma no cérebro dos italianos daquela cidade, que várias pessoas perderam a razão sendo internadas em hospitais. Os casos graves terminaram em morte, enquanto os mais leves, foram curados e os loucos de calor voltaram às suas casas. Nos Estados Unidos, porém, os festejos do "Dia da Pátria" resultaram terrivelmente trágicos. Mais de seiscentas pessoas morreram por acidentes, desde os mais inesperados em suas próprias residências, como os que desapareceram sob as rodas de trens, ônibus, de autos, caminhões, etc. Nesse etc., leitor, estão nada menos de 122 afogamentos! Mais de cem pessoas perderam a vida nos Estados Unidos no dia da Independência! Mas como?... Indagará o leitor assombrado. A estatística não esclarece. Não se sabe se se afogaram em praias de banho, em rios, lagos, piscinas, ou... em "whiskey and Soda". E' que num dia como o da Independência Nacional dos norte-americanos todo mundo vai festejar a Liberdade, e, como em tôda parte, não pode haver festas cívicas sem a cooperação de cerveja, geribitá, vodka, gin ou whiskey, é natural que muitos se afoguem na "pândega" e não voltem mais para casa. Seja como fôr, é tristíssimo morrerem centenas de pessoas apenas porque todo um povo de milhões festeja a Independência.



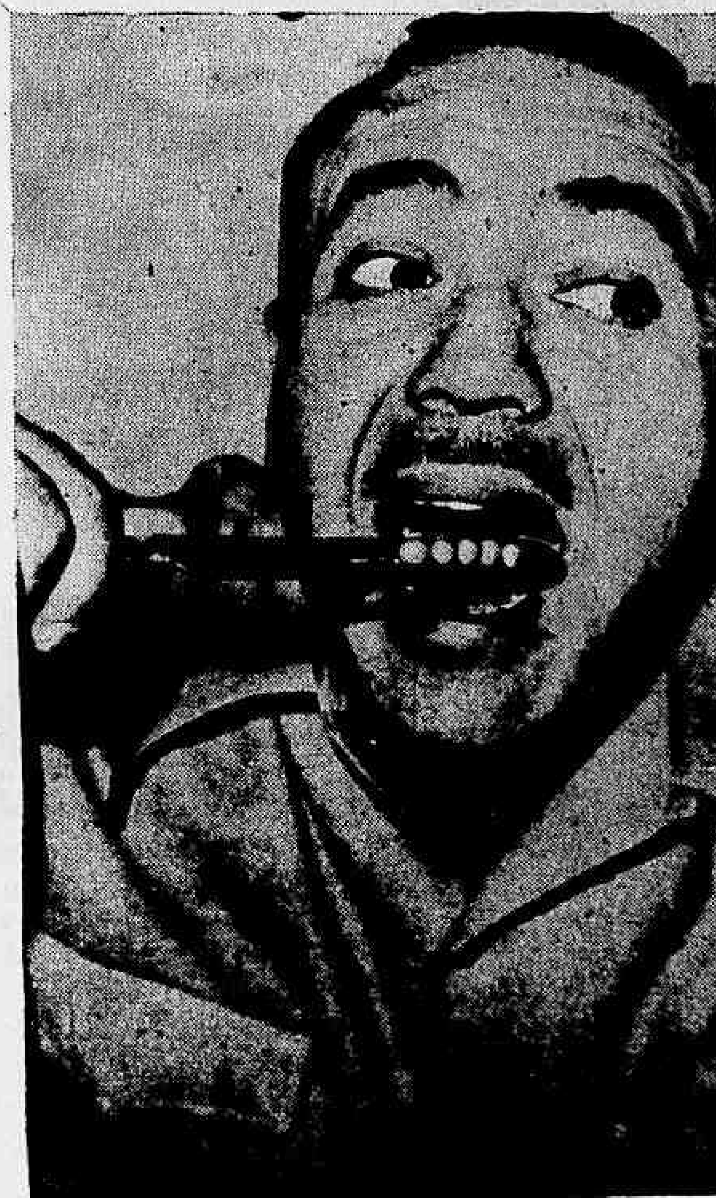
ÊSTE CIDADÃO DE LOS ANGELES na Califórnia, Estados Unidos, está mostrando prática e objetivamente o que é a última invenção de sua autoria. Todos os anos o «Clube dos Inventores» (ou das invencionices, como quiser o leitor...) reune os seus filiados num grande concurso obrigado a prêmios e examina as mais úteis e importantes invenções do exercício social e... inventivo. O nosso amigo aqui concorreu com esta invenção evidentemente curiosa: uma colher de sopa é ligada a um tubo de borracha que, por sua vez tem a uma das extremidades uma bomba também de borracha, coisa semelhantes a esses vaporizadores de perfumes. Quando se vai tomar a sopa ou o bife e estão muito quentes, nada de soprar. Basta acionar o tubo, conforme se vê na gravura.



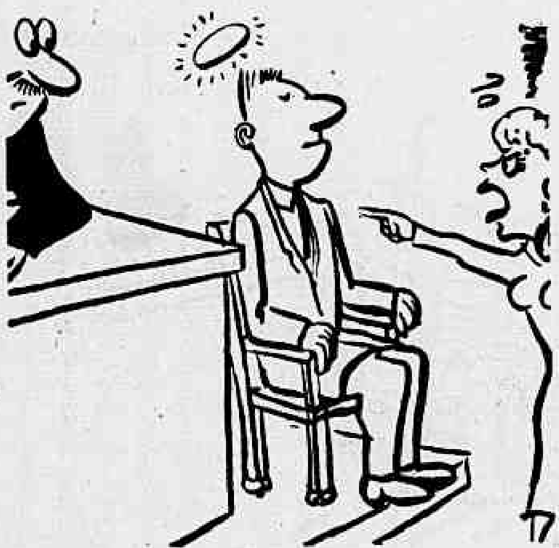


ESTA OUTRA INVENÇÃO é também do mesmo Clube de Invenções práticas. O seu autor é de Los Angeles e obteve outro prêmio. Trata-se, porém, de um sistema condenado pelas Boas Maneiras à mesa, ou seja, servir-se alguém da faca e com ela meter comidas na bôca. Mas os inventores do tal Clube são invencíveis e conceberam este exemplar de faca contendo um sulco ao meio da lâmina para que ali se acomodem azeitonas, ervilhas e outros alegumes saborosos muito usados nas refeições Entretanto, êssa invenção não pode ir adiante Todo mundo diz que é falta de educação levar-se a faca à bôca quando almoçamos ou jantamos.





E' DE MATAR LEÃO



EXIBIU o Cine-Metro, na semana passada, um complemento animado que recebeu a consagração dos espectadores. Trata-se de um dêsses filmes à Walt Disney, cujo argumento é de uma graça sem par.

Um ratinho do tamanho de um caroço de azeitona, faz tanta raiva a um leão feroz e invencivel, que êste poderoso animal perde o juizo e vai para um circo completamente idiota. O que provoca maior graça nos espectadores é a maneira de agir do camondonguinho malandro e ardiloso. Vive a repetir nas bochechas do leão: "bu"!

O leão se vira, faz esgares, pula, se irrita, e o bichinho a escapar-lhe sempre das garras: "bu"! Isso uma, duas, cinco vêzes, sempre êsse irritante "bu", dito sêcamente, cinicamente, provocadoramente pelo insolente ratinho. Um dia o leão ensandeceu, amolado, irritado, escarnecido pelo estribilho insuportável: "bu"!

O filme de desenhos animados nos veio à mente quando lemos esta história passada no Texas, em Fortworth, na semana que se foi: Uma senhora de 31 anos, era casada e muito bem, com um cidadão que a tratava muito bem.

Ambos viviam espléndidamente e eram citados como um casal digno de elogios e de imitação. Mas um dia correu pela cidade uma noticia que surpreendeu a todos, especialmente aos vizinhos: ela entrara em juizo com um pedido de divórcio!

Foi sensacional a novidade para os pacatos habitantes de Fortworth. Que teria sucedido? Não eram tão felizes? Êste mundo era mesmo cheio de mistérios.

No dia do julgamento a Côrte se encheu, e quando madame teve que explicar de viva voz por que requeria divórcio, declarou que já não suportava mais o marido a acordá-la tôdas as noites para dizer: "Você dará um belo cadáver!". Ora, se um leão enlouqueceu com um "bu!" imagine-se o que não sucederia a ela...

RAINHA DO EGITO

A melhor maneira de unir o Oriente ao Ocidente é provocar uniões matrimoniais entre gente rica de ambos os lados. E se os casais forem constituidos por pessoas de sangue real, ainda melhor.

E' verdade que, nesta parte do mundo que se chama América, não há mais essa história de sangue real. Aqui todo sangue é mesmo vermelho, tendo desaparecido a blague aristocrática de sangue azul. Mas, se uma jovem americana casar-se com um rei lá do Nascente, mesmo que o casamento seja taxado de morganático, não resta dúvida de que o Oriente se aproxima do Ocidente, e, o que é mais importante, pelos laços do coração.

Foi pensando assim que a belissima Mimi Medard, uma loura norte-americana, filha de milionário de St. Louis, foi passar uma temporada de banhos em Deauville, elegante e frequentadissima praia da França.



Que tal se um principe encantado lhe surgisse ali e se enamorasse dela, como já vem sucedendo com outras mulheres de sua terra, como se viu recentemente com Rita? E miss Medard sentiu que a idéia medrava mesmo em seu espirito.

Tomava banhos na linda praia, quando notou que um outro banhista não podia tirar os olhos de sôbre seu "maillot" elegante e caro. Êle também não era feio, mas parecia ser gente oriental. Talvez um indiano, quem sabe?

Miss Medard entrou em maiores aproximações e teve esta surprêsa agradável: estava sendo cortejada pelo rei Farouk, do Egito! E lhe vieram à mente as pirâmides, a esfinge, as ruinas de Tebas, a figura lendária de Cleopatra, as guerras púnicas, as invasões de persas...

E enquanto isso, o coração do rei ferve de amôres pela encantadora norte-americana...

CASAR NÃO E' BRINCADEIRA

JEAN Labelle é um rapaz de Montreal. De gênio expansivo e brincalhão, já cansado de divertir-se com pequenas e pique-niques, decidiu casar-se. Entre os seus amigos mais intimos a novidade assumiu caráter de grande sensação. Seria possivel? O Labelle casado! Esta era fina. Mas o rapaz estava mesmo com vontade de passar para o rol das pessoas sérias e pediu a mão de Marie Dillo. Os pais da jovem, embora não estivessem muito inclinados a conceder, terminaram por submeter-se ao fato. Marie estava apaixonada por Jean, e êste, ao que parecia, estava louco por ela. E quem poderá deter a marcha de um grande amor? Ninguém. Nem mesmo a morte, como ficou provado com aquêle drama poético de Guimarães Passos no "Noivado do Sepulcro".

Deixemos, porém, êsses episódios lúgubres e vejamos o que sucedeu com os amôres de Jean e Márie, casal venturoso, cheio de sonhos... Preparado o enxoval da moça, marcaram o dia do enlace. Jean parecia estar mesmo compenetrado de seu novo estado civil. Ficara sério, deixara aquela vida de prazeres. Um outro homem.

No dia do casamento, os noivos se encaminharam para a igreja local. Tudo de acôrdo com o ritual. Padrinhos, os pais, parentes próximos, convidados, crianças suspendendo o véu, "bouquet", expectativa. O cortejo chegou à igreja e o noivo pediu licença para afastar-se um pouco. Os minutos se passaram. Meia hora e nada de êle voltar. Uma hora depois, a jovem em lágrimas, os pais em desespêro, cochichos e risinhos atrevidos... O noivo dera o fora! Mas foi detido e levado ao tribunal. O juiz o condenou à multa de 611 dólares por "humilhação à noiva e prejuizo aos pais da mesma". Jean quis fazer graça e se desgraçou...





DEPOIS DE VINTE E CINCO anos de ausência, volta a famosa dança «charleston», criação coreográfica dos Estados Unidos, à ordem do dia. Muita gente já julgava que o «charleston» estivesse morto. Os norte-americanos espalharam pelo mundo outras danças esquisitas e violentas como o «jitter-boogie», de maneira que o «charleston», que fêz as delícias da mocidade até 1928, mais ou menos, foi riscado dos programas de bailes e pique-niques, cedendo seu cetro a outras extravagâncias daquele naipe. Agora, porém, Hollywood volta a lançá-lo e o «charleston» está dominando os pares. E aqui estão os novos adoradores do bailado agitadíssimo: uma concorrente do concurso de Charleston em Hollywood e os artistas Maxie Rosenbloom, se arrebentando todo ao lado de Martha Raye, ambos juizes no julgamento do concurso.

ESPANTOSO

NÃO sabemos se há nos registros policiais dêste mundo, em qualquer de suas cinco partes, caso mais espantoso do que êste que acabamos de ler num telegrama da U.P., procedente da capital da França para um de nossos principais diários.

Em resumo, eis o fenômeno: o jovem Paul Hufford, de 27 anos, apaixonou-se por uma "demoiselle" de sua terra, ou, como querem outros, foi ela quem se apaixonou por êle. Mas isso seria outro capitulo da história.

Dêsse amor nasceu uma criança muito sabidinha e robusta. Ora, como ainda os apaixonados não haviam legalizado a união diante do altar ou em face da lei, nada mais justo do que a futura Mme. Hufford recorrer aos tribunais para compelir seu sedutor a pôr os pontos nos "ii".



Contràriamente ao que se esperava, Paul se negou terminantemente a casar com a pequena. Houve intervenção suasória de amigos e parentes, mostrando que isso não devia ficar assim, uma vez que aquela jovem estava prejudicada em seu futuro, arrastando na queda o rebento do seu amor.

Apelaram dramàticamente para os bons sentimentos do jovem. Tudo em vão. Êle não queria, de forma nenhuma, assumir tamanho compromisso. Sòmente depois de sua obstinação e teimosia, foi que a moça decidiu entrar com a questão em juizo.

Chamado a depor, Paul fêz esta revelação sensacional: "O menino não é meu filho". A moça jurou como era: "Tome, que o filho é seu"! Os juizes e advogados cerraram fileiras, tudo a favor da moça. Para dar o tiro de misericórdia na questão, Paul Hufford declarou: "Não é meu porque eu sou mulher!". E era. Vivera simulando ser do sexo masculino e chegou mesmo a ter noivas, como a queixosa... Paul, dêsse momento em diante, passou a ser Mlle. Pauline...

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO



UM cidadão estrangeiro chegou a Buenos Aires e foi coberto de gentilezas por parte da sociedade portenha. Homem de fino trato, traquejado na vida social, não poderia deixar a capital argentina sem retribuir tantas gentilezas ali recebidas.

Tendo marcado sua viagem de volta à sua terra para o dia 10 de setembro, cumpriu um dever de urbanidade e cortesia, convidando seus amigos para um jantar de despedida numa das "boites" da grande metrópole sul-americana.

O ágape se realizou numa das boas casas do gênero da Av. Nove de Julho. Não fôra um jantar, e sim, verdadeiro banquete. Do cardápio constava, dentre outros pratos caros e de fama internacional, caviar, polvo, além de champanha, tortas complicadas, etc. E' escusado acrescentar que reinou entre os comensais a maior alegria, trocando-se brindes e saudações cordialissimas.

Depois de esvaziados os últimos copos e sorvidas as últimas taças, o anfitrião pediu a "dolorosa". A dolorosa é, em tais casos, a continha...

O garção a trouxe com as devidas reservas e o nosso herói pôs os óculos para não errar. Todos notaram que o homem empalideceu. Estêve a ponto de desmaiar, e, intimamente, pediu a Deus que mandasse urgentemente um terremoto, um cataclismo, um ciclone, uma coisa capaz de fazê-lo desaparecer da face do planêta.

E' que a "notinha" somava apenas isto: 6.200 pesos! Onde iria buscar tanto dinheiro? Veio então a policia como uma sobremesa absolutamente indesejável e foi tudo para a cadeia. Mas, sucede que, lá no distrito, o delegado ouviu a gritaria e foi somando o cardápio de acôrdo com os preços da tabela e achou que o jantar para nove pessoas não podia passar de mil pesos. Então mandou buscar o dono do restaurante e o meteu no xadrez, soltando os iludidos...

A VITÓRIA DO SAPO



O povo norte-americano é louco por esportes. De tudo fazem êles uma competição esportiva e alegre. Corridas de motocicletas e autos velocissimos cedem lugar a corridas de tartarugas sonolentas e vagarosas como lesmas. Se há campeões de corridas razas, em velocidades incriveis para duas pernas humanas, também os norte-americanos reúnem as mamãs e inscrevem meninos de um ano que apenas engatinham e organizam corridas de quatro pés incluindo os joelhos...

Miss Ann von Henk, que, pelo nome, ou é alemã ou descende das gentes de Frederico, o Grande, sempre foi adepta de esportes violentos. Mas, como representante do sexo belo e frágil, como se dizia ao tempo do romantismo, não sabia como obter inscrição numa corrida a mil quilômetros por hora.

Depois de muito pensar, porém, encontrou uma solução. Se inscrevesse um animalzinho para competir em saltos? Naquela semana se levava na feira de Chicago um campeonato dos mais curiosos: corrida de sapos!

Corrida de sapo é um modo de dizer, pois que êsses bichos do reino dos bratáquios não correm, pulam. E Ann saiu por êsse mundo a fora à procura de um "ás" das lagoas e charcos para torná-lo o mais famoso sapo dêste mundo.

Depois de muito procurar, achou um exemplar da família dos "maricopas", que possuia excelentes pernas para saltos de légua e meia. Era animal estimado entre certas tribos lá dos confins do norte; mas miss Ann von Henk soube captar as simpatias daquela gente e adquiriu o sapinho.

Inscreveu-se na Feira de Chicago e aguardou o dia da prova, muitas apostas aceitou no seu "crack" e... venceu! Ann agora é uma das fãs de sapos. Não há mais belo animal neste mundo!

QUE MALANDRO



CORRE no fôro de Nova York um processo que, em face do seu principal protagonista, deve ser inédito. Um rapazinho de quinze anos se casa com uma jovem de dezoito. Vivem algum tempo e, logo depois, sem nenhum processo de divórcio ou anulação de casamento, o mesmo rapaz, que já conta dezessete anos na corcunda, enamora-se de outra e se casa com ela...

Chama-se êle Frank Miller, e suas espôsas Loretta Sávireno Miller e Betty Gibson Miller. Miss Loretta não gostou muito da maneira de o maridinho abandonar a casa sem dar mais notícias e lhe saiu no encalço.

Um belo dia, eis que descobre o novo "ninho de amor" do fujão. Nada mais tem a fazer do que advertir à outra enganada que o inocente Miller é seu espôso legal e sacramental. A segunda mulher se une à primeira e ambas vão à Justiça denunciar Frank como um refinado malandro.

Citado em juizo, o bigamo de dezessete anos comparece perante o tribunal e ouve a acusação. Enfrenta as suas caras-metades e explica o motivo por que assim agira. Êle julgara que o seu casamento com Loretta estava nulo, uma vez que a desposara com apenas quinze primaveras e ela com dezoito.

Mas o juiz não achou razão nenhuma nesse motivo e o condenou a pagar multa de dez mil dólares ou ir para a cadeia no mesmo instante Quanto às jovens iludidas, só desejam agora uma cousa: livrarse do malandrinho que, ainda tão jovem, já possui a pinta de verdadeiro Barba-Roxa, ou de mestre consumado na escola dos Lovelaces ou D. Juans.

E se a Justiça norte-americana não o punir exemplarmente êsse jovem, se viver até aos setenta, será mais "importante" do que Abdel-Krim.



ÊSTE MÉSTRE CUCA é o famoso compositor espanhol José Padilha, autor consagrado mundialmente. Suas músicas obtiveram grande sucesso em Espanha e por toda a Europa e Américas, destacando-se «Valência», «La Violetera», «Princesita», e «Isto é Paris» (Ça c'est Paris). Mas, quando não está ocupado e preocupado com as notas e o pentagrama, as claves e os sustenidos, Padilha vai para a cozinha de seu belo apartamento da capital francesa e ali procura criar outros poemas, mas de natureza culinária. Padilha recebe verdadeiras fortunas de direitos autorais e mantém conta corrente com bancos de 50 cidades por todo o mundo, e agora mesmo deram seu nome a uma das melhores ruas de Valência. E ei-lo a provar uma fritada de sua invenção dando a «nota» na sinfonia culinária...



Moinho de la Galette, próximo ao Jardim de Montmartre.



Moinho de Longchamp, adornado pela héra

OS MOÍNHOS DE PARIS

ALBERT MOUSSET

QUANDO se fala a um estrangeiro — e mesmo a um parisiense — dos moinhos de Paris, êle pensa logo, e apenas, no Moinho da Galette e no Moinho Vermelho (Moulin de la Galette e Moulin Rouge). Melhor dito, evoca antes as imagens festivas, que a centena de moinhos verdadeiros, que outrora se perfilavam no céu da capital francesa. Uma dezena de nomes de ruas nos recordam, entretanto, a existência dêsses moinhos. Os primeiros foram construidos na Idade Média nas pontes do Sena. Só os Templários possuiam nove, pelos quais pagavam aluguel ao municipio; muitos foram destruídos no século XVI para desembaraçar a navegação no rio.

Uma dessas pontes, hoje desaparecida, chamava-se a Ponte dos Moleiros. Tinha onze moinhos. Era, aquilo, uma pequena república: a passagem dessa ponte, proibida acs transeuntes, era reservada aos moleiros. E rezam as crônicas que êles se desforravam, ali, das fadigas do dia. Faziam-no, aliás, da maneira mais alegre. Dizia-se então, de uma rapariga de virtude prejudicada, que tinha «passado pela ponte dos moleiros». Daí vem igualmente uma expressão popular francesa que diz: «lançar o barrete por cima dos moinhos». Alguns deles, estabelecidos no Sena, ficavam ao serviço dos artifices parisienses: assim, Henrique III autorizou o estabelecimento de um moinho sôbre duas barcas na ponte de Notre-Dame para amolar e polir as armas.

Todos desapareceram durante o século XVIII; um dos últimos, instalado no quarto arco da Pont-Neuf (Ponte Nova), incendiou-se em 1778 devido à imprudência de um guarda, quando, com uma candeia, procurava um escudo de três libras caído debaixo da enxerga...

No século XVI, havia vários moinhos em plena Paris, no cruzamento da Rua Saint-Anne com a dos Petts-Champs; daí o nome de Butte-aux-Moulins que ainda hoje se dá a êsse cruzamento. O alto (a butta) foi arrasado no século seguinte; só resta em sua memória, o nome de «Rue des Moulins».

Em compensação, ainda existe hoje, em Paris, um moinho de pedra edificado nos princípios do século XVIII. E' uma terra redonda, com o teto em forma de guarita, que se vê no meio do cemitério de Montparnasse.

Quando os irmãos de Saint-Jean de Dieu se estabeleceram na Rua dos Saints Pères (dos Santos Padres, deformação de «Saint-Pierre», São Pedro), construíram êsse moinho para as necessidades da comunidade e do hospício que dela dependia. Com o tempo, êsse «moinho da Caridade», transformou-se numa ponte de passeio. O moleiro vendia aí um vinho clarete e bolos. Quando das convulsões provocadas na França pela **Bula Unigenitus,** os partidjrios dos jesuitas se reuniam aí para cavaquear sôbre as notícias da Côrte e da cidade. Também se lhe chamou o «moinho molinista», alusão ao jesuíta espanhol Molina, autor da teoria que conciliava a liberdade com a graça e a presciêncie divina. Em compensação, o moinho das Três Cornets, em Vanvez, freqüentado pelos adversários dos jesuitas, era o «moinho jansenista».

Quem poderia esperar ver os moinhos engalfinhados em uma querela religiosa!

O moinho de Montparnasse perdeu suas asas e seu destino em 1824, data em que foi incorporado ao cemitério. Instalou-se, então, no primeiro andar, o depósito dos arquivos da necrópole, enquanto o rés-do-chão era reservado para a ferramenta e uma oficina de marceneiro.

Quando faleceu Emile Bourdelle, o grande escultor, em 1929, a viuva pediu lhe fôsse concedida licença para transformar o moinho no mausoléu do artista. Mas a administração alegou que êsse moinho não podia, de forma alguma, ter um destino funerário, nem mesmo um simples epitáfio. Vestido hoje de hera, não nos parece muito deslocado naquele cenário melancólico.

A Comissão da velha Paris conseguiu classificá-lo, em 1931, como «monumento nacional», honra assim prestada a êsse veterano parisiense.

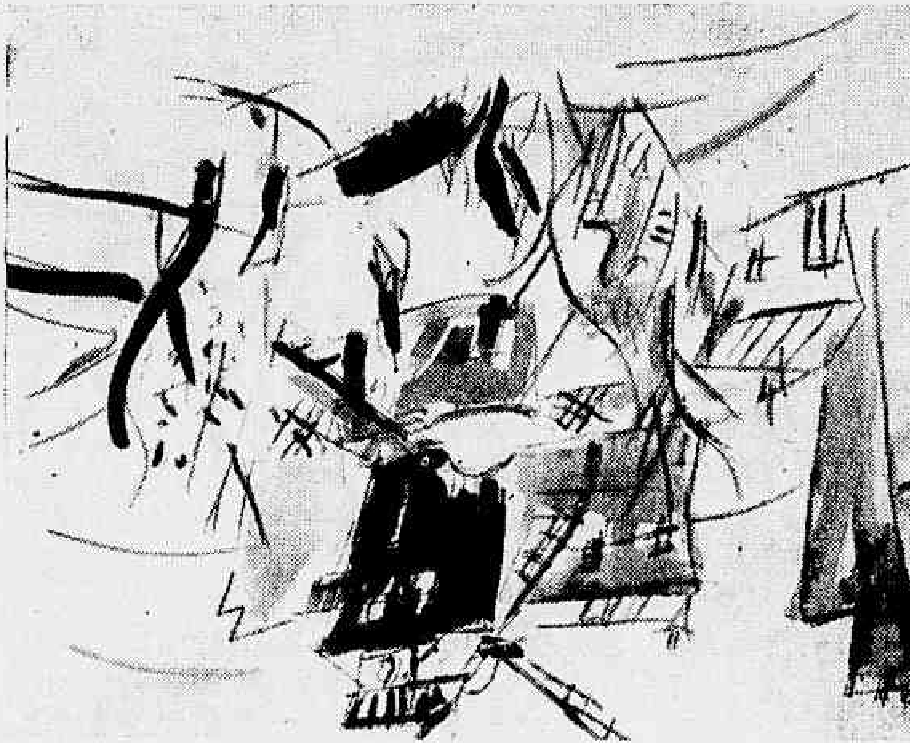
No fim do velho regime, reuniam-se no alto de Montmartre os moinhos da capital, de que aquêle era então um subúrbio. «Essa montanha está coberta, por assim dizer, de moinhos de vento», constata um historiador de Paris dos tempos de Luís XV, Piganiol de la Force. Na realidade, não deviam passar de vinte e cinco. Desapareceram todos, menos dois, o Radet e o moinho «Blute-fin» ou do «Point de vue», mais conhecido sob o nome de Moulin de la Galette. O primeiro foi deslocado em 1924 para servir de insignia a um «dancing». O segundo era o único de tôda a Ile de France que conservava o mecanismo intacto. Êsse moinho tem uma história dramática: o moleiro Debray, que defendeu heroicamentte a posição contra os aliados em 1814, foi esquartejado em suas asas. Transformado, também, em lugar de diversão, sua disposição interior sofreu, infelizmente, durante a última guerra, depredações lamentáveis. Mas sua silhueta resta intacta e dá ao bairro um cunho de pitoresco com um forte sabor do passado.

Os moinhos de Monmartre têm sido reproduzidos até o infinito a lápis, água forte e a pincel. Poucos são os grandes museus do mundo que não os possuem em imagem, em quadros de Corot, de Van Gogh, de Toulouse Lautrec, de Renoir, de Léandre ou de Willette, para não falar dos artistas vivos, como Utrillo. E' realmente um painel do céu de Paris. Estão classificados como «monumento histórico» com o conjunto do sítio histórico constituído pela «Butte».

O último moinho parisiense que funcionou foi o da antiga abadia de Longchamp. Substitúi outro moinho construído em 1512 para serviço das religiosas estabelecidas nesse lugar pela irmã de São Luis. Também sofreu muito com a última guerra; um bombardeamento danificou-o gravemente. A administração das Belas Artes da Câmara Municipal de Paris trata neste momento de sua restauração.

Os quatro moinhos que ainda subsistem em Paris estão sob a proteção do Estado ou do Município.

(Do Serviço Francês de Informação)



Aquarela do Moinho de la Galette,, por Gen-Paul.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Na Casa de Romão Duarte (Sabino Canalini) 4/7
Cem vêzes ela saltou de pára-quedas (Carlos Tenório) 15/17
Festas de alegria nos funerais da China (M. Aza) . 20/21
A maior data nacional .. 23/27
O fenômeno Giuliano (João Teles) 32/35

LITERATURA

Chuva de Candidatos (João do Rio) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 12/13
A vida de George Elliot (Henry Dana—Lee Thomas) 18
Vingança (Demósthenes Guanais) 28
Um rosto marcado (José de Oliveira Nunes) 36
Os moinhos de Paris (Alberto Mousset) 58

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8
Personagem da Semana ... 8
Puxe pelo cérebro 9
Correio da Revista 48
Palavras Cruzadas 49
Música (Roberto Lyra Fº) 50
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 51
Tudo isto aconteceu 55/57

HUMORISMO

Bom-Humor 14
Véspera de Eleições (Théo) . 19
Eco (Nicodemus) 22

FOLHETIM

Salva pelo amor 54

FEMININAS

Tafetá 37
Modelos de Hollywood 38/39
Tôdas as horas 40
Algodão 41
"Tailleurs" claros 42
Vestidos Pretos 43
Week-End na Cozinha 44/45
Em Palha 44
Quinzena de modas de 1950 45

ILUSTRAÇÃO: O. Cunha.

BONECOS: Rafael.

FOTOS: Sabino Canalini — Carlos Tenório — Arnaldo Vieira — Ipa — Avulsas.

★

NA CAPA

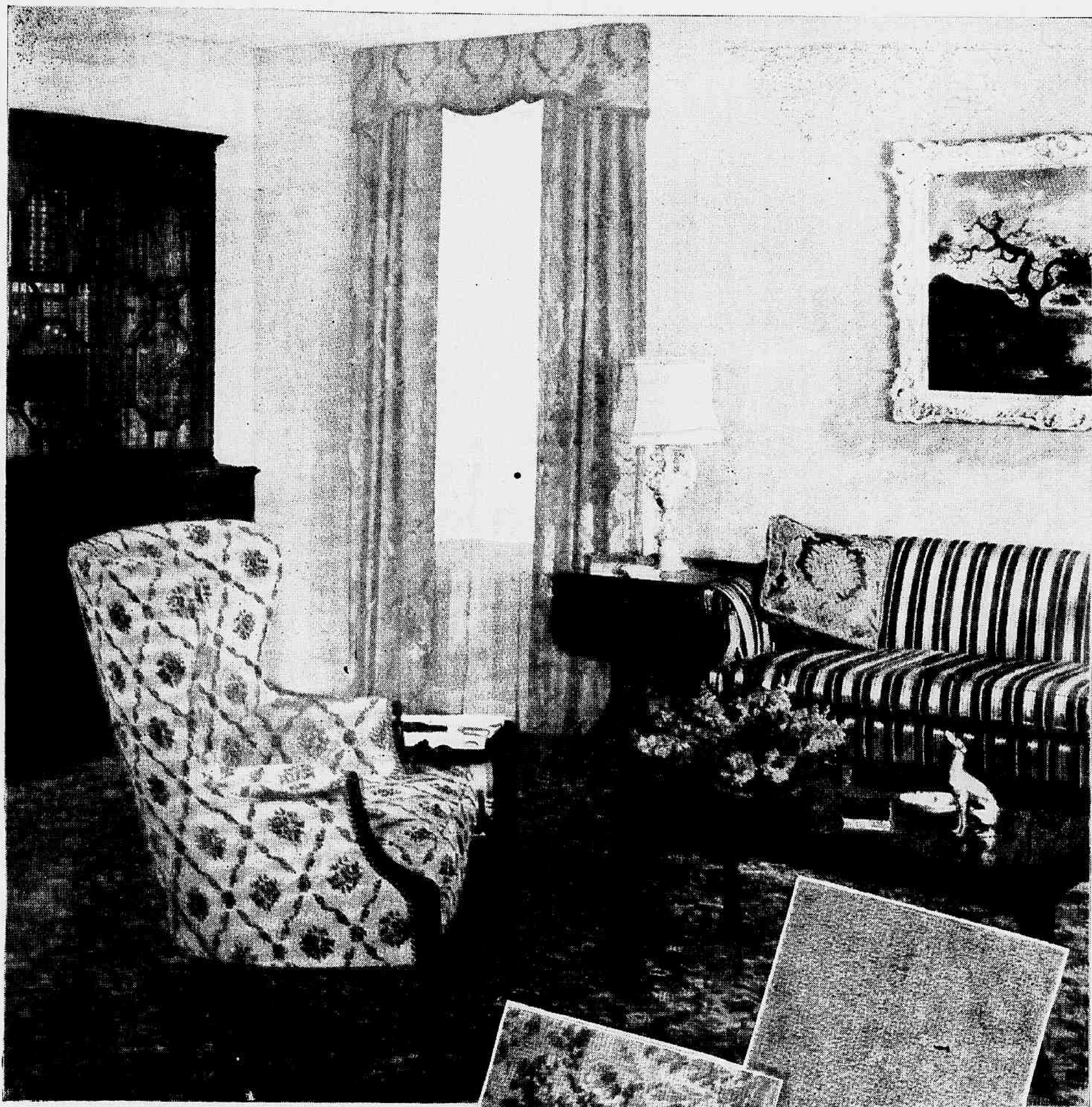
Ann Blyth

(Universal-International)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Antes do descobrimento do Brasil (1442).
2 — 1812 (outubro).
3 — Rasgando o ventre a espada.
4 — Água (duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio).
5 — Talmude.
6 — Ao Esp. Santo.
7 — Buffon.
8 — D. Pedro II (1843).
9 — Sete.
10 — Chegada de Américo Vespúcio a Lisboa (1502).
11 — 1877 (sete de setembro).
12 — Farol Paulistano (1827).
13 — Na Bahia (Academia dos Esquecidos, 1724).
14 — Septem Mane (sete manhãs).
15 — Sete (lírico, épico, heróico, dramático, pastoral, rítmico e métrico).
16 — 17.
17 — Polônia (Paderewski).
18 — Ao Cardeal Richelieu (1627).
19 — Platão.
20 — Médico.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



GRUPOS E POLTRONAS ESTOFADOS

UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS

SORTIMENTO INCOMPARÁVEL DE

TAPETES E PASSADEIRAS



65 - RUA DA CARIOCA, 67 - RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

No Grande Hotel, em Guarujá, paraiso de férias da sociedade paulista.

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H-88.059